Universidade de São Paulo
Faculdade de Saúde Pública

O Negócio do “Prazer Remunerado” nos Discursos de Garotos Que Fazem Programa.

Geraldo Pereira da Silva Júnior

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Área de Concentração: Saúde, Ciclos de Vida e Sociedade
Orientador: Prof. Dr. Rubens de Camargo Ferreira Adorno

São Paulo
2012

O Negócio do “Prazer Remunerado” nos Discursos de Garotos Que Fazem Programa.

Clara Cavalcante da Silva (nome social)
Geraldo Pereira da Silva Júnior

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Área de Concentração: Saúde, Ciclos de Vida e Sociedade
Orientador: Prof. Dr. Rubens de Camargo Ferreira Adorno

São Paulo
2012

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na sua forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da tese/dissertação

Dedicatória

Dedico ao garoto de programa que sofreu a violência do tráfico de órgãos e teve cruelmente o seu rim roubado.

Fiquei e ainda estou muito chocada com sua história, uma das que mais marcou e seguirá nítida em minhas lembranças do processo de pesquisa de campo, pois materializa e reúne em si todas as fragilidades que vivenciam e a que estão expostos esses garotos. Fragilidades essas que são invisíveis aos olhos preconceituosos de quem os veem de dentro do conforto de seus carros, por meio de telenovelas ou mesmo quando atravessam a rua para não encontrá-los na mesma calçada.

Até hoje, quando leio e releio esse momento vivido e compartilhado durante minha pesquisa, sinto vontade de chorar, ânsia de vômito, arrepios e fico paralisada por alguns momentos, somente depois consigo retomar a leitura.

A você, que sequer nos conhecemos, mas que tanto contribuiu!

Agradecimentos

Amigos da Faculdade de Saúde Pública: Iara e Leandro que incansavelmente me acolheram e estimularam para que eu persistisse em minhas tentativas de ser aceita no doutorado; a todos os profissionais que trabalham nos serviços de pós-graduação que gentilmente sempre me atenderam, e à eficiência dos profissionais da biblioteca.

Aos queridos professores do Programa de Doutorado, em especial à minha madrinha Profa. Dra. Maria da Penha, à Profa. Néia Schor por todo seu esforço no último processo seletivo pelo qual passei, à maternidade generosamente cedida pela Profa. Dra. Augusta.

Às doutoras da pré-banca: Profa. Dra. Augusta, Profa. Dra. Néia, Profa. Dra. Luciene e Profa. Dra. Giliana, que sem abrir mão do rigor científico, foram carinhosas, atenciosas e corajosas ao se prontificarem a ler as 407 páginas apresentadas na 1ª versão da tese.

Meu orientador por ter aceitado o projeto e me acompanhado nessa longa jornada de quatro anos vivenciada entre as fronteiras sociais e as sutis fronteiras da academia.

Ao CRT - Centro de Referência em DST/HIV/AIDS pelas horas cedidas de trabalho para investimento na pesquisa de campo e na construção da tese.

Minha família que me apoiou em todos os momentos, principalmente naqueles que realizar esse sonho parecia impossível.

Aos amigos de perto e de longe, que ora muito próximos, ora distantes, deixaram palavras de estímulos e conforto.

Minha psicóloga Roberta, que em tão pouco tempo, intensamente me amparou em vários sentidos, dentre eles os desafios do doutorado.

Meus queridos da Turma do Barril, isso mesmo, aquele “pessoalzinho arretado” do CTA-Favo de Mel, agradeço por todos os momentos e em todos os sentidos em que vocês me apoiaram. Nesse momento, meus olhos ficam marejados, não existem palavras que possam traduzir minha gratidão.

Na roda da vida, tenho percebido que sempre ganho um sobrinho quando estou concluindo um curso, dessa vez, recebo a notícia de mais um presente da cegonha por meio das brincadeiras entre Léo e Carolina.

Principalmente a dona do meu *ori*: *Eparrei Oyá!* E a todos Orixás!

RESUMO

Ao abordar o tema “mercado sexual”, destacamos a prática da prostituição como uma das principais maneiras de se inserir e atuar nesse universo. No presente trabalho voltamos o olhar para a prostituição de rua praticada por garotos de programa, com o intuito de entender e revelar subjetividades presentes nesse contexto, uma vez que, no campo da Saúde Pública, esse tema geralmente culmina em um viés epidemiológico, voltado para os riscos que correm de contraírem doenças sexualmente transmissíveis. Com base nas referidas pesquisas, programas de Saúde Pública, na maioria das vezes, planejam e executam ações que entendemos como “engessamento” social e de saúde. Nesse sentido, contribuímos trazendo novas informações sobre o tema, oriundas da pesquisa realizada no período de 2010-2011, junto a garotos de programa da região de Osasco, Grande São Paulo/SP. Metodologicamente, contamos com contribuições de pesquisas etnográficas, destacando-se a observação-participante, o diário de campo, as entrevistas itinerantes e em profundidade. Ao longo da pesquisa emergiram categorias de análise como sexualidades, hierarquias sexuais e masculinidades. Referências de autores como Gayle Rubin, Michael Foucault e Nestor Perlongher foram fundamentais para a aproximação teórico-metodológica. Consideramos que, comparativamente ao cenário no qual estavam inseridos os garotos de programa que atuavam em São Paulo entre as décadas de 70 e 80, surgiram novos códigos e novas categorias de atuação, cujas práticas não necessariamente são interpretadas como prostituição. Nesse sentido, esses garotos não se identificam inseridos em um mercado sexual e elegem o “prazer remunerado” como uma nova categoria para justificar suas vivências que se dão entre a clandestinidade, as práticas homossexuais e a afirmação da masculinidade. Por último, apresentamos também suas diversidades, especificidades e enfatizamos as inúmeras violências às quais estão expostos em suas práticas sexuais e comerciais.

Descritores: Garotos de Programa, prostituição, hierarquias sexuais, masculinidades, prazer remunerado, saúde pública.

ABSTRACT

To discuss about “sex market”, we focus on the prostitution practice as the primary way of enter and work in this universe. In this present study we look at the street prostitution practiced by lover boys with the intention of understand and reveal subjectivities present in this context, since, in the field of public health, this subject usually leads to an epidemiological bias, facing the risks of contracting sexually transmitted diseases. Based on these cited researches, public health programs often plan and develop actions that we understand as a social and health “immobilization”. In order to contribute about the subject we bring new information in this research performed with lover boys from Osasco – São Paulo/SP, between 2010-2011. Methodologically we have ethnographic research contributions, especially dynamic observation, field notes, itinerant and deep interviews. Some categories of analysis arose during the study as sexuality, sexual hierarchies and masculinities. Contributions of authors: Gayle Rubin, Michael Foucault and Nestor Perlongher were fundamental to the theoretical and methodological approach. We believe that compared to the lover boys who worked in São Paulo between 70’s and 80’s came up new codes and new categories of performance that are not necessarily interpreted as prostitution. In this sense, they do not identify themselves inserted into a sex market and choose the “paid-pleasure” as a new category to justify their experiences that takes place between the clandestinity, homosexual practices and the masculinity assertion. Finally, there are their diversities, specificities and countless violence which are involved during their sexual and commercial practices.

Keywords: lover boys, prostitution, sexual hierarchies, masculinities, paid pleasure, public health.

ÍNDICE

1 INTRODUÇÃO.....9

2 (IN) VISIBILIDADES DE GAROTOS DE PROGRAMA NO CAMPO DA SAÚDE PÚBLICA.....14

3 SOBRE O CAMINHAR METODOLÓGICO.....24

3.1 SOBRE O CAMPO: A REGIÃO DE OSASCO – GRANDE SÃO PAULO...24

3.2 SOBRE O CAMPO: A AVENIDA MARECHAL RONDON, TERRITÓRIO DE PROSTITUIÇÃO DE GAROTOS DE PROGRAMA.....27

3.3 SOBRE O MÉTODO E O PROCESSO DE PESQUISA 29

3.4- SOBRE OS PRINCIPAIS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....34

3.5 SOBRE OS PROCEDIMENTOS ÉTICOS.....39

4 GAROTOS DE PROGRAMA NAS FRONTEIRAS DA HOMOSSEXUALIDADE: REFLEXÕES TEÓRICAS NA PERSPECTIVA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS.....41

4.1 FRONTEIRAS ENTRE SEXUALIDADES, MASCULINIDADES E HOMOSSEXUALIDADES.....41

4.2 DIMENSÕES POLÍTICAS DA SEXUALIDADE.....45

4.3 DAS VIVÊNCIAS OCULTAS HOMOSSEXUAIS À VISIBILIDADE DA DIVERSIDADE SEXUAL.....56

5 A “MARECHAL”, SEUS CENÁRIOS E PERSONAGENS EM AÇÃO.....70
5.1 MAPEANDO CIRCUITOS, CENÁRIOS E DINÂMICAS ENTRE GRUPOS SOCIAIS.....70
5.2 A APROXIMAÇÃO DO CAMPO E A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DO NATIVO.....80
5.3 A “MARECHAL” JÁ TEVE SEU GLAMOUR: DESCORTINANDO NOVOS CENÁRIOS DE LUZ E SOMBRA.....86
5.4 TRAJETÓRIAS DE UM GAROTO DE PROGRAMA ATIVO.....98
5.5 TRAJETÓRIAS DE UM GAROTO DE PROGRAMA ATIVO E PASSIVO.106
5.6 “MARECHAL”: UM LOCAL DE HISTÓRIAS DE AMOR E ÓDIO NAS REMINISCÊNCIAS DE ROMÂNTICO.....115
5.7 ADENTRANDO O CENÁRIO DAS SOMBRAS E OUVINDO NARRATIVAS SOBRE VIOLÊNCIAS NÃO IMAGINADAS: O TRÁFICO DE ÓRGÃOS.....121
5.8 A VIOLÊNCIA COTIDIANA E AGRESSÕES DE GRUPOS LOCAIS AOS GAROTOS DE PROGRAMA.....128
5.9 OUTROS GAROTOS DE PROGRAMA E A QUESTÃO DAS MASCULINIDADES.....132
5.10 VALORES MORAIS, ESTIGMAS E CONFLITOS DE UM GAROTO DE PROGRAMA.....141
5.11 RELATOS SOBRE VIOLÊNCIAS E MASCULINIDADES NA “MARECHAL”: TIÃO GAVIÃO, O PERIGOSO E TRABALHADOR BRAÇAL, O OCASIONAL.....146
5.12 A HOMOSSEXUALIDADE TRAVESTIDA COMO GAROTO DE PROGRAMA: A HISTÓRIA DE UM CAMALEÃO.....150
5.13 DISCURSOS VELADOS SOBRE O PRAZER E DEMARCAÇÕES SIMBÓLICAS DO CORPO COMO PRESERVAÇÃO DA IMAGEM DO MASCULINO.....154
5.14 A “MARECHAL” COMO ESPAÇO DE TRANSGRESSÕES, PRAZERES E NEGÓCIOS.....158
5.15 DISCURSOS SOBRE ESPAÇOS PÚBLICO E PRIVADO NAS ATIVIDADES DE GAROTOS DE PROGRAMA E O FEMININO TRAVESTIDO DE GAROTO DE PROGRAMA.....166

6 REFLEXÕES SOBRE AS PRINCIPAIS CATEGORIAS E DINÂMICAS PRESENTES NOS DISCURSOS DOS GAROTOS QUE FAZEM PROGRAMA NA "MARECHAL".....175
6.1- ENTRE O NEGÓCIO E O PRAZER: AS MASCULINIDADES.....175
6.2 A CATEGORIA DISTÂNCIA, AS ESTRATÉGIAS VISANDO O ANONIMATO E A LUTA PARA NÃO EXPOR O MASCULINO 180
6.3 O "PROGRAMA BOM" E A GARANTIA DO MASCULINO.....182
6.4 HIERARQUIAS SEXUAIS NAS RELAÇÕES ENTRE GAROTOS QUE FAZEM PROGRAMA NA AVENIDA MARECHAL, DESENHADAS PELO MASCULINO.....185
6.5 AS VIOLÊNCIAS SOFRIDAS POR GAROTOS QUE FAZEM PROGRAMA EM VIRTUDE DA "TRANSGRESSÃO" DO MASCULINO.....191
6.6 REDES SOCIAIS DE RESISTÊNCIA E APOIO PRESENTES NO COTIDIANO DE GAROTOS QUE FAZEM PROGRAMA NA "MARECHAL" ..195
6.7 NOVOS CÓDIGOS, NOVAS CATEGORIAS DE GAROTOS QUE FAZEM PROGRAMA E NOVOS MODELOS DE "MASCULINOS".....196
6.8 AS FRONTEIRAS DAS HOMOSSEXUALIDADES VIVENCIADAS POR GAROTOS QUE FAZEM PROGRAMA NA "MARECHAL".....203
6.9 AS PRÁTICAS DE GAROTOS QUE FAZEM PROGRAMA E QUESTÕES PERTINENTES AO CAMPO DA SAÚDE PÚBLICA.....211

7 DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS AOS DESAFIOS PARA A SAÚDE PÚBLICA.....215

REFERÊNCIAS.....224

ANEXOS.....232
CURRÍCULO LATTES.....232

1 INTRODUÇÃO

Desde pequena sempre me fascinou os comentários sobre os profissionais do sexo: aquelas pessoas que se comportavam de uma forma diferente do que eu estava acostumada, suas maneiras de andar pelas ruas, roupas e posturas que chamavam a atenção de homens e mulheres.

Provocava-me um fascínio como se ali houvesse um enigma, algo capaz de seduzir e gerar repulsa nas pessoas.

No curso de Psicologia, várias vezes o universo da prostituição e do mercado sexual foram postos em pauta para discutirmos, entretanto tais debates eram sempre focados em mulheres e travestis.

Posteriormente à minha formação, transitando por circuitos freqüentados por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais LGBTs[1], me aproximei dos garotos de programa. Num primeiro momento, meu olhar voltou-se para esses outros protagonistas que atuam no mercado sexual. Seus corpos não precisam ficar tão expostos, suas pernas, “bundas” (nádegas) e seios, não são recursos para chamar a atenção dos clientes, diferentemente das travestis[2] e prostitutas.

Caminhando pelos arredores do Parque Trianon e regiões do centro de São Paulo encontramos rapazes, idades entre 14/15 anos até 25 anos aproximadamente, atuando como profissionais do sexo.

---

[1]A sigla LGBT consiste na identificação do movimento social em busca de direitos voltados para a diversidade sexual, representa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

[2] Travestis: neste trabalho usaremos o gênero feminino ao nos referirmos às travestis, pois consideramos as discussões apresentadas pelo movimento LGBT no intuito de que essas pessoas sejam reconhecidas socialmente como do gênero feminino. Baseamos-nos também nas reflexões de SILVA, JM (2008), que problematiza as questões sociais das travestis e refere-se a elas usando o gênero feminino. Significa, portanto, que estamos falando de pessoas, nascidas biologicamente sob o sexo masculino e que, posteriormente, na adolescência ou na fase adulta, passam a ter uma *performance* social feminina. Alguns autores se referem a elas usando o gênero masculino, uma vez que em determinados momentos identificam-se como homens.

Alguns mais ousados, fazendo gestos e mostrando suas genitálias, outros mais sérios encostados em postes ou caminhando pelas calçadas.

Ao longo do doutorado me aproximei de parte de suas realidades compostas por diversidades, peculiaridades e dinamismo social, o que me proporcionou experiências e transformações não só acadêmicas, mas profissionais e pessoais.

Contudo, antes de compartilhar minhas vivências e reflexões procedentes da pesquisa de campo, é fundamental esclarecer de quais lugares eu falo ao longo do desenvolvimento desta tese.

Apontei um desses lugares quando falo a respeito do meu fascínio pelo universo da prostituição e pelas *performances* dos profissionais do sexo. Há um desejo e prazer muito pessoais.

Outro lugar também já apresentado é a minha formação e atuação como psicóloga com experiência de dez anos junto a adolescentes e jovens na área da Educação, cinco anos de experiência em Saúde Mental e, desde 2009 até a presente data, atuo como coordenadora do Programa de Doenças Sexualmente Transmissíveis/Vírus da Imunodeficiência/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (DST/HIV/AIDS) da Secretaria de Saúde do município de Jandira – Grande São Paulo/SP.

Sob o meu olhar de psicóloga e coordenadora do referido programa, minha compreensão a respeito de garotos de programa estava associada aos comportamentos sexuais desses rapazes e possíveis vulnerabilidades às infecções por DSTs e HIV.

Ao apresentar-me como pesquisadora para garotos de programa usuários dos serviços de prevenção e assistência às DSTs/HIV/AIDS, no município de Jandira, conhecido como Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA)[3] - Favo de Mel, minha visão sobre suas realidades começou a ampliar.

---

[3] Centro de Testagem e Aconselhamento: unidade de saúde especializada para realizar testagem anti-hiv.

Eles narraram parte de suas vivências e também indicaram que na cidade de Osasco, município próximo a Jandira, existia um território de atuação de garotos de programa.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, descobri inúmeros espaços e formas diferenciadas de atuação desses garotos, o que fez com que me desfizesse de uma das minhas impressões sobre eles, que estava associada à ideia de sua presença somente em áreas centrais e não periféricas da cidade.

Outro lugar de fundamental importância para a compreensão da relação que fui estabelecendo no campo refere-se a minha identidade de gênero.

Sou uma mulher transexual em processo transexualizador, passando por terapia hormonal e, até o presente momento, não consegui alterar meu prenome.

Nesse sentido, em vários momentos dessa pesquisa de campo fui questionada pelos protagonistas dessa história, seus clientes e homens em busca de mulheres a respeito da minha sexualidade. Queriam esclarecer a dúvida se eu era ou não era “mulher”.

Essas e outras questões que apresentarei no desenvolvimento, foram dificuldades pertinentes a minha imagem feminina e entendo que, mesmo que fosse uma mulher biológica, teria enfrentado obstáculos ao longo do processo porque, como diziam alguns garotos de programa, eles não estavam acostumados com mulheres em seus territórios.

Entretanto, o fato de ser uma transexual acelerou e evidenciou com mais ênfase os pontos de tensão referentes ao masculino e as relações de gênero existentes no cotidiano desses garotos.

Outra relação a ser considerada envolvendo minha identidade de gênero não estava diretamente ligada ao contato com os garotos de programa, mas ao medo, à tensão e ansiedade que eu vivenciava de forma semelhante a eles quando a polícia se aproximava.

Nesses poucos momentos que vi a polícia transitando quando estava realizando a pesquisa de campo, fiquei ansiosa por inúmeros motivos.

Primeiro porque não sabia se eles iriam agredir ou não aqueles garotos e também não saberia como agir caso isso acontecesse; realmente era uma cena que eu não gostaria de presenciar caso eles fossem agredidos.

Segundo, pelo possível constrangimento que eu poderia passar se fosse abordada pela polícia, em virtude de ainda não ter conseguido a alteração do meu prenome.

Por último e de maneira mais intensa e significativa, existia uma tensão quanto ao medo de ser tratada de forma violenta pela polícia, conforme fazem ao abordar travestis e transexuais.

Sabia que também corria riscos e que, dependendo da abordagem policial, eu poderia ser agredida moralmente e fisicamente.

Esclareço ainda que, não de forma intensa, tenho um papel de ativista e participo de alguns encontros promovidos pelo Fórum Paulista de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (FPLGBT) e pelo Fórum Paulista de Travestis e Transexuais (FPTT).

Mesmo ocupando esses lugares, minhas experiências ainda me proporcionavam uma compreensão distante das realidades de garotos de programa.

Ocupando o lugar de pesquisadora em saúde pública foi necessário, então, “olhar de perto e de dentro” as realidades desses garotos.

Nessa direção, quero deixar claro que meu movimento como pesquisadora buscando “olhar de perto e de dentro” parte dessas realidades, permitiu trazer contribuições para refletirmos, considerando três dimensões sociais que se interseccionam no campo da saúde pública.

Estou falando sobre o olhar da academia a respeito desses garotos que até então tem estudado, considerando aspectos epidemiológicos e vulnerabilidades sociais restritas aos riscos de infecção às DST/HIV/AIDS.

Penso também sobre a importância da política pública de saúde e de programas de DST/HIV/AIDS que precisam ampliar o olhar no que tange às suas subjetividades, para que suas ações não se restrinjam a prevenção e distribuição de insumos.

Por último, este trabalho visa a contribuir com a militância LGBT que, sem desconsiderar sua importância nos avanços sociais referentes à diversidade sexual, muitas vezes ratifica rótulos e homogeneiza realidades tão distintas de vida durante o processo de busca pela visibilidade da diversidade sexual.

2 (IN) VISIBILIDADES DE GAROTOS DE PROGRAMA NO CAMPO DA SAÚDE PÚBLICA

A proposta deste capítulo é problematizar o tema “garotos de programa” considerando como campo de conhecimento científico a Saúde Pública.

Essa área conta com a contribuição de diversas disciplinas que se interseccionam, se complementam e também se antagonizam diante dos desafios que se propõe estudar.

É nesse sentido que trago como problematização a dialética da visibilidade e invisibilidade de garotos de programa nessa área do conhecimento.

Sob a perspectiva da Epidemiologia, por exemplo, esses garotos são estudados considerando os riscos de infecções por doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV).

Para as Ciências Sociais é imprescindível a compreensão de suas subjetividades e a aproximação de suas realidades para desvelarmos suas especificidades.

Nesse aspecto, as Ciências Sociais contribuem para que a Política de Saúde não seja construída restringindo as necessidades humanas como demandas universais e homogeneizadas.

No que tange aos garotos de programa, ao longo deste capítulo, justificamos a importância da pesquisa considerando justamente suas subjetividades, que muitas vezes se tornam invisíveis aos olhos dos agentes de Saúde Pública.

Para tanto, iniciamos discutindo os termos usados ao nos referimos aos garotos de programa, que também são tratados como michês.

De acordo com JIMENEZ (2008), o termo michê tem dois sentidos. O primeiro se refere à prática sexual tendo em vista o retorno financeiro, e pode ser adotada por homens, mulheres e travestis. O outro sentido refere-se a jovens do sexo masculino que costumam prostituir-se por meio de uma *performance* viril, sem abdicar de sua masculinidade.

Para diferenciar a prática de michê realizada por prostitutas, travestis e homens, PERLONGHER (1987), na introdução de sua obra, identifica michê como aquele que geralmente exerce a prostituição viril.

Nesse aspecto, o termo prostituição viril no trabalho de PERLONGHER (1987) tinha como objetivo diferenciar os michês de travestis, que em situação de prostituição também eram identificados como praticantes da prostituição masculina.

Michê ou garoto de programa são termos utilizados para designar o homem ou rapaz que assume ter relação sexual visando troca financeira.

Em outras palavras, seu corpo e sua *performance* viril têm um valor comercial, sendo reconhecido pelo Ministério do Trabalho como profissional do sexo (FERREIRA, 2002; FERREIRA e MADEIRA, 2008).

Trabalhos recentes como o de VIANA (2010) e o de NETO (2010) trouxeram contribuições a respeito de garotos de programa da região do Recife. Neles, encontramos outro termo utilizado para identificá-los e descrever suas práticas, como a expressão *boy* de programa.

Existem outros termos sinônimos de michês, mas que são usados em outros contextos, por exemplo, saunas que identificam garotos de programa como *go-go boys*, capetinhas de plantão, massagistas, entre outros (PINEL, 2000).

Na maioria das vezes, utilizaremos a expressão garotos de programa ou garotos que fazem programa em virtude de serem os termos utilizados pelas próprias fontes às quais tivemos acesso.

A prática do ofício “garoto de programa” tem seus primeiros registros datados por volta do século III A.c. Sua aceitabilidade ocorreu entre avanços e retrocesos ao longo da História.

Eles passaram por inúmeras situações nas quais foram "interpretados" pela sociedade de acordo com seu tempo, por exemplo, foram tratados como servidores das divindades; foram alijados de exercerem direitos civis; tratados com *status* e privilégios, tendo inclusive um dia de honra; passaram por atividades normatizadas e regularizadas pelo Estado; e por tolerância social de convivência (PINEL, 2000).

Atualmente são identificados como profissionais do sexo no Código Brasileiro de Ocupação (CBO), o que não significa que moralmente houve avanços quanto ao reconhecimento de suas atividades.

Também não significa que houve fortalecimento e organização desses profissionais por meio de sindicatos visando os direitos trabalhistas, diferentemente das mulheres que trabalham como profissionais do sexo e que têm se organizado nesse sentido (GUIMARÃES e MERCHÁN-HAMANN, 2005).

Vários são os motivos para não se organizarem em busca de direitos sociais. Muitos garotos têm medo de revelarem suas práticas e serem rotulados como *gays.*

Outros não identificam tais práticas como atividades profissionais e descrevem-nas como "bico" (PINEL, 2000).

Estamos falando de profissionais que moralmente não são valorizados, que trabalham em regiões ou territórios identificados como região moral (PERLONGHER, 1987) ou zona moral urbana (SÍVORI, 2001) e que são considerados como uma vasta marginália de tipos urbanos (PELÚCIO, 2009).

Mesmo tendo uma "aparente" similaridade aos demais profissionais do sexo, como travestis e prostitutas (FERREIRA, 2003; FONSECA, 2004), garotos de programa vivenciam constantemente situações específicas. A maioria de seus clientes é homossexual, mas incluem-se travestis (FRANÇA, 2006) e mulheres (PINEL, 2000) que, sob um prisma socioeconômico, geralmente são mais privilegiadas (PERLONGHER, 1987).

Na maioria das vezes trabalham em espaços urbanos, como saunas *gays*, ruas, praças, praias e bares, de acordo com as configurações de cada território (PINEL, 2000; FRANÇA, 2006; FERREIRA e MADEIRA, 2008).

Geralmente, atuam muito mais à noite em virtude de grande parte de sua clientela trabalhar durante o dia (PINEL, 2000).

A atividade como garoto de programa não se restringe à prostituição de rua ou ao trabalho em ambientes fechados.

Sua comercialização também ocorre via *internet*, por meio de *sites*, salas de bate-papo (PINEL, 2000) e por telefone (WEILLER, 2004).

Alguns preferem trabalhar em espaços fechados devido a ocorrência de diversas formas de violência vividas nas ruas, dentre elas, as investidas da polícia (PINEL, 2000).

Essas violências também podem ser promovidas pelos próprios clientes, desmistificando o quadro de que somente eles, garotos de programa, são os agressores, “bandidos”, marginais, capazes de roubar clientes, oferecer boa noite cinderela e agredi-los fisicamente (PINEL, 2000).

Na sociedade moderna na qual vivemos, podemos caracterizar o ofício de garotos de programa como uma atividade inserida no mercado sexual, típica das relações sociais e urbanas.

PISCITELLI (2005), ao propor a utilização da noção de “mercado sexual” em vez de “prostituição”, argumenta que o sexo comercial tem se constituído em uma verdadeira indústria. Uma indústria envolta por distintas marcas de gênero, *performances* e diferentes tipos de relações abarcando uma infinidade de dispositivos, desde estabelecimentos comerciais, linhas telefônicas, *interne*t, tipos específicos de serviços, etc.

PISCITELLI (2005) e OLIVEIRA (2009) pontuam, também, que se trata de um campo permeado por jogos de demandas e ofertas que não necessariamente se definem pela troca financeira, isto é, sexo *versus* dinheiro.

Podemos pensar ainda que a expressão “prostituição” remete-nos a focar a atenção no comportamento individual do profissional, correndo o risco de não considerarmos toda a dinâmica social em que está inserido.

Nesse sentido, o processo social no qual estão inseridos os garotos de programa é algo como uma rede comercial de sexo ou um mercado sexual, pois se trata de “um circuito de circulação de pessoas que atuam como fornecedores e recebedores de experiências prazerosas” (OLIVEIRA, 2009:120).

As experiências prazerosas comercializadas na relação entre garotos de programa e clientes vão além da situação do sexo em si, pois envolvem fantasias, desejos, sexualidade, gênero e *performance* (SIMÕES, 2008).

Como lembra SILVA, RA (2008), dentro do contexto da prostituição, a *performance* está relacionada ao comportamento dos profissionais do sexo que visa a seduzir seus clientes com vestimentas e formas específicas de se vestir, andar, falar e gesticular.

A *performance* do profissional do sexo proporciona ao imaginário do cliente uma ideia a respeito daquele que se prostitui, sendo, nesse caso, identificada como comportamento viril.

Considerando os estudos sobre garotos de programa, a *performance* masculina e o possível papel de “ativo” na relação sexual ainda são atributos significativos para a prática do ofício (PERLONGHER, 1987; VILLALOBOS, 1999; PINEL 2000; ANTUNES, 2005).

ANTUNES (2005), ao realizar sua pesquisa sobre os territórios de vulnerabilidade ao HIV na cidade de São Paulo, desvelou o marcador social “classe econômica” presente nas práticas de garotos de programa. Nesse aspecto, encontramos profissionais de classe média nas regiões dos Jardins (bairro de classe alta de São Paulo), e profissionais de classe baixa no centro de São Paulo.

Diferentemente das travestis que evitam transitar durante o dia (KULICK, 2008), cujos corpos por si só já dizem o que são (PELÚCIO, 2009), garotos de programa circulam normalmente a qualquer hora, até porque não há nada visivelmente que os identifique.

Ainda comparando travestis e garotos de programa, mesmo estigmatizadas no sentido de GOFFMAN (1978), travestis são reconhecidas ou identificadas quando chegam aos serviços de saúde porque, como

lembra PELÚCIO (2009), seus corpos as identificam e geram sentimentos ambíguos.

Entretanto, garotos de programa quando chegam aos serviços de saúde geralmente não são identificados, principalmente na atenção primária de saúde.

Digo principalmente na atenção primária porque existem equipamentos de saúde especializados para atender a garotos de programa, como o Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA), Centro de Orientação e Aconselhamento Sorológico (COAS) e ambulatórios de especialidades em doenças sexualmente transmissíveis, presentes em alguns municípios, por exemplo, São Paulo, Osasco/SP, Jandira/SP (inaugurado em setembro de 2008 e conhecido como CTA Favo de Mel), que oferecem um atendimento específico para profissionais do sexo.

Todavia, nem todos os garotos de programa conhecem tais serviços e nem todos os tem à sua disposição em seus municípios, além do que, as necessidades de saúde desses profissionais não se restringem a atendimentos especializados em HIV/AIDS e DSTs.

Esses equipamentos de saúde pública direcionados a atender a demanda de DSTs/HIV/AIDS, facilitam o acesso dos usuários que não encontram oportunidades nas unidades básicas de saúde.

Contudo, esses mesmos serviços podem representar um fator de não acesso pelo usuário, uma vez que: “Os serviços de DSTs geralmente estão localizados em clínicas especializadas, o que gera estigma por parte da população em procurá-los” (PINTO, 2007:105).

Assim, quando garotos que fazem programa procuram as unidades de saúde responsáveis pela atenção primária terminam, de certa forma, passando por “invisíveis” quanto às suas reais necessidades. Até porque, quando a sexualidade é reconhecida nessas instituições, geralmente é interpretada como questão de natureza heterossexual e de reprodução.

Raramente há a possibilidade de se pensar sobre sexualidade além das experiências heterossexuais e que essas vivências não precisam estar associadas à reprodução humana (ADORNO e col., 2005).

Logo, se identificados como profissionais do sexo nos serviços de saúde de atenção primária, geralmente são abordados preconceituosamente e inseridos em políticas públicas que generalizam comportamentos. Consequentemente, sofrem estratégias de intervenção que interpretam suas necessidades como restritas a prevenção às DSTs/HIV/AIDS.

Não se identificando como garoto de programa, é como se o serviço de saúde atendesse a outra pessoa, como se outra identidade se apresentasse. Em contrapartida, sua forma de trabalho, seus medos, dificuldades e outras questões relativas ao seu cotidiano como garoto de programa ficam omissas, provavelmente porque as ações em saúde ainda são moralizantes, como destaca BUGLIONE (2004) ao falar sobre saúde, direitos sexuais, civis e humanos.

Admitir a relação "homem que faz sexo com homem (HSH)"[4], envolve olhares preconceituosos por parte de muitos profissionais da área da saúde, dentre eles, a ideia de que "(...) o homem que tem sexo com outro homem também não se encaixa na noção do cidadão trabalhador ou pai" (ÁVILA e GOUVEIA, 1996:170).

Nacionalmente, foram elaborados dois planos de enfrentamento da epidemia de AIDS e das DSTS, um voltado para o sexo masculino e o outro para o sexo feminino, ignorando que tratar tal questão envolve um olhar de gênero para além da visão dicotômica de sexo que preside as ações de saúde no país.

Um desses planos tem diretrizes voltadas para demandas de travestis, *gays* e HSH (BRASIL, 2008).

---

[4] Nas primeiras ações e programas de saúde, a sigla HSH significava: "Homens que fazem sexo com homens" e agora, no atual Plano Nacional de Enfrentamento das DSTs/Hiv/Aids, a mesma sigla tem o significado de "Outros homens que fazem sexo com homens". A principal diferença é que na primeira situação encontram-se ações voltadas para o grupo homossexual, sendo que a segunda situação refere-se a um outro momento no Brasil, no qual emergem conceitos como identidade sexual, comportamento sexual e prática sexual, resultando na compreensão de que no contexto brasileiro, uma prática sexual entre dois homens não necessariamente significa que eles se identifiquem como homossexuais (PARKER, 2004). Logo, daqui para frente, a sigla HSH estará se referindo a "Outros homens que fazem sexo com homens".

A expressão “Outros Homens que fazem sexo com homens”, provoca deduções de que “os outros homens” refere-se aos bissexuais, aos heterossexuais que às vezes se relacionam com *gays* e travestis e não interpretam tais relacionamentos como homossexuais e, refere-se, também, aos garotos de programa.

A preocupação da política de saúde, de um modo geral, ainda tem focado as condições de saúde/doença em uma concepção biológica da saúde, isto é, as infecções, tipos de infecções, formas de infecções, etc.

Suas ações voltam-se para o corpo do sujeito como se constituído de partes fragmentadas e buscam no sentido de FOUCAULT (1979) disciplinar seus comportamentos por meio de ações voltadas para partes de seus corpos.

ÁVILA (2003) lembra que o controle do Estado sobre a sexualidade, muito presente na saúde, passou a ser concebido como algo natural, logo, passível de não questionamentos. Nesse sentido, as ações de saúde propostas pelo Estado são direcionadas para um corpo cindido, preocupadas com regiões fragmentadas do corpo, como por exemplo, a prevenção às DSTs no sexo oral, vaginal e anal.

Essas ações fragmentadas, por sua vez, revelam que são desconsideradas as subjetividades das pessoas na compreensão das suas demandas de saúde. Entendemos, portanto, que a visibilidade desses garotos no campo da Saúde Pública tem sido, ainda, restrita por uma disciplinarização de corpos e embasada numa perspectiva epidemiológica.

Fizemos o levantamento bibliográfico na base *CSA Sociolog*y, considerando o período de 2006-2009, e encontramos 170 pesquisas publicadas relacionadas ao tema, sendo que apenas três estavam diretamente ligadas a questões como gênero e masculinidades.

Na base *Psychoinfo* pudemos constatar que no período entre 2000-2009[5] foram publicadas 50 pesquisas que envolviam profissionais do

[5] Os períodos dos levantamentos bibliográficos não são os mesmos. Optamos por períodos diferenciados para averiguar se o período poderia ser considerado como uma variável na produção e publicação de pesquisas. Entretanto, os resultados encontrados nas três bases

sexo masculino, dentre elas, três abordavam questões mais subjetivas e apenas uma tratava diretamente de masculinidades.

Considerando a base de teses cadastradas na Capes, encontramos nove pesquisas realizadas no período entre 2000-2008 e somente duas eram voltadas para questões como virilidade, gênero e prostituição masculina.

Tais reflexões e a análise quantitativa sobre o levantamento bibliográfico justificam a importância de pesquisas sobre garotos de programa que abordem suas subjetividades.

Nesse sentido, foi delineado o projeto de pesquisa tendo como objetivo geral descrever e analisar territórios e cotidianos de garotos de programa que atuam na região de Osasco, na Grande São Paulo, desvendando suas diversidades e especificidades como contribuições para a Saúde Pública.

A pesquisa, considerando suas diversidades e especificidades, visa corresponder às inquietações e reflexões que resultaram em duas hipóteses.

A primeira hipótese norteadora trata-se de que a prostituição masculina de garotos de programa não pode ser compreendida somente como uma necessidade econômico-financeira de mercado de trabalho, mas também como uma busca de vivência de sua sexualidade e realização como pessoa, o que coloca, então, desafios para a saúde pública.

A segunda hipótese foi sendo construída ao longo da pesquisa tendo em vista que esses garotos, por sua vez, identificados biologicamente como do sexo masculino e também reconhecidos socialmente como homens, vão construindo suas masculinidades tendo como modelo a heterossexualidade, porém, suas sexualidades e masculinidades são vivenciadas nas fronteiras da homossexualidade.

Diante disso, tendo em vista as possíveis contribuições para a Saúde Pública voltada para garotos que fazem programa, apresentam-se nos

---

revelam o pouco investimento em pesquisas voltadas para subjetividades de garotos de programa.

próximos capítulos reflexões da pesquisa intitulada O NEGÓCIO DO “PRAZER REMUNERADO” NOS DISCURSOS DE GAROTOS QUE FAZEM PROGRAMA.

Para isso, no capítulo III apresentamos questões metodológicas como: o método de pesquisa e as contribuições da etnografia, a descrição do campo e do processo de pesquisa, a apresentação dos participantes da pesquisa e, por último, as questões éticas.

Em seguida, no capítulo IV, trazemos reflexões teóricas sobre sexualidades, masculinidades e hierarquias sexuais, tendo como eixo de análise questões sobre homossexualidades presentes em suas práticas como garotos de programa.

O capítulo V é composto por descrições e aproximações teóricas referentes à etnografia realizada junto aos garotos de programa que atuam na Avenida Marechal, na cidade de Osasco – Grande São Paulo.

No capítulo VI buscamos interpretar as principais categorias e dinâmicas que se desvelaram ao longo da pesquisa e analisamos suas complexidades considerando questões de Saúde Pública.

Nas considerações finais, sintetizamos os principais conteúdos que se fizeram presentes ao longo do estudo, colocamos reflexões como desafios para a Saúde Pública e me posiciono quanto às fronteiras também vivenciadas por mim como pesquisadora ao longo do trabalho.

3 SOBRE O CAMINHAR METODOLÓGICO

3.1 – SOBRE O CAMPO: A REGIÃO DE OSASCO – GRANDE SÃO PAULO

Osasco[6] é uma cidade localizada no Oeste da Grande São Paulo, possui 65 km², segundo o censo realizado pelo IBGE em 2009, tem uma população estimada de 718.646 habitantes e situa-se a 18 km da capital paulista.

Seu nome tem como origem a influência da participação de Antônio Giuseppe Agu, nascido na cidade de Osasco, na Itália, que contribuiu significativamente no processo de colonização da região paulista.

Tem como municípios vizinhos as cidades de Cotia, São Paulo, Santana do Parnaíba, Barueri e Carapicuíba, como podemos visualizar no Mapa 1.

---

[6] Osasco – SP. Portal Nosso São Paulo. Acesso em 03/01/2012 http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg_13/Reg13_Osasco.htm
História de Osasco. Acesso em 03/01/2012 http://www.encontraosasco.com.br/osasco/historia-de-osasco.shtml
Osasco. Acesso em 03/01/2012. http://www.ferias.tur.br/informacoes/9432/osasco-sp.html

Mapa 1 – Limites – Cidades Vizinhas

Extraído de: http://www.encontraosasco.com.br/cidade-de-osasco/
Acesso em 03/01/2012.

Por um longo período, o vilarejo de Osasco destacou-se pela produção de olaria e outras atividades típicas de uma fazenda, sendo que posteriormente foi contando com a presença de fábricas ao seu redor como as de papel, curtume e tecidos. Na época, algumas casas foram sendo construídas para os operários que nelas trabalhavam.

Em 1894, aproximadamente, construíram mais estações de trem na região devido ao aumento da produtividade econômica.

De uma vila tipicamente ocupada por residências de operários, envolta por algumas fábricas e pequena produção agrícola, a região aos poucos foi passando pelo processo de industrialização, tendo como principais protagonistas os trabalhadores imigrantes italianos.

Na década de 40 do século passado, Osasco deu um salto significativo na sua produção industrial, o que exigiu mão de obra especializada, aumentando o número de imigrantes e mudando, então, as características urbanas da região. Contudo, os serviços de saúde e educação não conseguiram atender às necessidades que estavam surgindo.

Entre 1947 e 1958 aconteceram vários movimentos sociais direcionados à luta pela emancipação de Osasco, tendo como marco seu aniversário em 19 de fevereiro de 1962, em virtude da primeira posse de prefeito da cidade.

Por um longo período, Osasco destacou-se como uma região industrial, sendo conhecida como Cidade Trabalho. Possui um parque industrial composto por aproximadamente 500 indústrias, como as metalúrgicas, têxteis, derivados de madeira e alimentícias.

Entretanto, com a mudança de várias indústrias para outras regiões, podemos dizer que hoje a cidade tem se destacado como área comercial e de prestações de serviços, servindo como referência para as demais cidades da região no que tange ao comércio, serviços de saúde, etc.

Seu centro urbano tem a mesma funcionalidade do centro velho de São Paulo, assim, também, há uma parte que pode ser considerada como zona moral urbana (SÍVORI, 2001).

Durante o dia funciona como região comercial e empresarial, e à noite, pelas poucas residências, comércio fechado e ruas escuras, o local é tomado por atividades boêmias, de prostituição e tráfico de drogas.

A Avenida dos Autonomistas é a principal via que liga as cidades de São Paulo, Osasco, Carapicuíba, Barueri, Jandira e Itapevi, funcionando como um verdadeiro corredor de ônibus e carros.

Ao longo desse corredor, durante o dia, encontramos inúmeros comércios e à noite, bares, casas noturnas, tráfico de drogas e prostituição de rua, sendo em sua maioria praticada por travestis.

A visão panorâmica noturna desse corredor, que liga São Paulo à cidade de Itapevi, trouxe-me a impressão de que nesta pesquisa não bastaria o conceito de território e nem de zonal moral urbana para entendermos o mercado sexual da região.

O conceito de macha social (MAGNANI, 1996) permite uma visão mais abrangente sobre as interações sociais, comerciais, circulação de diversos grupos sociais, troca de informações e socializações que tecem

uma rede de sociabilidade, pertinentes, nesse caso, ao mercado sexual da região Oeste da Grande São Paulo.

3.2 – SOBRE O CAMPO: A AVENIDA MARECHAL RONDON, TERRITÓRIO DE PROSTITUIÇÃO DE GAROTOS DE PROGRAMA

A Avenida Marechal Rondon ou como eles chamam, “a Marechal”, encontra-se nas imediações do centro de Osasco.

Para alguns, a Avenida Marechal termina sendo um espaço de trabalho formal, como para os caminhoneiros e funcionários das firmas que funcionam 24 horas. Para outros, em um determinado trecho, no sentido de MAGNANI (1996), o pedaço para realizações de tráficos e prostituição de garotos de programa.

Ali é o local masculino da zona moral urbana de Osasco, onde raramente circulam mulheres e, quando circulam, é pela necessidade de transitarem pela rua para irem ou voltarem do trabalho.

Assim, eu literalmente estava fora do meu pedaço.

Os pedaços, nos centros urbanos, não se constituem pela lógica da vizinhança, mas pelo fato de seus frequentadores serem portadores dos mesmos símbolos sociais, suas demarcações são rígidas e o desrespeito a essas regras gera situações de conflitos (MAGNANI, 1996).

Daí o emprego, no presente trabalho, da etnografia que busca desvelar essas lógicas (DALMOLIN e col., 2002) na medida em que um dos objetivos da pesquisa era justamente descrever esses trajetos, suas peculiaridades e, consequentemente, desvelar novos sentidos (DALMOLIN e VASCONCELLOS, 2008).

Descobrir esse pedaço da “Marechal” não foi uma tarefa fácil, mesmo tendo contato com garotos que frequentavam os serviços do CTA Favo de Mel.

Eu já tinha ouvido comentários de que em Osasco existiam, também, garotos de programa trabalhando na rua, contudo, não conseguia informações suficientes que me levassem até o local.

Essa não revelação do local de trabalho desses garotos, a pouca divulgação, esse misto entre revelar e não revelar, provocaram-me um estranhamento e exigiu um certo distanciamento (PASSADOR, 2008) do imaginário social que, até então, me era apresentado.

Nesse sentido, esse “encobertamento social” referente ao local de trabalho de rua desses rapazes, já indicava sutilezas do tema da pesquisa pertinentes ao universo masculino.

Nesse aspecto, a prostituição de travestis e prostitutas que, geralmente se dá de forma explícita e por que não dizer, “permitida socialmente”, contrasta com a situação desses garotos na qual permeiam o silêncio, o segredo e a pouca divulgação sobre onde encontrá-los.

A “Marechal” além de estar inserida na mancha social envolvendo garotos de programa, também é um circuito de busca de prazer por outros *gays* que não necessariamente procuram por seus serviços.

Circuito semelhante a outros apontados, por exemplo, por GUIMARÃES (2004) e RIOS (2005), nos quais eles denominam como circuitos de “pegação” e eu utilizarei o termo “caça”, por ter sido a denominação utilizada por todos os garotos com os quais tive contato durante a pesquisa.

3.3 SOBRE O MÉTODO E O PROCESSO DE PESQUISA

A etnografia é um procedimento metodológico que tem saído do campo restrito da Antropologia e avançado para várias áreas, além de estar sendo adaptado a outras, como Saúde, Psicologia Social e Educação. (ANDRÉ, 1995).

Mas é necessário que o pesquisador se aproprie de determinadas questões para não confundir etnografia com outras pesquisas de campo, que também tem como uma de suas características a descrição densa do objeto pesquisado (GEERTZ, 1989; ANDRÉ, 1995).

Nesse aspecto, a etnografia, além de reconhecer e registrar a diversidade cultural, também busca compreender os sentidos desses diversos comportamentos, que por não serem descobertos seus significados, muitas vezes são interpretados como exóticos e perigosos (MAGNANI, 1996).

No nosso caso, tal busca refere-se as vivências de práticas sexuais envolvendo corpos masculinos e trocas financeiras que ocorrem no espaço público, isto é, na rua.

Quando pesquisas são realizadas em espaços urbanos, a contribuição da etnografia está na preocupação da cultura ou subculturas existentes nesses espaços e nas suas formas de lidar com a complexidade das cidades contemporâneas (DALMOLIN e col., 2002).

Nesse aspecto, a etnografia consiste em olhar “de perto e de dentro” culturas e subculturas, exigindo recursos acadêmicos, profissionais e experiência de vida, características consideradas como sensibilidade necessária ao pesquisador que se propõe a fazer uso desse procedimento metodológico (MAGNANI, 1995; DALMOLIN e VASCONELLOS, 2008).

A etnografia apoia-se em algumas técnicas de pesquisas para que a as informações obtidas no campo possam ser traduzidas pelo pesquisador para a linguagem acadêmica.

Observação-participante e diário de campo são técnicas do método etnográfico, assim como entrevista, fotografias, gravador, etc. (ANDRÉ, 1995).

A habilidade desenvolvida por meio de criar relatórios em Psicologia, facilitou-me anotar e registrar o caminho que estava sendo trilhado, o que, consequentemente, foi compondo meu diário de campo, uma das técnicas empregadas nesse estudo.

Nele, além dos fatos ocorridos propriamente ditos ou informações obtidas, estão minhas impressões, sensações, medos, dúvidas, otimismo e reflexões teóricas.

A técnica permite somente a "coleta do dado, da informação" e o método possibilita: "novas leituras sobre a realidade" (DALMOLIN e col., 2002:22).

A pesquisa de campo iniciou-se, na realidade, antes de ir ao território no qual trabalhavam os garotos de programa.

Como trabalhava no CTA Favo de Mel, fui obtendo algumas informações, por meio de usuários LGBTs, a respeito da presença desses garotos trabalhando nas imediações de Osasco.

Sabíamos que a condição socioeconômica dos garotos de programa seria um contexto a ser considerado na pesquisa (PERLONGHER, 1987).

Por isso, optamos investigar garotos que atuam no corredor oeste da Grande São Paulo, área considerada menos privilegiada socialmente quando comparada a outros espaços de atuação de garotos de programa na cidade de São Paulo.

No entanto, vale esclarecer que a abordagem institucional que realizei com alguns profissionais do sexo que frequentavam o CTA Favo de Mel, tratou-se apenas de uma forma de aproximação para o campo , não houve uma sistematização de ações junto a eles para o desenvolvimento do processo da pesquisa.

Nesse aspecto, sem a participação de Pedrinho[7] como nativo no sentido de PASSADOR (2008), seria muito mais difícil o meu acesso ao campo, afinal ele me auxiliou a mapear os circuitos do mercado sexual da região de Osasco e a descobrir a Avenida Marechal como território de atuação dos garotos de programa.

Ele dominava gírias, códigos, gestos e formas de aproximação com esses outros informantes que me facilitaram consideravelmente o diálogo.

Dialogar significa interagir com essas dinâmicas e buscar entender seus sentidos permeados por homofobia, por preconceitos, estigmas, disputa de poder, exercícios de masculinidade e sexualidade, dentre outros presentes no campo desta pesquisa.

Para estabelecer a comunicação, explorei bastante a observação-participante (PASSADOR, 2008), fui ao campo à noite e interagi com os garotos visitando a "Marechal" no período março/2010-julho/2011, inclusive sendo confundida por alguns clientes como profissional do sexo.

Nesse sentido, busquei desvelar palavras, gestos e comportamentos específicos desses garotos; tive contato com situações que aparentemente já estavam naturalizadas e precisei confrontá-las, isto é, estranhá-las.

Na perspectiva etnográfica, é justamente o estranhamento que permite a busca dos sentidos e o desvelar daquilo que para muitos já está naturalizado.

Senti juntamente com eles o medo da violência física de gangues e de *skinheads*, também compartilhamos ansiedade quando a polícia se aproximava e o medo diante de brigas que ocorriam na Marechal.

Inúmeras foram as violências narradas pelas fontes. As informações obtidas pelos próprios garotos de programa eram de que havia assaltos constantes na Marechal, nesse aspecto eu sabia que se eu levasse o gravador para a rua poderia ser assaltada.

---

[7] Pedrinho foi um dos participantes da pesquisa, que representou o papel de nativo, facilitando a minha descoberta da Avenida Marechal. Seu nome, assim como os dos demais, é fictício e eu o descreverei detalhadamente mais adiante na apresentação dos participantes da pesquisa.

Vale considerar, por isso, que algumas informações se perderam pelo fato de não tê-las anotado no exato momento em que me foram passadas.

Por outro lado, anotar no diário de campo poderia criar situações de constrangimento junto aos informantes, ou mesmo colocar-me em situação de risco por tratar-se de um campo permeado constantemente por diversos tipos de violência, conflitos e hostilidades, daí, estar alerta foi uma condição essencial para minha integridade física ao longo da pesquisa.

A rotatividade intensa de garotos de programa nessa área dificultou o aprofundamento na realização de entrevistas. Nesse sentido, somente no final da pesquisa, lancei mão do gravador para realizar duas entrevistas em profundidade. Todavia, a forma de utilizá-lo foi em contextos mais privados, que não me colocaram em situação tão evidente de risco de assalto e que, também, deixasse o entrevistado mais à vontade.

Além da observação-participante, grande parte da pesquisa de campo foi composta por entrevistas itinerantes no sentido de PERLONGHER (1987).

Na etnografia, a observação-participante e as entrevistas itinerantes vão sendo desenvolvidas gradativamente, de acordo com a inserção do pesquisador, das suas possibilidades de avanço e situações de conflitos durante a pesquisa.

Não existe uma forma de fazer observação-participante e entrevistas itinerantes, o que existe é a compreensão de se aprofundar nas informações, estabelecer diálogos e aproximar-se o mais possível de seus cotidianos, desenvolvendo-se a etnografia sem regras rígidas (PERLONGHER, 1987).

Assim, observação-participante, diário de campo, entrevistas itinerantes, entrevistas em profundidade e registros das entrevistas se sucederam.

De acordo com FONSECA (2004), na etnografia, cada passo dado representa em si uma interpretação da pesquisa e exige novos desvelamentos.

Raramente encontrava o mesmo garoto de programa, o que exigia apresentar-me novamente e acontecia o que ANDRADE (2001) chama de estágio probatório da pesquisa de campo.

Nesse sentido, garotos e clientes sempre colocavam à prova minhas reais intenções naquele território. Vivi situações de assédio por parte de clientes dos garotos de programa, por outros homens que por lá transitavam de carro, que me viam e deduziam tratar-se de uma profissional do sexo, e pelos próprios garotos de programa.

Ao dialogar no campo, muitas vezes tentavam nos enquadrar nas representações de seu cotidiano, sendo que, no universo da prostituição, o cotidiano consiste em que toda atividade exercida geralmente remete a uma troca financeira (ANDRADE, 2001).

Vivenciei essa tentativa de enquadre nas representações do cotidiano da prostituição junto aos garotos com os quais que entrei em contato, não necessariamente pela mesma ordem vivenciada por ANDRADE (2001).

Assim, no processo de pesquisa vivenciei tentativas de inserção em seus cotidianos quando me solicitavam drogas, cervejas e “vícios” (trocas sexuais sem a troca financeira, só para passar o tempo).

Contudo, preciso considerar que, por ser transexual, houve um deslocamento na forma de eles atuarem comigo, afinal, a aversão sofrida por parte de clientes que não toleravam “travestis” não faria parte da vivência de uma mulher biológica e, talvez, os assédios por parte de alguns garotos de programa não fossem tão intensos.

O fato de ser transexual, uma figura feminina à qual eles não estavam habituados a conviver em seu cotidiano, e de não ter a parceria frequente de um nativo para facilitar minha aproximação junto aos demais, poderiam ser determinantes para que as entrevistas itinerantes fossem fadadas ao insucesso.

Por outro lado, justamente a minha feminilidade facilitou, em muitos momentos, os olhares e as aproximações desses garotos que, com a revelação de que eu era psicóloga e pesquisadora, intensificava suas

curiosidades e vontade de cooperar, na medida em que eu não atrapalhasse seus trabalhos.

Não posso desconsiderar também, que o meu comprometimento acadêmico, postura ética e profissionalismo também foram determinantes para que esses garotos compreendessem a seriedade da pesquisa e resolvessem colaborar.

Nesse sentido, ao contribuírem, a grande maioria procurou estabelecer diálogos numa linguagem acessível, porém, evitando possíveis constrangimentos para mim.

Quanto ao referencial teórico, ele foi sendo construído durante o processo de pesquisa, de acordo com as informações que surgiam, dúvidas que pairavam no ar e incômodos diante de determinados estranhamentos.

A etnografia exige uma flexibilidade do pesquisador para transitar por diversos conhecimentos que vão sendo necessários, na medida em que o universo pesquisado vai se desvelando, o que não pode ser interpretado como uma carência de referencial teórico (ANDRÉ, 1995).

Assim, fomos discutindo, nos aproximando de categorias como masculinidades, sexualidades e problematizando questões referentes ao corpo, afinal, na etnografia, as categorias são dadas com o desenvolvimento da pesquisa (MAGNANI, 1996) .

Dentre elas, destaco o corpo e as técnicas corporais que eles foram aprendendo e construindo como formas de interação na atuação como garotos de programa.

Como lembra MAUSS (1974), existe um aprendizado do corpo para expressar-se conforme as necessidades sociais, papéis sociais desempenhados e que não necessariamente ocorrem com frequência, apenas de acordo com o contexto envolvido.

Essas expressões corporais ou *performances* denominadas técnicas corporais, variam de acordo com o que socialmente se espera de cada gênero. Na nossa sociedade espera-se muita virilidade para os homens e, para mulheres, a expectativa está na sensualidade e feminilidade.

Essas técnicas corporais que serão identificadas principalmente no capítulo V, foram encontradas em diversos momentos ao longo da observação-participante e das narrativas dos garotos que fazem programa na “Marechal”.

Dentre elas, destacamos as formas como fazem para evitar a ejaculação, as maneiras como desenvolvem suas *performances* masculinas para seduzir os clientes, as resistências aprendidas para lidarem com o frio da noite e deixarem seus corpos menos agasalhados, as demonstrações de atributos masculinos para se imporem entre eles mesmos e para se defenderem de assaltos e outras violências.

3.4 - SOBRE OS PRINCIPAIS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Primeiramente vale lembrar que os nomes de todos os participantes são fictícios e, ainda no intuito de proteger suas integridades físicas e morais, suprimimos várias descrições que poderiam facilitar a identificação de suas identidades.

Apresentamos os principais participantes da pesquisa que contribuíram com informações que foram essenciais na elaboração da tese.

Pedrinho: trabalha durante o dia, já havia atuado como garoto de programa e, atualmente, faz programas esporádicos, por meio de *sites* e contato com clientes fixos. Identificava-se como homossexual. Nas relações sexuais costuma ser “ativo e passivo[8]”. Conhecemos-nos por meio dos serviços do CTA Favo de Mel e ele teve um papel fundamental como nativo,

[8] O termo ativo entre garotos de programa ou mesmo entre profissionais do sexo, significa que a pessoa penetrou durante a relação sexual. O termo passivo significa que foi penetrada. Ativo e passivo significa que a pessoa costuma penetrar e ser penetrada durante a relação sexual, nesse sentido, encontramos ao longo da pesquisa outros termos como relativo e *flex*.

auxiliando-me no mapeamento da região de Osasco. Entretanto, não pude contar com sua companhia nas demais visitas à Avenida Marechal.

Olhos Sedutores: mais baixo do que eu, talvez, 1,70 de altura, magro, cabelos escuros curtos e pele branca. Identificava-se como homem. Relatou experiências como "ativo e passivo" nas relações sexuais com os clientes. Foi o primeiro garoto de programa que eu tive contato na "Marechal". Teve um papel fundamental, facilitando-me a apresentação nas duas primeiras visitas que eu fiz à Avenida Marechal. Não tivemos mais contato posteriormente.

Batman: era da minha altura (1,78m), magro, negro e com *performance* masculina. Identificava-se como homem. Nas relações sexuais com os clientes era totalmente "ativo".

Robin: tinha dezoito anos, começou a frequentar a "Marechal" aos dezessete anos, era branco, baixo, magro, falava bastante gírias, identificava-se como homem e admitia ser "ativo e passivo" com os clientes.

Tião Gavião: 26 anos, era branco, baixo, considerado agressivo e perigoso pelos demais garotos de programa. Identificava-se como homem e era totalmente "ativo" nas relações sexuais com os clientes.

Relativo 1: 22 anos, era um rapaz baixo e magro. Identificava-se como bissexual durante seus atendimentos e, fora desse contexto, apresentava-se como heterossexual. Costumava ser "ativo e passivo" nas relações sexuais com os clientes.

Loiro fatal: muito mais alto do que eu, branco, identificava-se como homem e era totalmente "ativo" com os clientes.

Charmoso: era branco, casado, tinhas filhos, identificava-se como homem, era totalmente "ativo" com os clientes, estava na faixa etária acima dos 35 anos.

Daniela Mercury: tinha aparência feminina, porém, às vezes era tratada no gênero masculino. Já tinha trabalhado na "Marechal" fazendo programa como travesti. Atualmente identificava-se como *gay.*

Romântico: 26 anos de idade, baixo e branco. Trabalhava durante o dia e atuava esporadicamente como garoto de programa. Identificava-se

como homossexual. Costumava ser “ativo e passivo” nas relações com os clientes.

Clayton: se identificava como homossexual. Atuando como garoto de programa, identificava-se como heterossexual, bissexual e homossexual. Informou que em relação à sua sexualidade, costumava falar o que o cliente queria ouvir. Nas relações com os clientes era “ativo e passivo”. Nossa aproximação ocorreu por meio dos serviços do CTA Favo de Mel e fomos juntos para o campo apenas uma vez.

Sebastião: 25 anos, era casado e tinha um filho. Identificava-se como homem e nas relações sexuais com os clientes era totalmente “ativo”.

Folgado: 27 anos, moreno, cabelos pretos encaracolados, 1,68 de altura, aproximadamente. Identificava-se como homem e era totalmente “ativo” com os clientes.

César: era alto, quase da minha altura, magro, moreno, tinha 23 anos. Identificava-se como heterossexual. Costumava ser “ativo e passivo” nas relações com os clientes.

Abduzido: era muito alto, talvez 1,90 de altura, magro, branco, traços fortes, cabelos pretos levemente ondulados. Identificava-se como bissexual, porém, totalmente “ativo”.

Peter Pan: era baixo, magro, moreno. Costumava ser “ativo e passivo” com os clientes. Aparentava ser menor de idade.

Trabalhador Braçal: sua aparência física e rosto não exibiam beleza no sentido das exigências do trabalho como garoto de programa, bem como suas vestimentas. Trabalhava durante o dia em serviço braçal e há um mês tinha descoberto que poderia fazer programa na “Marechal”. Tinha uma filha. Já tinha tido relações homossexuais fora da avenida como “ativo e passivo”. Identificava-se como homem.

Tande: era alto, branco, tinha 25 anos e desde os 15 trabalhava na Marechal. Era considerado pela maioria dos garotos de programa um “verdadeiro profissional”. Era totalmente “ativo” em suas relações sexuais.

Camaleão: era baixo e magro. Não era garoto de programa, tinha uma *performance* masculina e poucos trejeitos afeminados. Identificava-se como homossexual, em suas relações sexuais era somente como “passivo”.

Gabriel: tinha 32 anos, branco, magro, 1,68 de altura, aproximadamente. Era separado da mulher e tinha um filho. Identificava-se como homem e era somente “ativo” com os clientes.

Caminhoneiro: era alto, magro, olhos azuis. Não era garoto de programa. Identificava-se como homem e era totalmente “ativo” em suas relações sexuais. Quando vem para São Paulo costuma frequentar a Marechal e suas imediações em busca de aventuras sexuais, que podem ser com mulheres, prostitutas, travestis e *gays* afeminados.

Esporádico: tinha 35 anos, era moreno e alto. Fazia programas esporadicamente.

Sarado: trabalhava durante o dia. Identificava-se como *gay,* era totalmente “ativo” em suas relações sexuais, fazia academia e preocupava-se com sua aparência.

Magrinho: trabalhava durante o dia, identificava-se como homossexual, era alto, magro e branco.

Ricardo: tinha mais de 30 anos, porém não quis confirmar sua idade. Identificava-se como homem, totalmente “ativo” em suas relações sexuais com clientes. Foi o garoto com quem realizei a primeira entrevista em profundidade.

Thiago: era alto, moreno, identificava-se como homem, “ativo” em suas relações sexuais e foi o segundo garoto com quem realizei a entrevista em profundidade.

Por último, conheci uma garota que atuava como se fosse garoto de programa, aparentava ser um homem transexual, contudo, ela se identificava como lésbica.

3.5 SOBRE OS PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O projeto para realização desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo – USP.

Esta pesquisa estava voltada para entender questões relacionadas aos cotidianos dos garotos de programa a partir das contribuições das Ciências Humanas e Sociais, servindo tais descobertas como contribuições para outras áreas e serviços públicos, dentre eles o campo da saúde pública.

Embora haja um consenso sobre o que seria desenvolver pesquisa científica respaldada pela Ética com seres humanos, na prática a experiência revelou que compreensões sobre o que seriam procedimentos éticos de acordo com a Resolução 196 do SINEP, diferem da realidade encontrada diante das fontes da pesquisa.

A investigação etnográfica, em sua essência, diferencia-se das outras modalidades mais frequentes de pesquisas realizadas no campo da saúde pública, logo, seu entendimento e formas de procedimentos inviabilizam procedimentos propostos pela Resolução 196, como por exemplo, que propõe que solicitemos consentimento de forma direta aos participantes da pesquisa.

Conflito esse semelhantemente aos relatados por outros pesquisadores, por exemplo, por PINHO (2010), quando desenvolveu suas pesquisas em instituições ou áreas em que predominavam o saber médico e epidemiológico, que em virtude da modalidade de pesquisas que desenvolvem melhor atendem às diretrizes da Resolução 196.

Etnografia é um universo de pesquisa que envolve relação, diálogo, convivência, cujas informações não implicam experiências ou alterações nas estruturas físicas e fisiológicas dos envolvidos (BENEDETTI, 2005).

Assim, lançamos mão de estratégias típicas das pesquisas etnográficas, como: procurei estabelecer aproximação com os informantes da pesquisa e, para isso, de início já me apresentava como psicóloga e pesquisadora em Saúde Pública.

Esclarecia que meu trabalho tratava do universo de garotos de programa e, em seguida, perguntava se poderíamos conversar.

Geralmente eles aceitavam que dialogássemos desde que não ocupasse muito o tempo deles e atrapalhasse algum programa. Imediatamente eu esclarecia a respeito do sigilo e fornecia outras informações.

BENEDETTI (2005) propõe que apresentemos o Termo de Consentimento e solicitemos a autorização, após termos criado certo vínculo com os informantes da pesquisa. Contudo, esbarramos na alta rotatividade de garotos na região onde realizei a investigação. Com muitos tive apenas um contato e com outros, esporadicamente, dois ou três contatos. Quando pensava que os veria mais vezes, repentinamente eles desapareciam.

Assim, diante dessas peculiaridades do campo, foram poucos os que tiveram a oportunidade de assinar o Termo de Consentimento.

Contudo, eticamente, para protegê-los moralmente e até mesmo fisicamente, criamos nomes fictícios e omitimos descrições e subsídios que poderiam facilmente possibilitar deduções a respeito da identidade de quem estaria fornecendo determinadas informações.

Por último, PERLONGHER (1987) lembra que uma das dificuldades de abordagem em sua pesquisa - que era etnográfica e direcionada para garotos de programa, estava associada à clandestinidade e, consequentemente, às tentativas de anonimato das fontes.

4 GAROTOS DE PROGRAMA NAS FRONTEIRAS DA HOMOSSEXUALIDADE: REFLEXÕES TEÓRICAS NA PERSPECTIVA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

4.1 FRONTEIRAS ENTRE SEXUALIDADES, MASCULINIDADES E HOMOSSEXUALIDADES

Para iniciar este capítulo que se propõe a fazer reflexões teóricas relacionadas a questões sobre garotos de programa, apresentamos abaixo um pequeno trecho da entrevista em profundidade que realizamos com um dos garotos que fazem programa na Avenida Marechal.

Fizemos essa opção por considerar que logo no início de sua entrevista, ele apresenta conteúdos significativos para desenvolvermos as reflexões teóricas.

Nesse sentido, após nos apresentarmos e deixá-lo à vontade para contar sua trajetória de vida como garoto de programa, Thiago inicia seu depoimento relatando sua primeira experiência sexual que foi realizada com um homem, visando conseguir dinheiro para comprar um ingresso para assistir a um determinado *show*.

Após essa experiência, ele tem novamente relação sexual com o mesmo homem, visando o retorno financeiro.

Essas experiências lhes suscitaram vários incômodos, como podemos ver no trecho abaixo:

> T - Eu peguei e saí com ele de novo, aí no outro dia saí com uma mulher. Minha primeira relação eu comi um cara e três dias depois eu comi uma mulher, aí eu falei: - Pô, eu não sou *gay*! Com 14 anos eu já tinha essa cabeça: - Eu não sou *gay*, não sou *gay*, não sou *gay*, não sou *gay*! (Thiago batia na mesa com as duas mãos e dizia que não era *gay*). (Entrevista com Thiago)

Sua história de vida traz informações a respeito de como a maioria dos rapazes se aproximam do universo de garotos de programa, geralmente por intermédio de colegas que já conhecem o cotidiano do ofício de garoto de programa ou, que em suas relações sociais, conseguem, por meio de práticas sexuais, trocas que podem ser financeiras ou não.

As dificuldades econômicas e as diversas formas com as quais podemos lidar com o trabalho perpassam por discussões a respeito de atividades moralmente aceitas ou repudiadas.

A descoberta de que podem conseguir satisfazer parte de suas necessidades por meio de programas, consequentemente direciona nosso olhar para os espaços sociais em que podem atuar como garotos de programa e os conflitos sociais oriundos dessa atividade que podem vir a enfrentar.

Na sua trajetória de vida fazendo programas, identificamos a presença da família como instituição normatizadora e controladora daquilo que a sociedade espera como desejável e produtivo, tanto no que se refere à atividade profissional como no que tange à sexualidade.

Fazer programa sugere práticas sexuais que, na maioria das vezes, tem como retorno o dinheiro. Também remete à reflexão sobre a construção de suas sexualidades por meio das experiências sexuais e formas de interagir com seus corpos.

Por sua vez, esses corpos não são pontos isolados no universo, estão inseridos em redes sociais que estabelecem modelos de como devem ser vivenciados. Geralmente são modelos tradicionais, baseados em concepções biológicas e binárias sobre gênero.

Assim, vão sendo impostos modelos de masculinos e femininos, de acordo com o sexo biológico de cada pessoa.

Daí, uma de nossas hipóteses é considerar que garotos de programa identificados biologicamente como do sexo masculino e também reconhecidos socialmente como homens, vão construindo suas masculinidades tendo como modelo a heteronormatividade, porém suas sexualidades e masculinidades são vivenciadas nas fronteiras da homossexualidade.

Heteronormatividade consiste em relações sociais que impõem um único modelo idealizado de construção da sociedade, tendo como referência a reprodução e manutenção de condutas e códigos heterossexuais, baseando-se pela premissa do casamento monogâmico, fidelidade conjugal e, principalmente, pela constituição de família sendo composta por homem e mulher (DARDE, 2008).

Nesse aspecto, relações sexuais que não visam a reprodução e nem a formação do modelo tradicional de família são consideradas transgressões. Incluem-se nelas a homossexualidade e a prostituição.

Como é considerado um modelo complexo e plural, envolve diversas questões sociais como gênero, sexualidade, desigualdades sociais e étnico-raciais (DARDE, 2008).

Quanto as masculinidades, entendemos que não se tratam de atributos naturalizados ou herdados biologicamente. Pelo contrário, seus significados “variam de cultura a cultura, variam em diferentes períodos históricos, variam entre homens em meio a uma só cultura e variam no curso de uma vida” (KIMMEL, 1998).

Nesse sentido, KIMMEL (1998) afirma que as masculinidades “são socialmente construídas” de acordo com modelos hegemônicos e subalternos presentes em cada sociedade. Elas são construídas concomitantemente, tendo como campo de experiências e vivências as relações de poder que ocorrem entre homens e mulheres e também nas relações dos homens entre si.

Assim, percebemos na narrativa de Thiago vários pontos para reflexão, afinal ele revela um marco na sua primeira experiência sexual, cuja expectativa social é que fosse com uma mulher e não com um homem.

Sua afirmação de que não era *gay* é categórica e repetida por três vezes. Ela evoca pensarmos não somente na presença ou não de um conflito sexual, como apostariam os psicólogos mais conservadores.

Aliás, RUBIN (1989) afirma que, geralmente, as práticas concernentes à sexualidade, que fogem do padrão considerado normal, são tratadas focando a "problemática" na pessoa como possíveis problemas psíquicos, ao invés de serem abordadas como processos de relações sociais e culturais.

> La psicología es siempre el recurso último de los que rehúsan reconocer que los disidentes sexuales son tan conscientes y libres como cualquier otro grupo. Si los desviados no están siguiendo las manipulaciones del sistema social, entonces quizá debe buscarse la causa de sus incomprensibles opciones sexuales en una mala infancia, una socialización defectuosa o una inadecuada formación de la identidad. (RUBIN, 1989: 52).

A negação por parte de Thiago acerca de uma identidade *gay* tem um sentido social, tem uma demarcação que revela papéis sociais e posições nessas relações, que podem ser confortáveis ou incômodas.

Assim, o tema em questão refere-se aos programas que esses garotos fazem que são interpretados pela sociedade como prostituição.

Entretanto, não estamos falando de prostituição de mulheres ou de travestis, estamos entendendo que eles estão inseridos naquilo que PERLONGHER (1987) denominou como prostituição viril, que ocorre em um universo predominantemente homo-viril.

A construção do masculino e de sua identidade não nos deixa esquecer que esses garotos vivenciam fronteiras entre suas masculinidades e o universo das homossexualidades, em virtude de que a maior parte de seus clientes são *gays*.

Diria que são conteúdos simbólicos que fluem no imaginário coletivo e nos interstícios de suas experiências consumadas em programas sexuais.

4.2 DIMENSÕES POLÍTICAS DA SEXUALIDADE

Na sociedade atual, diferentemente da Idade Média, existem múltiplos discursos sobre o sexo e a sexualidade, como discursos da Psicologia, Psiquiatria, da Biologia, da Moral, das Ciências Sociais, e assim por diante (FOUCAULT, 1988).

Nesse sentido, a sexualidade pode ser abordada como mantenedora da família burguesa instituída ou como algo que desorganiza essa ordem estabelecida. Também pode ser pesquisada considerando subjetividades, desejos, história, biologia, representações sociais como questões políticas, etc. (LOYOLA, 1999).

A sexualidade é um campo de conhecimento explorado por diversas áreas e está em processo de formação enquanto objeto de estudo, por isso não é um objeto específico de estudo de uma determinada área (LOYOLA, 1999).

Algumas áreas do conhecimento que se propõem a estudar a sexualidade dentro do campo da Saúde tratam-na sob um viés normativo e terapêutico, ao invés de entendê-la como “uma forma de se pensar o social e a sociedade” (LOYOLA, 1999: 32).

Dentre as contribuições das diversas áreas do conhecimento que estudam a sexualidade, para este estudo, destacamos saberes oriundos também da Psicologia Social como da Psicologia Política, que possibilitam discutirmos a sexualidade que está inserida nas questões da humanidade e

das relações sociais de um modo geral (ANTUNES, 2005; PRADO e MACHADO, 2008; BOCK e GONÇALVES, 2009; PRATA, 2010).

Ao trazer para reflexão o conceito de sexualidades, no plural, temos como proposta ampliar a visão sobre um campo vasto, plural, rico em experiências e práticas (individuais e sociais), sendo impossível refletirmos sobre a sexualidade enraizada apenas no que concerne ao discernimento entre os gêneros masculino e feminino (PRADO e MACHADO, 2008).

Contribuições das ciências humanas e sociais permitem considerarmos que sexualidade não se restringe a atividade sexual (HEILBORN, 1999), a reprodução sexual (VANCE, 1995) e que a orientação sexual heterossexual não é a única forma de se vivenciá-la.

Ainda considerando as contribuições das ciências humanas e sociais, vale lembrar que pensando sobre sexualidade e desejo há uma ideia ainda errônea de que todo desejo sexual é ou deveria ser heterossexual (KULICK, 2008).

Compreensões naturalizadas, homogeneizadas e universalizadas sobre a sexualidade ocorrem porque a lógica das práticas sexuais ainda segue regras sociais dentro do modelo heterossexual, no qual relações de gênero se concretizam (ANTUNES, 2005).

Assim, amplia-se a visão sobre sexualidade tratada de forma natural e de base exclusivamente biológica e que, na perspectiva de gênero, passa a ser compreendida como uma construção social (HEILBORN, 1999).

A sexualidade é típica da vida em sociedade, das convenções sociais e culturais, bem como das relações de poder presentes nessas inter-relações.

FOUCAULT (1988) defende a ideia de que a sexualidade foi inventada, tratando-se de um dispositivo histórico. Para tanto, fundamenta-se na análise das diversas formas com que as sociedades, ao longo da História, foram vivenciando seus corpos, prazeres e desejos, bem como na análise da constituição de uma sexualidade burguesa e, posteriormente, uma sexualidade de classes, que visava a atender necessidades diferenciadas entre ambas no século XIX.

Contrariamente ao que muitos imaginam, FOUCAULT (1988) não era a favor da hipótese repressiva da sexualidade vigente no século XIX.

Ele não concebia a necessidade de nos libertarmos de normas estabelecidas que visavam a reprimir a sexualidade, pois entendia que simplesmente mudaríamos de dispositivos normalizadores, e que a repressão foi a forma clássica de ligação entre Poder, Saber e Sexualidade.

Na sua compreensão, o sexo não foi proibido, pelo contrário, foi incitado a que se falasse sobre ele e a praticá-lo, porém foi controlado de forma coercitiva para atender a urgências econômicas (FOUCAULT,1988).

Como ainda lembra, é importante falarmos sobre sexo, para fins de normatização do comportamento humano, até porque: “O sexo não se julga apenas, administra-se.” (FOUCAULT, 1988:27).

Houve, então, a necessidade de desvincular a relação estabelecida entre sexualidade e poder repressivo. Para tanto, FOUCAULT (1988) ampliou a compreensão de poder como algo produtivo e não essencialmente repressivo.

Assim, esse autor postulou que o poder opera em relação à sexualidade possibilitando a criação de formas de vivenciá-la e não de reprimi-la, e é justamente nessas formas de vivenciar a sexualidade que nos cabe pensar sobre os dispositivos que buscam normatizá-la (OKSALA, 2011).

Nesse sentido, existem as sexualidades consideradas naturalizadas e aquelas a que FOUCAULT (1988) chama de sexualidades ilegítimas e periféricas, cujas práticas sexuais não visam a procriação e não se restringem a privacidade do lar, cabendo-lhes certa permissividade nessas práticas somente se ocorrer o “lucro”.

Em contrapartida, entende que: “(...) se o sexo é reprimido é porque não consegue uma colocação ou um espaço na lógica do trabalho” (FOUCAULT, 1988:12).

A instituição da sexualidade para DUARTE (1999) é uma das questões que configuram as tramas sociais de nossa sociedade, considerada como cultura ocidental moderna.

Como principal exemplo, se apresentam os problemas advindos e relacionados à epidemia da AIDS, tais como drogas, pluralidades de comportamentos sexuais, uso de preservativos, etc. (DUARTE, 1999).

Essas e outras situações remetem-nos, de certa forma, a analisarmos como está instituída a sexualidade em nossa sociedade e como vai se configurando na própria pessoa "humana" (DUARTE,1999).

Em outras palavras, ao falarmos dessas situações instituídas que se configuram como referências para a construção da personalidade e para o direcionamento do comportamento sexual, estamos falando de "dispositivos da sexualidade".

Dispositivos da sexualidade significam, em suma, analisarmos as múltiplas questões que estão atreladas à sexualidade humana (FOUCAULT, 1988; DUARTE, 1999), inclusive os determinantes históricos construídos por toda a humanidade (LOURO, 2000).

É importante lembrar que há três séculos o homem ocidental tem sido submetido a falar, revelar, compartilhar a forma como vive seu sexo, consequentemente, sempre sujeito as consequências como tentativas de modificação do seu desejo (FOUCAULT, 1988).

RUBIN (1989) destaca as contribuições de Foucault em sua obra *História da Sexualidade*, reiterando e enfatizando que os desejos não estão determinados por estruturas biológicas, mas pelo seu desenvolvimento a partir das práticas sociais que são historicamente determinadas.

A noção dos dispositivos da sexualidade, atuando no sentido de moldar as práticas sexuais e os desejos humanos, amplia nossa compreensão sobre sexualidade.

Neste aspecto, estudos sobre o tema têm caracterizado a sexualidade também como uma dimensão política (LOURO, 2000; PRADO e MACHADO, 2008), onde a reflexão e o debate sobre gênero e pluralismo sexual permitem o reconhecimento da diversidade no que se refere as sexualidades.

Não cabe neste trabalho aprofundarmos a reflexão sobre a política na sociedade contemporânea, contudo, cabe sim apontarmos quais reflexões e

análises sobre sexualidades, conceitos e práticas estão totalmente atreladas à concepção política (PRADO e MACHADO, 2008)[9].

Essa perspectiva de compreensão da sexualidade humana como dimensão política é melhor visualizada quando consideramos as relações entre sexualidade e corpo.

A vivência da sexualidade ocorre no corpo (ÁVILA e GOUVEIA, 1996), assim, podemos também dizer que é no corpo, através do corpo e com o corpo que a prostituição masculina acontece.

O corpo não é apenas uma estrutura biológica, nele pulsa uma vida permeada por representações sociais de perigos, limites e confrontos (JIMINEZ, 2008), como representação simbólica do imaginário coletivo, o corpo esconde ou revela sinais de fraqueza, doenças e ratifica estigmas (SEFFNER, 2001).

E é justamente nele que materializamos nossas experiências tanto aquelas que nos frustram e são dolorosas, como aquelas que nos realizam como pessoas por meio de experiências prazerosas (WEEKS, 2000).

Quando refletimos sobre o corpo, não estamos cindindo corpo e psique (ou mente), estamos considerando a vivência no sentido de todo, na qual o corpo que é sexuado (LOURO,1996) e mente vivenciam concomitantemente tais experiências.

Sentimentos, desejos e cuidados com o corpo estão associados a questões intrapsíquicas, porém não estão condicionados exclusivamente a elas porque enquanto construções sociais, emoções, sentimentos e formas de relacionar-se com o corpo são construídos em contextos da subjetividade (LOURO, 2000).

A subjetividade é entendida aqui como produto da interação entre as questões internas e externas das pessoas, logo não estão dicotomizadas e não necessariamente são ambíguas, mas inter-relacionam-se.

---

[9] Ao nos referirmos a política, podemos estar debatendo as relações formais e instituídas que servem para sustentar o Estado e as ações da sociedade civil; podemos falar dos antagonismos sociais que podem ser negociados em Políticas Públicas; e também podemos estar nos referindo a situações de homogeneização social que não possibilitam questionamentos sobre hierarquias sociais e relações de poder (PRADO e MACHADO, 2008).

Nesse sentido, não podemos desconsiderar as redes sociais permeadas por todos os determinantes culturais, históricos e sociais propriamente ditos que interagem na apropriação da pessoa humana de seu corpo e do corpo social instituído.

Podemos, sim, acrescentar que estamos falando também de aspectos políticos ao nos referirmos ao corpo, afinal, de acordo com SIMÕES (2004) e JIMENEZ (2008), todo corpo interage em grupos que lhe atribuem significados de acordo com os papéis impostos e esperados pela sociedade na qual convive.

Os papéis sociais e a disciplinarização dos corpos vão sendo configurados por meio dos dispositivos do sexo na nossa modernidade, por meio de estímulos sociais para falarmos sobre a atividade sexual, sobre formas de prazer, etc.

Nesse sentido, FOUCAULT (1988) acredita que não houve censura em virtude desses dispositivos, que se analisarmos hoje eles estão presentes na *internet*, revistas, telenovelas, inúmeros programas televisivos, etc.

Contudo, segundo PRADO e MACHADO (2008), muitas vezes a mídia posiciona-se de forma espetacular quando aborda a multiplicidade plástica das sexualidades.

Em oposição ao modelo heteronormativo divulgado pela mídia, entendemos que não existe uma sexualidade, isto é, uma forma de se vivenciar a sexualidade, mas infinitas possibilidades, o que permite falarmos sobre sexualidades.

Compreendemos também que essas possibilidades de se vivenciar a sexualidade são plásticas, isto é, além de infinitas, elas não são estáticas, são flexíveis, passíveis de mudanças ao longo da vida (LOURO, 2000; JIMENEZ, 2008).

LOYOLA (1999) e PASINI (2009) trazem contribuições que nos permitem entender que a sexualidade, além de não ser estática, definida e acabada, é mutável, dinâmica e relativa, variando de acordo com a história,

sociedade, grupos entre as sociedades e, principalmente, variando ao longo da trajetória de vida das pessoas.

Exemplificando, hoje quem vive modos de vida de uma pessoa heterossexual, amanhã poderá experimentar e vivenciar experiências como homossexual e vive-versa, nesse caso, alguns autores como OLIVEIRA (2009) recorrem ao conceito de carreiras sexuais para analisarem a história biográfica e os cenários culturais nos quais viveram de determinadas pessoas.

Esses trânsitos e mudanças nas vivências sexuais das pessoas, denominados por OLIVEIRA (2009) como “carreiras sexuais” não acontecem de forma isolada, como uma experiência exclusiva da pessoa. Pelo contrário, essas experiências e movimentos se dão em um emaranhado social, carregados do imaginário coletivo sobre o que é sexualidade, gênero, masculinidade e como deve ser a relação com o corpo (0LIVEIRA, 2009).

Nesse aspecto, as instituições sociais vão se posicionando no sentido de padronizar as vivências sexuais e os comportamentos sociais e, por outro lado, as pessoas e determinados grupos também vão se organizando e reorganizando na medida em que suas vivências vão se configurando em demandas públicas.

Nesse sentido, a autonomia e emancipação das sexualidades de determinados grupos e pessoas confrontam-se com o controle imposto pelo discurso da heteronormatividade (PRADO e MACHADO, 2008).

Para RUBIN (1989), o conhecimento acadêmico sobre sexualidade esteve sob o domínio da Medicina, da Psicologia e da Psiquiatria, que em sua essência reproduziu e perpetuou a visão essencialista da sexualidade humana como algo imutável e determinado restritamente por fatores biológicos, sendo negada a influência social e histórica da construção da sexualidade.

Assim, saberes médicos não só patologizaram situações de usos de drogas (KESSLER, F. e col., 2003) e as vivências não heterossexuais (RUSSO, 2004; ANTUNES, 2005; PRADO e MACHADO, 2008), eles sacramentaram práticas não heterossexuais como posições subalternas nas

hierarquias sexuais, validando o discurso hegemônico heteronormativo (ANTUNES, 2005).

Nesse aspecto, estamos falando de um fenômeno difícil de ser controlado e talvez seja justamente aí que se reforça o preconceito social, pois o entendimento das sexualidades como algo natural do ser humano, coloca em risco o poder presente nas hierarquias sexuais que de longa data, como lembra FOUCAULT (1984), posicionam o homem heterossexual e, principalmente, ativo como ser superior.

Legitimar a experiência de práticas sexuais homossexuais desconstruindo preconceitos e revendo hierarquizações sexuais, significa "navegar por um reposicionamento na própria história individual e coletiva, já que os valores morais são constituídos das identidades e das culturas" (PRADO e MACHADO, 2008:76).

A definição de preconceito por PRADO e MACHADO (2008) é significativa para a nossa pesquisa. Esses autores entendem que o preconceito se torna explícito, manifesto e se configura não por causa da percepção das diferenças ou das diversidades. Ele se configura justamente quando essa percepção não permite que os diferentes estejam inseridos no grupo, em outras palavras, é a presença da exclusão, ou tentativa de exclusão dos diferentes, que revela a presença do preconceito (PRADO e MACHADO, 2008).

Nesse sentido, compreendemos que o preconceito atua como dispositivo de manutenção das hierarquias sexuais e também como gerador de violência.

Existe uma normatividade que exige que o sujeito se autodenomine heterossexual, homossexual ou bissexual (OLIVEIRA, 2009), autodenominações essas que, na prática, servem para manutenção dessas hierarquias sexuais e, consequentemente, das relações de poder existentes entre elas.

Ao traçar um diagrama para representar a linha que simbolizaria as fronteiras entre o bem e o mal, ou superiores e inferiores no que se refere à sexualidade, RUBIN (1989) descreve a heterossexualidade, a vida

reprodutiva, aqueles que são casados no extremo considerado mais natural, sagrado, saudável e superior na hierarquia sexual.

No extremo oposto apresenta vivências que não atendem, em nenhum momento, a heteronormatividade, destacando-se aquelas consideradas como perversão a travestilidade, a transexualidade, o sadomasoquismo e, é claro, a prostituição.

Entre esses extremos, a autora identifica heterossexuais promíscuos e descreve inúmeras vivências pertinentes a diversidade sexual, como *gays* e lésbicas monogâmicos, *gays* que frequentam saunas, não monogâmicos, etc.

Em contrapartida, diante das mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas, é possível encontrar algumas vivências homossexuais que, por se aproximarem de um modelo heteronormativo, estão, inseridas no contexto daquilo que seria considerado uma vida sexual normal e natural (RUBIN, 1989; ALMEIDA, 2010).

Paradoxalmente, processos de dominação e inferiorização nas relações sociais ocorrem pendularmente no sentido de manutenção daqueles que se sentem superiores.

Nesse aspecto, ao mesmo tempo em que repelem os diferentes e tentam excluí-los, permitem as expressões coletivas dos considerados inferiores como forma de constituírem o modelo heterossexual hegemônico.

Em outras palavras, os diferentes permanecem no contexto social, mesmo diante das tentativas de exclusão, não pela eficácia de seus movimentos e tentativas de afirmação, mas como diria LOURO (2000), por uma necessidade de referência e afirmação daquilo que já está instituído e, de acordo com FOUCAULT (1988), porque as sexualidades naturalizadas e periféricas se inter-relacionam como um movimento de refluxo.

Ao falar sobre o Sujeito e o Poder, FOUCAULT (1995) afirma que embora estivesse falando sobre o poder, na verdade era o sujeito o tema geral de sua pesquisa. E nessa relação sócio-histórica entre sujeito e poder, lembra os diversos tipos de lutas derivadas dessa relação e as contradições nelas existentes, destacando que:

> "São lutas que questionam o estatuto do indivíduo: por um lado, afirmam o direito de ser diferente e enfatizam tudo aquilo que torna os indivíduos verdadeiramente individuais. Por outro lado, atacam tudo aquilo que separa o indivíduo, que quebra sua relação com os outros, fragmenta a vida comunitária, força o indivíduo a se voltar para si mesmo e o liga à sua própria identidade de um modo coercitivo" (FOUCAULT, 1995).

Na família, no meio educacional, nas instituições de saúde e na sociedade de um modo geral estão presentes os discursos normatizadores, juntamente com eles ações que punem, estigmatizam, marginalizam aqueles que não se moldam ao sistema e que denunciam as falhas da sociedade.

Essas sanções disciplinares ocorrem de inúmeras formas e são mantidas pelos discursos normatizadores, manifestos por classificações dessas pessoas como indisciplinados, rebeldes, problemáticos, marginais, gangues, vulneráveis, promíscuos, etc.

Atualmente, há várias manifestações, em diversos países, em busca do direito a diversidade sexual, desdobrando-se não somente nas Políticas Sociais de Direitos, como nas de Saúde Pública.

Entretanto, mesmo diante de novos estudos, somos ainda influenciados pelos pressupostos da sexualidade universal (RUBIN, 1989).

Vivências LGBT tratam de um campo de vivência colocado historicamente como subalterno (PRADO e MACHADO, 2008) e marcado também por lutas sociais e políticas (SIMÕES, 2004; PRADO e MACHADO, 2008).

Nesse sentido é que compreendemos que a sexualidade está diretamente relacionada com a política, pois proporciona e se encontra, como afirma ÁVILA (2003), no campo das transformações sociais.

RUBIN (1989) lembra que, ao longo da história, a hierarquia sexual passou a ser sustentada por leis que foram sendo elaboradas e executadas de acordo com cada Estado ou País.

E, ainda adverte que não somente as leis sustentam essas hierarquias, mas também ocorrem por meio de ações burocráticas que inviabilizam a participação social e produtiva daqueles que não são identificados como heterossexuais.

Cita, como exemplo, os Estados Unidos que inibem a entrada de homossexuais em seu território e também alguns países que vetam a entrada de homossexuais nas forças armadas (RUBIN,1989).

Leis que criminalizam algumas práticas sexuais, juntamente com regulamentações burocráticas referentes à orientação sexual e identidade de gênero, contribuem para um verdadeiro *apartheid* sexual (RUBIN,1989).

Vale lembrar novamente a crítica de FOUCAULT (1988), que não se trata somente de uma questão de inúmeros estímulos para falar de sexo, de sexualidade e de diversidade sexual, mas de pensarmos o que há de imperativo nesses discursos.

De acordo com RUBIN (1989), esses discursos são sustentados por uma relação de poder que privilegia alguns e dificulta o acesso de outros a uma melhor qualidade de vida.

Assim, cabe trazermos algumas reflexões pertinentes à compreensão da homossexualidade e de seus desdobramentos no campo social, afinal a homossexualidade nada mais é do que a manifestação da dificuldade de entendermos a sexualidade humana para além da heteronormatividade.

4.3 DAS VIVÊNCIAS OCULTAS HOMOSSEXUAIS À VISIBILIDADE DA DIVERSIDADE SEXUAL

A homossexualidade torna-se um aspecto importante para a reflexão sobre as práticas de Saúde Pública, uma vez que sempre esteve, mesmo que de forma proibida, presente nas práticas sociais, todavia, muitas vezes negligenciada enquanto um dos aspectos da multidimensão da sexualidade humana, sendo tratada muito mais como um fator de intervenção policialesca do que de saúde pública.

Práticas em conjunto envolvendo políticas de saúde e a presença da polícia eram comuns nas ações sanitaristas que FOUCAULT (1994) denominou como Medicina das Epidemias.

No entanto, no que tange à homossexualidade em virtude do preconceito presente em muitos momentos históricos, a ação da polícia sempre foi muito mais intensa em busca de seu controle.

Pensar em sexualidades e, especificamente, nas homossexualidades, significa pensar sobre o corpo das pessoas, significa pensar sobre “como” é possível manifestar a relação entre sexualidade e corpo. Até porque, de acordo com FOUCAULT (1977) toda sociedade tem o corpo como elemento social de investimentos, sujeito a limitações, restrições, tentativas de controle. Em muitos casos o que costuma variar são as técnicas de controle sobre ele, que variam de acordo com o contexto histórico e o grupo social envolvido, neste caso, os homossexuais.

Essas técnicas podem ser visualizadas ao longo da História por meio de punições sociais de cunho moral ou mesmo por ações consideradas crime tendo como respaldo legal o sistema jurídico.

Após a revolução industrial, em alguns países europeus e nos Estados Unidos, a legislação sexual passou a ser muito mais severa que as

demais, por exemplo, praticar sexo oral era mais condenável do que matar (RUBIN,1989).

Vale a pena lembrar que, anteriormente ao século XX, a Saúde Pública, apoiada pela Medicina em vigência, de certa forma tentou normatizar padrões de condutas sexuais para todas as pessoas de um modo geral, porém com muito mais força, ênfase e discriminação para com os homossexuais.

Inserida na clandestinidade social, as inúmeras manifestações sociais envolvendo a homossexualidade nunca se constituíram como alvo específico da saúde pública até o século XX. No entanto, com o surgimento do HIV e da AIDS, passou-se a discutir e direcionar ações de saúde pública, reconhecendo nos homossexuais um grupo de risco e, com isso, normatizando-se, de certa forma, como deveriam ser as condutas dessas pessoas.

O pânico moral da epidemia da AIDS (RUBIN 1989) incentivou a criação de projetos e práticas em saúde pública denominados por RIOS (2010) como o engessamento da AIDS.

Antes de avançar a reflexão sobre as questões pertinentes a homossexualidade no século XX, vale lembrar como a sociedade a abordou ao longo de vários contextos sociais.

Relembrando a Grécia Antiga que, apesar de sempre ser mencionada como uma referência a respeito da sexualidade e homossexualidade, percebemos que, mesmo diante de certa aceitabilidade das relações sexuais entre homens pelos gregos, havia uma aversão as condutas que poderiam ser interpretadas como renúncia da virilidade, como relação sexual passiva e comportamentos afeminados (FOUCAULT, 1984).

Quanto a Idade Média, a prostituição foi institucionalizada nesse período como forma de controlar o comportamento dos solteiros, para que não extrapolassem em suas “orgias” e comportamentos “inadequados”, enfatizando-se a importância da prostituição para que esses jovens não corressem o risco da sodomia/homossexualidade (MATTHEWS-GRIECO, 2005).

A homossexualidade ao longo da História ocidental (Idade Média e Antiga) passou por uma rejeição social a ponto de incentivarem prostíbulos, organizá-los e instituí-los para evitar as experiências contrárias ou diferentes das heterossexuais (MATTHEWS-GRIECO, 2005).

Entre os séculos XV até XVII, ela sofreu ações diferenciadas dos governos de sua época, pois havia também critérios de tolerância ou pouca tolerância para com a homossexualidade, pois em alguns momentos, tais práticas eram toleráveis quando se tratava de adolescentes.

Porém, quando se tratava de adultos, a prática da homossexualidade que era considerada passageira e conduta “natural” de iniciação sexual, já não era tolerável, principalmente quando o homem que estivesse na relação assumia a posição “passiva” (MATTHEWS-GRIECO, 2005).

Posteriormente, no final do século XVII houve uma “permissividade” para que a homossexualidade fosse exercida em locais específicos e até mesmo acompanhada de prostituição (MATTHEWS-GRIECO, 2005).

Esses locais eram “secretos”, geralmente em contextos urbanos, e constituíam-se por meio de redes de proteção social e também como subcultura, cultura sexual específica, confome apontado por MATTHEWS-GRIECO (2005).

Porque em sua análise, esses encontros permitidos e secretos visavam de certa maneira a busca das identidades dessas pessoas que compartilhavam de necessidades, desejos e vivências corporais diferentes da sexualidade social heterossexual (MATTHEWS-GRIECO, 2005).

Podemos dizer,que, não da mesma forma como foi se constituindo no século XX a partir da década de 60 aproximadamente, mas esses locais secretos formalizados no final do século XVII já estavam sinalizando a formação do que viria a ser denominado como *gueto gay*.

Aspecto este muito importante, ao considerar as diversas manifestações da homossexualidade ao longo da História, que extrapola as explicações da Medicina e buscam uma melhor compreensão por meio das ciências humanas e sociais, ao tentarem compreender seus rituais, códigos,

valores e formas específicas de se relacionar em cada contexto sócio-histórico.

Salienta-se ainda que esses locais secretos, porém de conhecimento público, ainda permanecem ou se transformaram, como podemos ver atualmente pela existência das saunas *gays*, cinemas pornôs, banheiros públicos, festas privadas em sítios e outros espaços sociais, que são locais secretos e permitidos.

Como não é possível evitar as sexualidades ilegítimas, existem algumas concessões, como locais específicos para serem vivenciadas (FOUCAULT, 1988).

Espaços esses que na verdade revelam políticas coercitivas sobre os corpos, uma manipulação sobre as condutas sociais de homossexuais, gerando a falsa ideia de liberdade e expressão, mas que no fundo culmina no controle de locais e formas de expressarem suas homossexualidades, pois de acordo com FOUCAULT (1977), uma das características da disciplina consiste em diminuir a força política das pessoas.

No final do século XVIII houve um controle rígido sobre as relações conjugais, sendo aquelas fora do casamento, sodomia e outras, consideradas prazeres estranhos e passíveis de condenação (FOUCAULT, 1988).

Tinha-se na crítica a conduta homossexual uma política de controle sobre o corpo, tendo em vista a reprodução e o caráter religioso que até hoje encontramos fomentando os conflitos sociais pertinentes a diversidade sexual.

Nesse aspecto, "Los actuales conflictos sobre los valores sexuales y la conducta erótica tienen mucho en común con las disputas religiosas de siglos pasados. Adquieren un inmenso valor simbólico" (RUBIN, 1989:1).

No Século XX, o corpo enquanto dimensão social passa por transformações oriundas da moda, das atividades esportivas, das cirurgias estéticas, dentre outras e, por outro lado, traz também explorações e comercializações do corpo, principalmente por meio das imagens

pornográficas que restringem mais uma vez a sexualidade as áreas genitais (SHON, 2005).

A contribuição da Medicina e, consequentemente, dos discursos científicos sobre o corpo auxiliaram a minimizar os julgamentos religiosos e morais sobre as condutas sexuais consideradas inadequadas.

Tais contribuições, por sua vez, colocaram o corpo numa condição de enfermidade, assim a homossexualidade já não era mais um pecado, mas uma doença, até a última edição do Código Internacional de Doenças.

Em 1973, retirada do referido código, a homossexualidade e as práticas sexuais teoricamente aliviaram socialmente alguns estigmas voltados para homossexuais e mesmo para os garotos de programa que fazem práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo.

Em contrapartida, esses últimos, por sua vez, em virtude de suas práticas sexuais realizadas por meio dos programas, podem ser remetidos a outras supostas patologias, como o sadomasoquismo, principalmente se considerarmos as experiências exóticas (JIMENEZ, 2008) com fezes e xixi, muito comuns na prostituição e presentes também entre garotos de programa.

Como contribuição científica, destaca-se a Psicanálise na qual a sexualidade no século XX, por um longo tempo, restringe a noção social do corpo, como: corpo que tinha pênis e o corpo que não tinha pênis (SOHN, 2005).

A liberação dos costumes a partir da metade do século XX tem como espaço expressivo o próprio corpo, tomando como exemplos: o beijo na boca, que era considerado atentado ao pudor em 1881, passa a ser visto como expressão afetiva; a masturbação passa a ser considerada não mais como um vício perigoso, mas um hábito juvenil; o sexo oral por sua vez passa a fazer parte das relações sexuais até mesmo entre as mulheres consideradas “decentes” (SOHN, 2005).

Dessa forma, a mudança nos hábitos sexuais, termina por alterar também o papel da prostituição no contexto social: “La prostitución, que

durante mucho tiempo alimento la sociabilidad y el imaginário masculino, retrocede rápidamente" (SHON, 2005:124).

Com tantas mudanças, é claro que no universo das homossexualidades as transformações também se refletiram no século XX, entretanto vale lembrar que: "La historia de los homosexuales no es lineal y alterna avances y retrocesos, sobre todo porque la represión sigue a la orden del día a lo largo de todo el siglo XX" (SHON, 2005:127).

Assim, podemos visualizar avanços e retrocessos no que tange à homossexualidade no campo social, por meio da visualização das principais leis e momentos históricos configurados pelos movimentos sociais hoje denominados movimentos LGBTs ou referentes a diversidade sexual.

A primeira lei anti-obscenidade foi criada em 1873 nos Estados Unidos, coibindo qualquer tipo de veiculação de informações que estivessem relacionadas ao sexo e, mesmo sendo revogada em 1975, um século depois, suas disposições e constitucionalidade permaneceram as mesmas.

Segundo RUBIN (1989), ainda que as leis em relação à homossexualidade e prostituição existam desde há muito tempo, é a partir da era vitoriana que elas são explicitamente reforçadas.

A homossexualidade sempre esteve presente, ora repudiada ora aceita, essa estratificação social sempre variou de acordo com o jogo político vigente ou de acordo com a cultura de determinadas sociedades. Como exemplo podemos citar as práticas homossexuais na Nova Guiné, como uma questão cultural no processo de construção de suas masculinidades (RUBIN, 1989).

Por outro lado, segundo SHON (2005), é possível visualizarmos movimentos sociais de tolerância ou não da homossexualidade ao longo do século XX. Nesse período ela que foi considerada algo da "moda" entre a elite inglesa e, em outros contextos, sofreu perseguição a partir de 1931 com o regime nazista.

Vale a pena destacar que houve na Inglaterra uma lei criada em 1885 que perdurou até 1967, que tinha como base a perseguição às práticas

homossexuais (RUBIN, 1989) e, em Portugal, a homossexualidade deixou de ser crime apenas em 1982 (ALMEIDA, 2010).

Na década de 50, nos Estados Unidos, começaram a surgir mudanças pertinentes a sexualidade, dentre elas o foco da preocupação com a prostituição. Passaram, então, a socializar e enfatizar a preocupação em relação à homossexualidade como se ela fosse uma ameaça e, além disso, associaram-na à deliquência sexual.

A homossexualidade foi tratada como uma epidemia social antes e depois da Segunda Guerra Mundial, sendo comuns vários delitos sexuais praticados pelos chamados delinquentes sexuais, porém a maior ênfase neste período ainda recaía sobre práticas homossexuais (RUBIN, 1989).

A perseguição àqueles que não se encaixavam no sonho americano durou entre a década de 40 até final da década de 60. Essas perseguições ocorreram de várias formas, dentre elas a pressão social cobrando posicionamentos do governo e a imposição para que restringissem o acesso de homossexuais como trabalhadores em órgãos públicos, assim grande parte dos homossexuais ficaram desempregados (RUBIN, 1989).

Podemos lembrar os escândalos quando homossexuais foram demitidos das forças americanas recentemente, e também do Brasil pelo fato de dois soldados terem assumido em público suas orientações sexuais.

Por volta do final da década de 70, os Estados Unidos voltam a viver situações similares as vivenciadas na década de 50, dentre elas a exaustiva ação de erradicar de São Francisco toda e qualquer situação que fomentasse práticas homossexuais (RUBIN, 1989).

Final da década de 1970, ainda nos Estados Unidos, surge o movimento social conservador que pressionava para que revogassem os direitos políticos de homossexuais, tornando-os, juntamente com prostitutas, alvos de investidas policiais, de repressão, etc.

Assim, aconteceram várias ações públicas de repressão, coerção em relação a prostituição, mercado sexual e homossexuais, mesmo locais como São Francisco não conseguiram conter a onda de moralismo e perseguição que se deu a partir de 1977.

As campanhas dedicadas a salvar jovens e crianças, fizeram com que no final de 70 fosse promulgada outra lei nos Estados Unidos, inibindo o comércio de materiais sexuais e eróticos (RUBIN, 1989).

A repressão que se repercutiu nos materiais didáticos teve dimensões inimagináveis, uma vez que qualquer imagem de criança nua ou seminua violava a lei em questão.

Reforçou-se, então, a partir dessa década um movimento de direita anti-*gay*, tendo como princípio normatizar o que seria uma vida sexual normal e sadia (RUBIN, 1989).

Juntamente, uma ideologia de direita dominante associava qualquer ato contrário as normas estabelecidas como manobras comunistas, e também associando o risco de tentar fragilizar a mulher branca submetendo-a às normas e culturas sexuais negras, consideradas inferiores.

Responsabilizaram ainda os homossexuais pela incapacidade americana de enfrentarem a Rússia.

Ainda tomando como referência os Estados Unidos, tamanha a ideologia cultuada garantiu a vitória de grupos de direita, religiosos e conservadores na eleição de 80, fazendo posteriormente com que a emenda que lutava por direitos iguais fosse revogada (RUBIN, 1989).

Pode-se dizer que houve um retrocesso sexual, por exemplo, surgiram leis que inviabilizavam o aborto e que adolescentes tivessem acesso a anticoncepcionais.

Nos últimos anos, os Estados Unidos têm vivenciado em diversos estados as disputas sociais pelos direitos de homossexuais, pelo aborto, etc. (RUBIN,1989). Em contrapartida, existem mais de mil direitos aos casais heterossexuais (ALMEIDA, 2010).

Podemos dizer que esses avanços e retrocessos não são exclusivos dos Estados Unidos, como percebemos nas contribuições de ALMEIDA (2010) quando aborda os avanços e as dificuldades dos direitos da comunidade LGBT na Espanha e em Portugal.

Semelhante ao sistema de trabalho capitalista, com suas distribuições e desigualdades, o sistema moderno político sexual tem sido objeto de luta

política desde que apareceu e, assim, temos presenciado embates, conflitos e movimentos de avanços e retrocessos de acordo com as correlações de forças que vão emergindo.

Para RUBIN (1989), a diferença entre os conflitos no que tange ao trabalho capitalista e aos movimentos sexuais se dão porque na luta capitalista os conflitos vão ocorrendo muitas vezes de formas declaradas e, no que se refere à sexualidade, eles são camuflados, logo, impedidos de virem à tona, tornam-se mais difíceis para serem superados em curto prazo.

A homossexualidade ainda é vista como uma escolha e como algo antinatural (ALMEIDA, 2010). Essa ideologia é reproduzida constantemente em contextos religiosos, ideologias partidárias conservadoras e até mesmo pela mídia.

Nesse sentido, ainda encontramos nos campos acadêmicos e feministas resistências homofóbicas implícitas, apesar de os avanços sociais na busca pelos direitos mais igualitários para a população LGBT terem se repercutido na universidade por meio de pesquisas (ALMEIDA, 2010).

A organização e fortalecimento das Organizações Não Governamentais (ONGs) que trabalham com foco na demanda de prevenção ao HIV e assistência às pessoas que convivem com as doenças, possibilitou ações semelhantes no Brasil, e que grupos LGBTs na Argentina se fortalecessem na busca pelos seus direitos sociais (SÍVORI, 2007).

A Argentina, ao sancionar o casamento entre pessoas do mesmo sexo, posicionou-se como o primeiro país da América Latina a admitir que casais homossexuais tenham os mesmos direitos que casais heterossexuais, contudo, ainda permanecem demandas sociais e situações de preconceito naquele país.

Além de muitas ideias errôneas e preconceituosas, a homoparentalidade e o casamento *gay* ainda sofrem constantes ataques fundamentados no senso comum, como por exemplo, alegando que possíveis problemas psíquicos da criança, em virtude da ausência da figura materna ou paterna, senso comum às vezes fundamentado, inclusive em

pareceres de profissionais da saúde que, preconceituosamente, ratificam essa ideologia.

Juntamente com esse discurso fatalístico em virtude da ausência materna ou paterna, militantes LGBTs que lutam pela legalização de suas uniões, ainda ouvem acusações de que geralmente casais homossexuais são menos estáveis comparados aos heterossexuais.

Outras vezes, vemos a força dogmática religiosa por trás desses discursos, na crença de que homens e mulheres devem crescer e multiplicar-se, sendo tal façanha possível somente na relação entre ambos os sexos.

Não podemos esquecer também que em termos de atender as necessidades de um sistema capitalista, precisamos que a sociedade se reproduza no intuito da garantia da mão de obra e casais homossexuais na perspectiva da Biologia não seriam capazes de se reproduzir (ALMEIDA, 2010).

Após a segunda Guerra Mundial, evidenciaram-se as desigualdades sociais de um modo geral, destacando-se as queixas racistas, sexistas e operárias, sendo a força operária a grande manifestação pelas mudanças sociais.

Nesse sentido, o movimento trabalhista, em conjunto com o pensamento marxista, incorporou em suas ideologias e luta as emergências das mulheres diante das desigualdades entre os sexos.

Incorporar um posicionamento antirracista, juntamente com as questões operárias, contudo eles não colocaram em sua pauta a orientação sexual, porque esta ainda estava sob a ótica do pecado, da doença e do crime, o que significaria então, empecilhos para o movimento revolucionário (ALMEIDA, 2010).

Embora a orientação sexual em âmbito mundial venha sendo incluída na Constituição de alguns países, ela ainda não é reconhecida como um direito universal, o que a coloca numa situação de fragilidade de altíssimo grau.

A homossexualidade ainda tem sido compreendida como algo pecaminoso, doença ou crime e é situada na escala da hierarquia sexual como inferior.

Apesar de todas essas ideologias que ainda predominam, ALMEIDA (2010) pontua que o fator mais agravante é não reconhecer a orientação sexual e, consequentemente, a diversidade como uma dimensão da esfera privada da pessoa e que em nada representa periculosidade para os interesses sociais e econômicos.

A ideologia da homossexualidade como um perigo a ordem social tem eclodido novamente diante de novos arranjos familiares que se tem emergido.

Diferentemente do modelo burguês e capitalista reforçado pela hegemonia heterossexual, essas novas configurações familiares têm provocado debates sobre parceria civil e homoparentalidade, travando-se conflitos e correlações de força em vários países, como o próprio Brasil, Estados Unidos e países da Europa como Espanha e Portugal (ALMEIDA, 2010).

Assim, somos novamente telespectadores de campanhas voltadas contra a homossexualidade, de forma semelhante à publicidade anti-*gay* da década de 70 nos Estados Unidos, que tinha como temas a necessidade de proteger os filhos e de salvar os adolescentes da homossexualidade.

Com outro *slogan*, diante do embate que movimentos sociais têm travado com partidos mais conservadores, a temática Família é a ordem da vez.

Dessa forma, nacionalmente, temos vivenciado nos últimos dias a campanha de partidos de direita que consiste em “resgatar” a família, cuja mensagem evidencia claramente que a única forma que se reconhece a instituição familiar é aquela formada por homem, mulher, amor e filhos.

Essa campanha foi lançada na televisão em âmbito nacional pelo Partido Democrata Cristão, algumas semanas após o Superior Tribunal Federal ter se posicionado a favor do casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Após várias lutas, homossexuais brasileiros conquistaram o direito de legalizar suas relações homoafetivas por meio da Parceria Civil, garantindo o direito de parceiros homossexuais diante da morte do companheiro, entretanto, tal conquista ainda não tinha o caráter de matrimônio.

Segundo RUBIN (1989), o moralismo vitoriano e suas coerções por meio da Medicina vigente ainda persistem e influenciam nas normas sociais, nas leis, na educação infantil, nas ações policiais e nas práticas de saúde pública.

Nesse aspecto, encontramos mudanças na hierarquia sexual, alguns homossexuais e lésbicas que, por meio de suas condutas "privadas", aproximam-se do modelo hegemônico heterossexual e capitalista, migrando da fronteira da marginalização para o meio do contexto social.

Assim, aqueles homossexuais ou lésbicas que constituem famílias ou apresentam comportamentos monogâmicos são considerados menos inferiores e têm no seu cotidiano um acesso mais fácil a participação nas atividades sociais (RUBIN,1989).

Sendo considerados ou melhor classificados em *gays* de primeira linha (os casados) e de segunda linha (não casados) (ALMEIDA, 2010), consequentemente aos *gays* de primeira linha estão sendo concedidas algumas recompensas sociais e facilitando o acesso a alguns direitos.

Considerando, então, as revoluções sexuais e as leis que buscaram normatizar a sexualidade presenciada na Inglaterra em 1880 e na década de 50 nos Estados Unidos e suas repercussões ainda nos dias atuais, "... es imperativo comprender qué es lo que está pasando y qué es lo que está en juego para poder decidir adecuadamente qué políticas debe apoyarse y a qué políticas hay que oponerse" (RUBIN, 1989:12).

Nesse sentido, uma das principais contribuições desta tese para o universo acadêmico e para as demandas sociais, refere-se a importância de trazermos informações e reflexões que realmente possam possibilitar que as relações humanas sejam mais igualitárias, democráticas e que o poder que sempre estará presente nas relações sociais movimente-se de forma mais equilibrada.

Lembro que ALMEIDA (2010) apontou a presença de manobras políticas recorrendo a estudos das ciências sociais para, cientificamente, justificarem a opressão de grandes grupos sobre minorias sociais, vetando-lhes o acesso a vários direitos que deveriam ser universais, como por exemplo o casamento entre pessoas do mesmo sexo, a homoparentalidade, e eu, novamente acrescentaria a liberdade de se vivenciar a sexualidade e o prazer nas suas infinitas possibilidades.

Essas resistências a homossexualidade ou a diversidade sexual fundamentam-se na lógica da hegemonia do modelo heterossexual e das demandas que se fizeram presentes por um longo tempo da sociedade burguesa na tentativa de preservar seu patrimônio.

Contudo, como já apontamos, podemos considerar que, sustentando essas lógicas, existiu e ainda existem, além do senso comum e da religião, áreas do conhecimento científico que tomam como referência apenas o modelo biológico para explicar a sexualidade humana.

Embora, PRADO e MACHADO (2008) apontem vários estudos referentes às homossexualidades, eles não os consideram suficientes para compreendermos a homossexualidade e a própria sexualidade sob as nuances políticas e suas implicações na esfera pública.

A própria heterossexualidade precisa ser pensada e problematizada (ÁVILA, 2003), entretanto, atentamos para as vivências típicas LGBTs que tratam não somente de diversidades sexuais, mas abordam também desigualdades sociais, estigmas e preconceitos.

Experiências relacionadas à diversidade sexual também são experimentadas por garotos de programa entre as fronteiras da visibilidade e invisibilidade de suas práticas sexuais, profissionais e exercícios de suas masculinidades.

Afinal, as performances viris praticadas pelos garotos de programa, seduções e práticas concretas sexuais são construídas e comercializadas principalmente para clientes *gays* (PINEL, 2000), que socialmente não são considerados sujeitos a direitos sociais e que estão à margem da sociedade (ANTUNES, 2005).

ALMEIDA (2010) afirma que mesmo que não exista a presença da identidade homossexual, existe punição para práticas homossexuais e, nessa afirmação, delimito a intersecção existente entre garotos de programas e homossexuais, por meio de suas práticas.

Assim, fizemos uma revisão teórica sobre o universo LGBT, com ênfase na homossexualidade e diversidade sexual, para subsidiar a análise das descrições das informações obtidas na pesquisa de campo.

5 A “MARECHAL”, SEUS CENÁRIOS E PERSONAGENS EM AÇÃO

5.1 MAPEANDO CIRCUITOS, CENÁRIOS E DINÂMICAS ENTRE GRUPOS SOCIAIS

Conforme havíamos combinado, eu e Pedrinho nos encontramos para mapearmos circuitos do mercado sexual da região de Osasco, na Grande São Paulo, e descobrirmos ali o território de prostituição de rua de garotos de programa.

Ele estava um pouco eufórico por estar saindo comigo (psicóloga, coordenadora e pesquisadora). Deixei que o assunto fluísse naturalmente e, como numa conversa entre “amigos”, permitimos que a temática variasse.

Sentindo-se à vontade, ele falou sobre seus problemas familiares, o uso de remédio psiquiátrico e a falta de dinheiro que enfrentava naquele momento.

Estávamos, a partir daquele instante, estabelecendo uma relação mais próxima, que nos colocava numa situação de igualdade, diferentemente do tipo de convivência que estávamos acostumados a ter em nossos encontros até então “institucionalizados” no contexto e ambiente da Secretaria de Saúde.

Perguntar sobre meu cotidiano, na mesma medida em que eu estava investigando sobre o seu, colocava-o de certa forma, numa situação de igualdade no diálogo, no qual ambos tínhamos conhecimentos sobre determinados assuntos, nesse sentido, não havia uma concentração de poder no que tange ao conhecimento para com um ou com o outro.

Nesse aspecto, o poder que geralmente encontra-se com aquele que está pesquisando ou entrevistando, passa a estar também com aquele que está sendo entrevistado.

Compreendemos, então, que naquele momento estávamos vivenciando uma mudança no eixo da relação de poder semelhantemente a situação vivenciada por alguns pesquisadores ao realizarem entrevistas em profundidade, por exemplo, JIMENEZ e ADORNO (2009).

Durante a conversa, Pedrinho demonstrava-se às vezes confuso, iniciava um assunto, ia para outro, retomava o anterior, não havia uma sequência lógica no diálogo; então, perguntei se ele havia dado um "tiro" [10]. A reação foi uma risada marota, seguida de uma negação.

Aproveitou para informar-me que precisaríamos parar no meio do caminho, pois ele iria encontrar alguns amigos justamente para pegar e usar o "*padê*"[11] (referindo-se à cocaína).

Mesmo com medo, considerei ser este um momento importantíssimo da pesquisa, pois já no primeiro dia de atividades de campo eu teria a oportunidade de acompanhar aspectos significativos do seu dia a dia, que representava não somente os cuidados para com o seu corpo, mas as maneiras com as quais lidava com ele, suas fragilidades, riscos a que se expunha, a busca pelo prazer, etc.

Paramos no meio do caminho, próximo à Avenida dos Autonomistas, na cidade de Carapicuíba. Ao entrarmos na comunidade, Pedrinho voltou-se para trás e perguntou:

- Você já esteve aqui? Não mente, fale a verdade...

Então, respondi:

- Já, mas somente lá na frente, pois conheço uma pessoa daqui. Nunca entrei nesta favela.

---

[10] Termo utilizado entre usuários de drogas sobre o ato de inalar cocaína.

[11] *Padê* é uma palavra de origem africana, muito utilizada entre aqueles que frequentam cultos afro-brasileiros, dentre eles o candomblé; trata-se de uma farinha especial feita com pipoca e azeite-de-dendê a ser colocada juntamente às comidas oferecidas para alguns santos. A palavra também é utilizada, entre usuários de drogas para referir-se à cocaína. Ver *Do gueto ao mercado*, SIMÕES e FRANÇA (2005).

Sua pergunta, naquele momento, consistia em verificar até que ponto de fato eu era ou não usuária de drogas e se eu tinha o costume de ir naquele local em busca de comprar drogas.

Segundo FERNANDEZ (2007), o ato de buscar cocaína em favelas simboliza uma preocupação com a garantia da qualidade da droga, o que remete a imagem de um consumidor experiente e exigente, que sabe o que comprar e onde comprar.

Ele cumprimentou alguns homens que estavam sentados na frente de uma casa mal-acabada. Perguntaram o que ele queria, então respondeu:

- Farinha.

Perguntaram se ele preferia "Cláudia ou Bin-Laden". Pensei que eram qualidades distintas da cocaína, Pedrinho me explicou que "Cláudia" era pedra[12] e "Bin-Laden" era farinha.

Os nomes atribuídos à cocaína são diversos para não chamar a atenção daqueles que não a consomem. A maioria de seus consumidores são homens e, na maior parte do tempo, os nomes a ela associados são do gênero feminino, sendo rompida essa regra em algumas situações (FERNANDEZ, 2007).

Na pesquisa, identificamos "Pino", "Bin-Laden" e *Padê*" para se referir à cocaína e "Cláudia" para se referir ao *crack*.

Eles não tinham "Bin-Laden", então fomos procurar, na mesma comunidade, outra pessoa que a tivesse para vender.

Pedrinho foi me explicando que atrás daquela favela existia um tráfico mais intenso e que só entrava ali quem, de fato, tivesse um envolvimento com os traficantes e/ou pessoas que trabalhassem no local, tinha que ter "moral" (prestígio) para entrar ali e ele já tinha conseguido conquistar a confiança daquelas pessoas.

---

[12] Termo utilizado entre usuários de drogas para referir-se ao *crack*. Geralmente fumado, o *crack* é feito a partir da mistura de pasta de cocaína com bicarbonato de sódio. O nome deriva do verbo *to crack*, que, em inglês, significa quebrar. Quando o cachimbo é aceso, os cristais (as pedras) produzem pequenos estalidos, como se quebrassem. Daí o nome ser atribuído a essa droga.

Relatar essa “conquista” era uma forma de ele se autoafirmar para mim, ao mesmo tempo em que pareceu querer transmitir segurança e ressaltar o masculino.

Encontramos uns rapazes que tinham “Bin-Laden”. Um deles retirou um saco plástico de dentro de uns blocos que se encontravam em um terreno.

Ele estava um pouco tenso, fitando o céu a toda hora, pois pairava sobre nós um helicóptero no qual policiais portavam metralhadoras e espingardas voltadas para o lado de fora.

Enquanto o rapaz pegava esse plástico, olhei para o outro lado e vi uma casa sendo construída. Os pedreiros nos observavam e, provavelmente, comentavam sobre aquela ação de compra e venda de drogas.

Para os pedreiros que olhavam de longe, eu também era uma usuária comprando entorpecentes. Em contrapartida, para os traficantes, que estavam bem próximos, pois eram parte do contexto, era necessário justificar minha presença. Assim, Pedrinho explicou que eu estava ali atuando em um serviço social.

Os rapazes se retiraram e Pedrinho pegou outro caminho. Embora houvesse moradores nas casas, ele não se intimidou. Sentou, retirou seu RG e o apoiou no joelho, abriu a cápsula, fez a carreira, pegou um pedaço de papel, moldou um canudo, olhou pra mim e perguntou se eu também queria (respondi que não), olhou para trás e pronto: aspirou!

Parece que toda essa cena, não somente o ato de cheirar, lhe dava prazer e o excitava.

Tivemos uma discussão sobre o transporte do resto da cocaína dentro do meu carro e, diante da insistência de Pedrinho, tive de estabelecer um enquadre[13] sobre a forma como iríamos vivenciar tais circuitos naquela noite.

---

[13] Enquadre: trata-se de um procedimento muito comum na área da Psicologia, no qual estabelecemos objetivos, procedimentos, regras, códigos de conduta que servirão como

Antes de entrarmos no carro fomos tomar um refrigerante e Pedrinho foi ao banheiro. Ele utilizou o cômodo duas vezes, justificando que havia perdido a cocaína e a estava procurando.

Para FERNANDEZ (2007), usar o banheiro de bares, boates e casas noturnas é comum entre usuários de cocaína. Pelo que pude notar, algo muito natural no cotidiano de Pedrinho, pela sua maneira em deslocar-se para o banheiro daquele bar e a forma como conduzia ou tentava desvencilhar-se dos contratempos emergidos.[14]

No carro, relatou que na Europa, em uma região que era a maior "badalação"[15], certa vez fora convidado pelo próprio governador do local, que lhe permitira o acesso fácil em troca, é claro, do sexo.

Segundo Pedrinho, esse governador costumava colocar cocaína no ânus, no intuito de anestesiá-lo para a relação sexual, como se fosse xilocaína.

A cocaína colocada no ânus tinha dois propósitos: anestesiar o local para a penetração e também alcançar o prazer de outra forma, pelo efeito da droga, uma vez que por meio dos microvasos sanguíneos do intestino ela entra mais rápido no organismo.

Mudamos o assunto para o encontro que teria com seu cliente no outro dia. Perguntei se haviam se apaixonado, pois a maneira que descrevia a relação entre eles sugeria algo além da atividade profissional.

No início era só contato profissional, mas, com o passar do tempo, tornou-se uma relação afetiva na qual ambos se apaixonaram. Culminara, no entanto, em uma ligação fraternal.

PERLONGHER (1987) propõe uma discussão sobre relacionamento entre garotos de programa e clientes que se transformam em relações mais frequentes, mais duradouras e mais próximas. No entanto, não se configuram como ligações afetivas, mas como amizade, troca e

---

diretrizes na relação que está sendo estabelecida entre o profissional da Psicologia e aquele que está solicitando seus serviços.

[14] Por exemplo, a demora de Pedrinho usando o banheiro, deixou outro usuário que também queria usá-lo, incomodado, a ponto de queixar-se com o proprietário do bar.

[15] Local de festas, lazer, diversões noturnas.

companheirismo. A essa relação PERLONGHER (1987) denominou “tio-sobrinho”.

Descobrimos que os garotos não trabalhavam mais no local que Pedrinho estava acostumado a ir, logo teríamos que descobrir se estavam em alguma outra região de Osasco. Agora essa área estava sendo ocupada por travestis.

GASPAR (1994) mostra o processo de disputa de espaço entre prostitutas e travestis que trabalham nas ruas. Geralmente, as travestis coagem as prostitutas a migrarem para outras regiões.

Essa disputa por territórios entre prostitutas e travestis ocorreu tanto no Rio de Janeiro, em Copacabana e na Lapa, como também em São Paulo, na Avenida Indianópolis, por volta de 1983. Geralmente ocorria de forma violenta, pela força da navalha e giletes utilizadas por travestis (GASPAR, 1994.)

Não tenho dados para afirmar se, no caso estudado, a mudança de espaço ora ocupado por garotos de programa, em Osasco, hoje território das travestis, fora marcada por esse tipo de conflito. O que tenho de fato concreto é que desde a divisa de Barueri com Jandira até um longo trecho da Avenida dos Autonomistas, em Osasco, as travestis ocupam a avenida para se prostituírem.

Como diria PERLONGHER (1987), essa correlação de forças entre profissionais do sexo e mudanças na ocupação do território é uma espécie de hiperterritorialização.

Ao andarmos pelas ruas do centro do referido município, passaram por nós dois rapazes com aparência bem masculina e levemente rude.

Pedrinho comentou que eles não eram garotos de programa, mas afirmou que se um “*gay”* ou uma “maricona”[16] oferecesse um “trocado[17]”, eles transariam para obter droga.

---

[16] Maricona, bicha velha: termos geralmente utilizados para se referir aos homossexuais mais velhos, que podem ou não ter comportamentos *afeminados*. (PERLONGHER, 1987; SIMÕES e FRANÇA, 2005).

8 Termo utilizado não somente por profissionais do sexo, mas também pelo senso comum para designar pouco dinheiro.

Ele estava falando sobre a situação de relações sexuais que envolvem trocas como com dinheiro para comprarem drogas ou para satisfazerem outras necessidades, mas que, de qualquer forma, essas relações não são compreendidas como prostituição.

Chegamos até a saída da estação principal de Osasco e ele sugeriu que ficássemos um pouco ali para observar o comportamento das pessoas e possíveis encontros entre homens visando relações sexuais.

Como diria PERLONGHER (1987:25), o campo de circulação de homossexuais que buscam encontros sexuais ocasionais "se urde em territórios circunscritos", no nosso caso, a estação central de trem em Osasco, o próprio trem, o "cinemão" [18] e a "Marechal"[19].

Em seguida fomos até o "cinemão". Ele perguntou no caixa, onde havia um senhor e uma moça, se ali ocorria prostituição.

Eles negaram, inclusive disseram que podia entrar homem, mulher, travesti, *gay*, mas se percebessem que estavam trabalhando eles colocavam pra fora, que ali tinha até policial à paisana.

Antes de sair, perguntamos se eles sabiam aonde encontraríamos os rapazes que trabalhavam como garotos de programa.

Responderam que não tinham conhecimento do paradeiro deles, mas que sabiam que travestis e prostitutas curtiam um "forró" próximo ao terminal de ônibus e talvez elas soubessem informar.

Pedrinho sabia onde era o "Forrózão", na verdade eram dois grandes bares, com espaço para mesas e para dançar, um colado ao outro, com aquelas máquinas *jukebox*, nas quais se coloca moedas para ouvir música.

De longe avistamos três mulheres que aparentemente eram prostitutas. Perguntei se ele as identificava como profissionais do sexo e ele respondeu:

- Você tem dúvidas, Clara? Olha só pra elas, pro jeito delas (afirmando que sim).

---

[18] Cinema que exibe filmes eróticos. Geralmente os frequentadores fazem sexo na parte mais escura; frequentado por travestis e garotos de programa em busca de clientes.
[19] Marechal é a forma como se referem à avenida na qual os garotos se prostituem em Osasco.

Ele estava falando sobre o aprendizado do corpo para a representação de determinados papéis, nesse caso, havia a expectativa de que elas expressassem sensualidade e feminilidade de forma exacerbada.

Como aquele não era “o nosso pedaço”, no sentido de MAGNANI (1996), não tínhamos tido uma boa recepção e não estávamos acompanhados por nenhum nativo para facilitar nossa aproximação, concluímos que naquele momento nós não conseguiríamos informações.

Numa determinada rua próxima ao “Forrózão” havia um hotel, semelhante a esses hotéis velhos que encontramos no centro de São Paulo, em regiões chamadas “bocas do lixo”, para cientistas sociais, zona moral urbana, (SÍVORI, 2001).

Na frente do hotel havia profissionais do sexo e as abordamos dizendo que estávamos fazendo trabalho para a faculdade e precisávamos saber onde os meninos trabalhavam.

Uma delas logo respondeu que era na primeira à esquerda, contudo, conforme fomos discutindo sua informação entendemos que ela estava se referindo às travestis como meninos.

Essa informação que identificava travestis como sendo do gênero masculino, sendo que suas *performances* são femininas, remete-nos a reflexões sobre gênero, nas quais podemos citar as pesquisas que melhor abordam o tema como BENTO (2004), BENEDETTI (2005), JIMENEZ (2008) e SILVA (2008).

Surgiu outra profissional que conhecia o local em que os meninos trabalhavam e informou:

- Eles trabalham na Marechal.

Perguntamos se era nome de rua e onde que era. Ela respondeu:

- Na Avenida Marechal Rondon, a rua da Seccional (referindo-se à delegacia local).

Fomos tomar lanche e Pedrinho brincava comigo dizendo que não estava com fome, falava que preferia o *padê* ao lanche. Associei suas

necessidades daquele momento à música “Comida” dos Titãs[20]: “Você tem sede de quê? “Você tem fome de quê?

Após comermos algo, fomos em direção à Marechal e nessa Avenida, diferentemente das informações obtidas por VIANA (2010) em sua pesquisa de campo, no Recife, sobre garotos de programa, não constatamos cooperações entre outros profissionais autônomos ou não, que pudessem formar o que ele chamou de cooperadores do mercado erótico sexual. Em outras palavras, não encontrávamos ninguém que pudesse nos auxiliar em nossa busca pelo exato local da Avenida Marechal onde se encontravam os garotos de programa.

Continuamos andando por ela e, em um determinado trecho, avistamos uma grande escuridão, um vazio, víamos apenas carros indo e vindo com seus faróis baixos. De longe, vimos um rapaz sentado em um poste de luz sobre a calçada, e muito mais adiante, vultos e barulhos. Pensamos que ali poderia ser o lugar que buscávamos.

Fiquei tão feliz, parecia que eu havia encontrado uma pérola rara. Este garoto que chamarei de Olhos Sedutores, foi o primeiro com quem tive contato.

Ele se identificou como garoto de programa, se prontificou a compartilhar informações e disse que me apresentaria a outros colegas de trabalho. Ele não conhecia todos, pois alguns atuavam na região mais escura da rua, que ele considerava perigosa, porém disse que nunca ocorreram problemas ou brigas entre eles.

Pedrinho quis participar da conversa e acrescentou que eu poderia levar camisinhas e futuramente montar uma ONG para eles. Nesse momento foi fundamental delimitar meu papel profissional na investigação de campo, diferenciando a pesquisa da assistência, conforme contribuições de JIMENEZ e ADORNO (2009).

Como Pedrinho levantou o assunto sobre distribuição de preservativos, Olhos Sedutores informou que ele comprava suas camisinhas

[20] Banda de *rock* brasileira formada em São Paulo, na década de 1980.

e que não usava as que os outros garotos ofereciam. Já tinha ouvido falar de casos em que garotos de programa furavam as “camisinhas” (preservativos) e ofereciam para os colegas usarem, “só na maldade” (com a intenção que fosse infectado por alguma DST).

Olhos Sedutores informou que existia um espaço de prostituição de rapazes atrás da TV Cultura, na Lapa, e ele já havia trabalhado ali, mas que nunca fora para São Paulo.

Voltando para o carro, nossa sensação era de missão cumprida. Havíamos conhecido cenários e circuitos, mapeado o território e, finalmente, encontrado o local exato onde acontecia a prostituição de rua dos garotos de programa.

Eu e Pedrinho sabíamos que a atuação na rua é diferente de trabalhar atendendo clientes em casa ou de exercer seu ofício por meio de *sites*. Por estarem submetidos às leis da rua, não é de admirar que essas atuações profissionais ocorram em espaços de fronteiras e em territórios considerados imorais. Com base em FOUCAULT (1988), podemos descrever como locais que politicamente foram “concedidos” para exercerem suas sexualidades consideradas ilegítimas e perversas.

No dia seguinte, precisei retornar à comunidade, pois tinha conhecido recentemente um pai de santo, que era morador do local e que havia auxiliado um familiar que estava com sérios problemas de saúde.

Falei que havia estado ali no dia anterior. Ele me indagou por que não o procurei e eu disse que tinha ido fazer a pesquisa no local com um rapaz que já conhecia a área. Ele me informou que o problema ali não era os moradores nem as pessoas que trabalhavam com o tráfico, pelo contrário, os traficantes tinham uma boa relação com a comunidade. O problema, segundo ele, era a polícia que não tinha uma relação amistosa com os moradores.

Informou que toda vez que a polícia ali aparecia já chegava hostilmente e, se corressem, eles atiravam mesmo, não perguntavam, batiam e atiravam.

O risco que havia corrido no dia anterior era muito maior do que imaginava, fiquei pensando no cotidiano do Pedrinho que vive constantemente naquele local e de outros garotos de programa, cujas vivências e necessidades estão além da política de gel lubrificante e preservativos.

5.2 A APROXIMAÇÃO DO CAMPO E A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DO NATIVO

Ao encontrar Olhos Sedutores perguntei se não estava sentindo frio, pois eu estava com três blusas de lã, jaqueta de couro e duas meias.

Ele respondeu que não, que estava acostumado, porque os clientes pediam para que eles levantassem a camisa para mostrar o peito e a barriga, também pediam para eles mostrarem o pênis.

Quando o pênis não estava ereto, os clientes sugeriam que se masturbassem ou eles mesmos (clientes) passavam a masturbá-los para verem seus “paus duros” (pênis eretos).

Mesmo não sendo algo que todos os clientes pedissem para eles fazerem, sua informação é confirmada por meio das experiências de Ricardo quando clientes pediam para ver seu pênis:

> R – Pede pra ver.
> C - Pede pra ver? Na rua mesmo?
> R - Na rua mesmo, ali mesmo.
> C - E aí o que você faz?
> R – Mostro.
> (Entrevista com Ricardo).

De repente, houve uma briga entre cliente e um garoto de programa. Vimos que a perseguição do cliente prosseguiu um pouco adiante, porém, o garoto coagiu o cliente que, mesmo estando no carro, resolveu entrar em outra rua e ir embora, enquanto esse rapaz corria atrás do carro ameaçando atirar algum objeto.

Olhos Sedutores ficou oito meses afastado dali porque estava trabalhando em um estabelecimento comercial em que ganhava vinte reais por dia. Há quatro meses retornara para a "Marechal", mas entre idas e vindas, relatou que trabalhava ali há dois anos.

Assim como a grande maioria dos rapazes, Olhos Sedutores descobriu a forma de ganhar dinheiro como garoto de programa e a "Marechal" por meio de amizades.

Como podemos verificar abaixo em seus relatos:

> C - E como você ficou sabendo dessa possibilidade de fazer programa? Como você descobriu esse mundo?
> R – Amizade, né! Aí vai conhecendo um colega ali, ele fala: - Vamos ali que dá pra você ganhar alguma coisa. Aí fui indo nessas ideias, aí fui indo no embalo e to aí. (Entrevista com Ricardo)

Olhos Sedutores nem sempre usa preservativo quando faz papel de "ativo". A utiliza sempre quando faz sexo oral nos clientes, porém, quando eles vão fazer sexo oral nele, às vezes não a coloca. Disse que o papo, o jeito do cliente, a maneira de comportar-se são fatores que podem fazê-lo abrir mão da "camisinha" no sexo oral (nele) e quando percebe feridas na boca do cliente recusa-se a fazer o programa e dá qualquer desculpa.

Já usou drogas, maconha, cocaína e *crack*, mas parou, não gostou, considera apenas uma experiência, uma passagem e uma curiosidade que vivenciou com alguns colegas. Atualmente sua única droga é o cigarro.

Falou que alguns clientes pedem para usar drogas durante o programa. Já fumou *crack* com um deles. Costuma "transar" (ter relação sexual) na rua, no carro, no *drive in*, no hotel ou na casa do próprio cliente. Gosta de aventuras.

De acordo com JIMENEZ (2008), aventurar-se é algo do masculino, construído socialmente no contexto do masculino como algo natural, esperado pelo grupo com o qual interage.

E conforme PELÚCIO (2009), homens se permitem arriscar-se mais na busca de suas experiências sexuais, de realizações de desejos e fantasias.

Seus familiares não sabiam que ele trabalhava como garoto de programa. Ele nunca revelou, com receio do julgamento familiar e de ser expulso de casa.

Ao pensarmos sobre a revelação ou o segredo de suas práticas como garotos de programa, é importante lembrarmos que na família construímos a ideia de que atividades como prostituição ferem a moral e a integridade da pessoa e do próprio núcleo familiar.

Contraditoriamente, vamos aprendendo que mesmo sendo a prostituição considerada socialmente como prática ilícita, a busca dos homens por prostitutas é “aceitável” por estarem exercendo o papel social da figura masculina.

Apesar dessa “aceitabilidade” como afirmação do masculino no que tange à prostituição masculina encontramos no contexto familiar uma situação de negação.

A família é uma “(...) rede complexa, saturada de sexualidades múltiplas (...)” (FOUCAULT, 1988:46), nela existe uma relação de poder-prazer que busca controlar a sexualidade de seus membros. Fato esse que faz com que alguns garotos lancem mão de estratégias para fugir do controle familiar no que se refere às suas sexualidades e práticas sexuais.

Olhos Sedutores vai driblando a família para não revelar seu segredo. Durante o dia vai para a casa de amigos e diz que vai trabalhar, geralmente fala para seus pais que estava entregando panfleto ou que estava trabalhando como pedreiro, pois muitas vezes fica no campo jogando futebol e volta com a roupa suja.

Encontramos outro garoto de programa conhecido como Batman. Ao contrário de Olhos Sedutores, ele relatou que sempre tinha problemas com a polícia.

Sua queixa me levou a pensar sobre outras categorias de análise que se entrecruzam nas vivências desses garotos. Chamo a atenção para o fato de que ele era negro, podendo associar seus constantes problemas com a polícia a atitudes racistas.

Lembro que a variável cor surgiu na pesquisa de PERLONGHER (1987) como um forte determinante das relações entre garotos de programa e entre eles e seus clientes.

Nas demais visitas ao campo, observando as relações sob o prisma dessa variável, a relação dos garotos entre si e suas características físicas, averiguei que, comparativamente ao levantamento de PERLONGHER (1987), a diferença nesse determinante foi muito sutil.

Durante o tempo que lá frequentei, apenas Batman era realmente negro, a predominância era de garotos brancos e poucos pardos.

Sobre a violência policial, todos já a haviam presenciado ou sofrido, mas era Batman quem trazia com mais amargura a intensidade e hostilidade policial em suas memórias e experiências.

Durante a entrevista, ele comentou sobre o uso de drogas e de bebidas como algo comum entre os garotos. Também falou sobre clientes fixos que às vezes passavam por ali somente para bater papo e eles tinham que conversar para não o perderem numa próxima vez.

Revelou que delegados e policiais iam procurá-los fora do expediente de trabalho. Trouxe informações sobre outras formas de relação entre oprimidos e opressores, como cooperadores e consumidores de seus serviços, configurando-se como um paradoxo em suas vivências.

Enquanto uns policiais e delegados são violentos, hostis, outros, ou os mesmos em outros momentos, são consumidores e estimuladores de suas práticas profissionais chegando a pagar quantias exuberantes.

Vejamos a experiência de Thiago ao colocar os pés pela primeira vez na Avenida Marechal:

> Digamos assim, na hora em que eu cheguei naquela rua, que eu pisei o pé nela, parou um carro pra mim, um delegado de polícia: - O que que cê tá fazendo?
> Thiago – Meu, me apresentaram aqui, agora to acabando de chegar, sou novato.
> O delegado: - Vamos lá pra casa?
> Eu só fui porque meu amigo que me apresentou, conhecia ele.
> Amigo - Pode ir que é tranquilo.
> Thiago - Beleza! Fomos lá, passei uma noite com ele e recebi dois mil reais. (Entrevista comThiago)

Avistamos Tião Gavião. Imediatamente Olhos Sedutores disse que ele era perigosíssimo, que teria pouca importância para a pesquisa, sua fama era de briguento e perigoso, tinha envolvimento com drogas, etc.

Falei que era importante conhecê-lo pela demanda da pesquisa e também para eu conseguir circular melhor por ali.

Primeiro, Olhos Sedutores puxou assunto com Tião Gavião trazendo à tona o perigo de ele ter voltado para a rua, pois a polícia estava atrás dele em virtude de um episódio de violência que ele havia se envolvido.

Ele retrucou, não desmentiu o episódio e falou que não tinha medo da polícia.

Assim continuaram conversando um pouco, então, Olhos Sedutores me apresentou como amiga e Tião Gavião imediatamente perguntou, com certa malícia, se eu estava dando uma volta.

Respondi que era pesquisadora, ele fez uma expressão de pouco caso, demonstrando certo desdém, mas me tratou bem.

Mais adiante Olhos Sedutores disse que Tião Gavião tentou “armar” (enganá-lo) para cima dele, convidando-o para buscar droga em um lugar perigoso no intuito de assaltá-lo, pois ele havia trabalhado bastante naquela noite. Esquivou-se. Entendi, então, o motivo de sua resistência em apresentar-me a ele.

Considerei importante falar novamente sobre o sigilo com Olhos Sedutores, uma vez que ele havia me passado informações importantes sobre Tião Gavião.

Retomar o sigilo era uma precaução para que eu não fosse envolvida em nenhum tipo de briga, caso ele ou algum garoto de programa viessem a se estranhar, no sentido de não me envolverem como responsável por alguma “fofoca” entre eles.

Expliquei que era importante que ele me apresentasse para todos, mesmos que fossem “perigosos” e que, aos poucos, eu tentaria conquistar a confiança da maioria para poder frequentar o lugar sem precisar incomodá-lo (no sentido de impedi-lo de fazer seus programas), pois sabia que estava preocupado com minha segurança e eu temia atrapalhá-lo em seu serviço.

Retomei a fala de Batman sobre a pergunta que me havia feito sobre eu ser “ativa” ou “passiva”. Olhos Sedutores falou que ele tinha perguntado porque havia me confundido com uma travesti.

Fui me dando conta de que poderia emergir outras vezes situações envolvendo minha identidade de gênero, o que poderia tornar-se um conflito pessoal diante do universo homo-viril que estava adentrando.

Olhos Sedutores falou que não tinha preconceitos, inclusive já havia transado com travestis que trabalhavam na Autonomista ao voltar para casa.

Na nossa discussão sobre identidade de gênero e a minha presença naquele território, lembrei das contribuições de HEILBORN (2003), em seu texto: “Entre as tramas da sexualidade brasileira”.

HEILBORN (2003) revela os mitos que europeus e outros estrangeiros constroem sobre nosso comportamento sexual e como nos portamos nessa esfera da vida.

Ela traz reflexões sobre a ideia de sexualidade oriunda de duas perspectivas, uma essencialista que acredita que somente os determinantes biológicos e fisiológicos influenciam nossa sexualidade, e a outra perspectiva, considerada construtivista, traz a importância dos determinantes sociais, culturais e históricos no processo de apropriação de nossas sexualidades (HEILBORN, 2003).

Por último, reforço que determinados autores da Antropologia, como MAGNANI (1996), enfatizam a presença de um nativo na pesquisa de campo. Neste estudo, a importância de Olhos Sedutores na minha aproximação com o campo.

5.3 A “MARECHAL” JÁ TEVE SEU GLAMOUR: DESCORTINANDO NOVOS CENÁRIOS DE LUZ E SOMBRA

Olhos Sedutores falou que atrasou porque havia encontrado um amigo que queria fazer programa com ele. A expressão “amigo” me fez lembrar o Pedrinho e as contribuições de PERLONGHER (1987) a respeito da relação entre garotos de programa e clientes que se deslocava para uma relação de amizade.

Sua fala indicava estranhamentos e, de acordo com PASSADOR (2008), na Etnografia, o estranhamento é fundamental para não ficarmos presos ao discurso do informante como algo naturalizado e definido.

Esse rapaz que ele classificara como amigo, já fora seu cliente e, posteriormente, fizeram amizade.

Ao encontrá-lo na rua, o rapaz o convidou para ir à sua casa fazer um “esquema”, isto é, queria fazer sexo oral em Olhos Sedutores, oferecendo um valor irrisório pelo programa.

Além disso, esse amigo era muito afeminado, rebolava, gesticulava muito e seria um risco para ele andar pelas ruas do seu bairro com esse rapaz. Todos veriam que ele, “o amigo”, era um *gay* e passariam a falar que ele estava saindo com *gays*.

Compreendi que se tratava de algo na esfera do masculino, cabendo-me ressaltar neste momento que a desqualificação de homens afeminados já vem de longa data (FOUCAULT, 1984).

De acordo com NETO (2010), qualquer informação que possa vir a revelar uma possível passividade do garoto de programa, influencia negativamente sua negociação com o cliente, desvalorizando o seu “passe” (valor comercial).

Olhos Sedutores ficou um pouco apreensivo com a aproximação de um cliente e disse:

- Este cliente não gosta de travesti!

Sua fala revelava que eu estava envolvida no imaginário e longe de querer discutir se eu era travesti, transexual ou se fazia parte de outra identificação, procurei tranquilizá-lo. Para não perder meu espaço ali, sugeri que, caso seu cliente perguntasse algo, ele informasse que eu estava fazendo uma pesquisa.

Ele falou que alguns garotos, como ele, curtiam travesti, ,mas que outros não gostavam, principalmente os clientes. Muitos consideravam-nas feias, esquisitas, “uma coisa estranha”.

A repulsa e aversão às travestis e transexuais por parte de clientes chamou minha atenção, porque naquele local havia a permissividade de transgredirem a heterossexualidade. Essa aversão estava associada ao fato de que travestis e transexuais são as representações mais evidentes de confronto ao masculino institucionalizado. Nesse aspecto, não se cogitava a possibilidade de ferirem o masculino e a virilidade.

A presença de travestis ou transexuais coloca em risco a virilidade do imaginário coletivo presente nas relações entre clientes e garotos de programa. Ali se tratava de um cenário homo-viril no sentido que aborda PERLONGHER (1987).

Olhos Sedutores e seu cliente foram para o orelhão; quando voltou Olhos Sedutores contou que aquele homem solicitara que fizesse uma ligação e ameaçasse uma pessoa. Informou que não era um programa, mas o fez para “quebrar o galho” (por coleguismo) e não perder o cliente.

Suas atividades como garoto de programa não se restringiam simplesmente ao ato sexual, por enquanto poderia sintetizá-las em: o sexo propriamente dito, bater papo, usar drogas em conjunto e fazer ameaças a outras pessoas.

Alguns pesquisadores apontam que nessa relação comercial entre garotos de programa e clientes, a troca financeira não é a única forma de barganharem suas relações comerciais (WEILLER, 2004; GUIMARÃES, 2004; SIMÕES, 2008).

Tião Gavião falou para Olhos Sedutores que um cliente havia ido embora porque queria algo em dupla. Ele havia pensado em Olhos Sedutores, porém como ele não estava lá haviam perdido o cliente.

Conversamos mais um pouco e os dois falaram que programa bom é quando passava casal (homem e mulher), aí sim, ganhavam dinheiro.

Ao perguntar sobre a idade da maioria para Olhos Sedutores ele me informou que ali tinha garotos de todas as idades, até “tiozinho” (garotos mais maduros), garotos novos, homens mais velhos, muito mais velhos.

Tinha um que era bem mais velho e que ia lá somente para fazer um programa e, em seguida, comprar sua droga. Olhos Sedutores sugeriu que eu conhecesse, por exemplo, o rapaz que, na sua concepção, já era velho.

Até aquele momento o fator idade não havia aparecido como um determinante para trabalhar como garoto de programa.

Olhos Sedutores aproximou-se de alguns garotos, cumprimentou-os e apresentou-me. Ficaram admirados pelo fato de ter uma pesquisadora entre eles. Essa informação ratifica a originalidade da pesquisa, no sentido de desvelar outros circuitos do mercado sexual envolvendo a região oeste da Grande São Paulo, trazendo à luz cotidianos e modos de se relacionar típicos da periferia.

Ao informar sobre a pesquisa que estava sendo feita para a área da Saúde Pública e que tinha o intuito de melhor conhecer a realidade da prostituição masculina, fui imediatamente interrompida por Charmoso (o garoto considerado velho por Olhos Sedutores), que disse:

- Prostituição masculina? Prostituição masculina não... é um termo muito feio!

Não me intimidei com aquela interferência, aproveitei o momento e disse:

- Está vendo como é importante a pesquisa? Isto é o que está escrito nos livros, qual o termo que devo usar então?

Ele riu para mim neste momento e falou:

- Outro termo? (Fez como se estivesse pensando muito e, em seguida, continuou) - Prazer remunerado, trabalhamos com prazer, é este o nosso trabalho, só que prazer com remuneração.

Aproveitei o espaço, olhei para o Charmoso e perguntei:

- Prazer para quem?

Respondeu:

- Para ambas as partes, para os dois lados.

Olhos Sedutores e Loiro Fatal falaram que todo mundo aproveitava, sendo que Loiro Fatal ainda complementou que o prazer maior era o dinheiro no bolso, dando risada juntamente com os demais.

Charmoso acrescentou que era muito prazer quando aparecia casal para fazer programa, além de a “grana” (dinheiro) ser bem mais alta que a que conseguiam com os demais programas, este em si era prazeroso.

Veio em minha mente a hipótese que ali não se tratava apenas de um lugar para ganhar dinheiro, mas para vivência da sexualidade e o que seria a sexualidade se não uma dimensão da relação entre desejo e prazer?

Lendo sobre a etnografia realizada junto a garotos de programa no Recife, por VIANA (2010), confirmamos que a necessidade financeira não seria a justificativa mais evidente para suas práticas como garotos de programa. Para ele, “o dinheiro funciona como um fio condutor, transcorrendo-se e atrelando-se a outros substratos de suas vidas”.

Não existe uma única maneira de compreendermos a forma como eles se identificam. Nesse aspecto duas situações distintas existem quanto ao nome com que eles se apresentam para clientes.

A maioria prefere recorrer a pseudônimos como forma de não revelarem suas verdadeiras identidades e correrem o risco de serem identificados em outros locais, como lembra Ricardo.

> C - Como é essa historia do nome?
> R – Ah, eu mudo mano, tem que tá mudando.
> C - Cada dia é um nome, como que é?
> R – Ah, eu mudo... Samuel, Pedro.
> C - E essa coisa de mudar é por quê?
> R - É porque eu gosto.
> C - Não tem nada a ver com proteção à sua pessoa?
> R – Também.
> C - Os outros também fazem isso?
> R – Faz (sic), lógico!
> (Entrevista com Ricardo)

Poucos usam o verdadeiro nome como forma de se protegerem socialmente diante de alguma abordagem policial, como narrou Thiago:

> T - Porque tipo assim, um exemplo, você me pegou, a gente tá no seu carro, a gente é abordado, pô você conhece ele? Ele é fulano de tal, aí bate no meu documento... Você mentiu o nome dele, entendeu? Não... o nome dele é fulano, ta no documento? Tá aqui! O nome dele é fulano!
> C - Então essa é uma maneira de você se proteger?
> T – Lógico, sempre!
> C – Por que a maioria muda o nome achando que vai se proteger?
> T - Eu não minto porque eu não devo nada pra ninguém. Eu não minto meu nome...
> (Entrevista com Thiago)

Deixei claro que eles poderiam ter acesso às informações que ali eu coletaria e interpretaria. Fui bem explícita, convidando-os a assistirem a defesa da minha tese na Universidade.

Após cada um verbalizar que não assistiria à apresentação da minha tese, fiquei atônita, pois em forma de coro, todos responderam que:

- Você dobrou a esquina, este mundo não existe mais! Este mundo só existe das dez da noite até as duas da manhã, dobrou a esquina para ir embora, isto daqui não existe mais.

A clandestinidade de suas ações me pareceram muito mais intensas se comparadas às situações apresentadas por JIMENEZ (2008) sobre garotas de programa e a respeito das vivências das travestis.

Dobrando a esquina encontramos os mesmos rapazes, apesar disso, diferentemente da expressão de ousadia e irreverência transmitida quando em suas *performances* como garotos de programa, os encontramos em situações familiares e sociais.

Comportamentos esses considerados obedientes, másculos e heterossexuais, como descreveria FOUCAULT (1977): corpos dóceis.

Fora daquele contexto, quando se encontram comportam-se como amigos de bairro, colegas de trabalho, de futebol e jamais tocam no assunto a respeito de suas atividades como garotos de programa, como podemos constatar na fala de Ricardo:

> C - Eu ouvi uma vez um dos rapazes falando que virou a esquina esquece aquele mundo, é assim?
> R - Mais ou menos isso, mas tem uns colegas de que não esqueço não, nós sai pro role junto e pá, se encontra em outro lugar a amizade é a mesma, entendeu?
> C - Quando vocês se encontram em outro lugar, um fala o que o outro é, que faz PG (programa)?
> R – Não, é a amizade, é outra né, a conversa é outra, né? Conversa de colega, jogar uma bola, essas coisas. (Entrevista com Ricardo)

Charmoso olhou para mim e disse:

- Você quer fazer uma boa pesquisa? É só você dobrar a esquina e chegar batendo dois “pinos” que vai juntar uma roda de garotos ao seu redor e, com certeza, eles responderão tudo o que você quiser saber.

Perguntei o que eram os “pinos”. Respondeu que era “farinha” (cocaína), que a “farinha” vinha em “pinos de plástico”.

Lembrei da experiência na favela com o garoto de programa Pedrinho e das contribuições da tese de FERNANDEZ (2007), que aborda essa temática.

Charmoso falou que a “farinha” era o finalizador da noite, muitos trabalhavam e, no final, curtiam e encerravam-na cheirando juntos.

Era como se fosse um *happy-hour*, ocorria após seus expedientes e o confraternizar em grupo estava associado à comemoração de suas transgressões e afirmações, de suas *performances* masculinas.

Com o passar das visitas fui entendendo que essas atividades em grupo estavam associadas ao imaginário coletivo sobre o masculino e lembrei de GOMES (2008) que defende que homens vivem constantemente em processo de “autoaprovação e aprovação dos outros homens” quanto à sua imagem masculina.

Quando entrevistei Ricardo, ele confirmou essas redes existentes entre eles no sentido de compra, consumo e compartilhamento de drogas, sendo para alguns um comportamento frequente e, para outros, algo esporádico:

> R - De vez em quando eu fumo um baseado, uma vez ou outra, eu não sou usuário viciado, de vez em quando eu fumo, aí dou uns tiros... só de vez em quando, eu não sou viciado, não.
> C - Quando você dá um tiro ou fuma uma maconha, usa necessariamente o dinheiro do programa ou o do seu dia a dia do serviço?
> R - Dinheiro do programa, mas, às vezes, os outros oferecem pra mim também, eu quase não compro, os malucos oferecem pra mim.
> C - Ali mesmo na Marechal?
> R - É, ali mesmo, tem um monte ali.
> C - Eles oferecem?
> R – Oferecem, eles usam lá todo dia. Eu uso de vez em quando, uma vez ou outra, às vezes uma vez por mês, tem vez que eu nem uso, pra mim usar não usar tanto faz.
> (Entrevista com Ricardo)

A moeda de troca da nossa relação já havia sido verbalizada! O que me levou a dizer-lhes que era muito complicado, sendo da área da saúde, oferecer-lhes ou facilitar a aquisição de algum tipo de droga.

À noite questionaram-me várias vezes se eu usava algum tipo de droga e eu respondi que não. Estava passando pela tentativa de me enquadrarem nas representações de seus cotidianos, conforme vivenciado também por ANDRADE (2001) nas pesquisas que realizou com prostitutas.

Sem a presença de Olhos Sedutores, que fora fazer um programa, as falas dos demais garotos foram revelando que havia uma divisão na rua.

Várias vezes eles haviam mencionado que eram profissionais e os que ficavam na parte mais escura da rua não eram profissionais, que não valia a pena eu me aproximar deles, que eram garotos que faziam "vícios" [21], que usavam drogas e que banalizavam o trabalho dos demais.

Afirmaram que eles eram os garotos "luxuosos", "cheirosos" e de "bom papo" e os que ficavam depois dos caminhões, na parte mais escura, eram "mal-arrumados", "fedidos" e que "roubavam".

Em síntese, existe uma linha imaginária de divisão entre garotos de programa, verbalizada pela descrição e diferenciação entre profissionais e não profissionais.

A divisão entre eles envolve várias categorias, como postura profissional, aparência física, forma de abordar o cliente, assaltos, uso de drogas, etc.

Conforme eles se posicionavam de forma avessa aos que trabalhavam na parte escura da avenida, eu não conseguia mensurar o perigo de ir até lá, porém a aversão deste grupo era enorme para com os outros, sinalizando que existiam hierarquias entre eles.

Em vários momentos ao longo da pesquisa de campo, por meio de outras visitas, percebi que esses discursos e práticas sobre quem são "verdadeiros garotos de programa", revelam hierarquias sexuais entre si. Também voltam o nosso olhar para esses discursos para compreendê-los como dispositivos de sexualidade.

Os dispositivos da sexualidade englobam todas as redes sociais, desde discursos, ações, regras e códigos presentes nos pequenos grupos

---

[21] Sexo sem cobrar.

até as grandes instituições que formatam ideias, conceitos e condutas sobre a sexualidade. Para FOUCAULT (1979:244), “o dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos”.

Ouvi passos, olhei para trás e vi uma pessoa com aparência feminina, porém não se tratava nem de mulher, nem de travesti. Segundo a comunidade LGBT poderíamos dizer que era uma “*gay*”[22].

Passou por nós sem cumprimentar, então Loiro Fatal falou bem alto:

- E aí, não cumprimenta mais os amigos, ficou metido?

Ele voltou, cumprimentou Loiro Fatal e o Charmoso. Passaram a dialogar e chamá-lo pelo nome de Daniela Mercury, sinceramente eu estava confusa, não sabia se era ele ou ela a sua identidade.

Conforme eles iam conversando, fui me inserindo no bate-papo e, rapidamente, deixei claro que não estava ali fazendo programa, então, percebi uma mudança no semblante de Daniela Mercury que, até então, dirigia um olhar hostil para mim.

Daí por diante ela passou a falar comigo com certa naturalidade e de forma amável, inclusive achou interessante alguém realizar pesquisa ali.

Consegui entender a recepção hostil de Daniela Mercury, ela já trabalhara na Marechal por um longo tempo e era a líder da região, a única que “descia montada” para a avenida.

“Montada” quer dizer vestida de mulher, como as travestis, numa *perfomance* feminina satisfatória ao olhar das próprias travestis, como também de seus clientes e transeuntes (BENEDETTI, 2005; JIMENEZ e ADORNO, 2009), assim, penso que num primeiro momento ela havia imaginado que eu ali estivesse também trabalhando.

Nesse encontro entre os garotos e Daniela Mercury, iniciou-se uma conversa nostálgica que perdurou a noite inteira. Segundo eles, a Marechal tinha tudo para ser um lugar ótimo para a prostituição, que já tinham ganhado muito dinheiro ali e todos mencionavam que hoje o local estava decadente.

---

[22] Termo nativo entre LGBTs, referindo-se a um *gay* com roupas e trejeitos femininos, mas que não se identifica como transexual ou travesti.

Inúmeros eram os motivos para o seu declínio, porém assaltos e violências estavam sempre presentes como principais motivos para o afastamento de clientes e de garotos de programa do local.

Estavam reclamando da ausência de uma rede social de apoio que é muito comum no mercado sexual envolvendo prostituição, como lembram JIMENEZ (2008) e VIANA (2010).

Eles também trouxeram a informação de que em algum momento houve uma ruptura, uma quebra no código de ética que, segundo VIANA (2010), existe no mercado homoerótico e é apresentado aos garotos quando inseridos nessa forma de trabalho.

Fomos interrompidos pela presença de um rapaz que chamarei de Misterioso. Ele desceu do carro e foi cumprimentar Loiro Fatal e, em seguida, inseriu-se na nossa roda.

Pensei que fosse garoto de programa, quando me informou:

- Meu trabalho é outro, entende?

Preferi não questionar muito, talvez ele fosse algum traficante, semelhante ao Charmoso e, para minha segurança, não seria muito prudente obter muitas informações em um primeiro momento.

Daniela Mercury, quando trabalhava na Marechal, costumava liderar o campo e qualquer garoto que vinha de fora para trabalhar ali dependia de sua aprovação e, muitas vezes, ela “botava para correr” (expulsava).

A aceitação de Daniela Mercury entre os meninos estava associada ao seu histórico de atuar como responsável pelo pedaço há anos e também estava relacionada, principalmente, à sua manifestação de masculinidade.

Mesmo montada não abdicava do masculino e impunha ordem, proteção e respeito naquele pedaço.

Também se lembraram da presença de Juanita, uma prostituta que, segundo Daniela, fora a única “racha” (mulher) a trabalhar ali junto com eles.

Foi admissível a presença feminina naquele espaço como um trunfo para suas comercializações sexuais diferenciadas que, às vezes, era solicitada por algum cliente.

A presença de Juanita e a forma como eles falavam sobre ela me parecia algo mítico, como uma lenda, havia uma exaltação nessa experiência com o feminino naquele espaço.

Ao longo da pesquisa, outros garotos também narraram suas preferências pelo sexo feminino, podendo ser uma forma de valorizarem suas *performances* viris.

Em seguida, lembraram um fato vivido por todos ali. Há uns dois anos houve um arrastão provocado por *skinheads*. Segundo seus relatos não era possível reagir, eles eram poucos e estavam desarmados perante os agressores que, aliás, fizeram vários grupos e tentaram encurralá-los.

Os *skinheads* cercaram os principais pontos de acesso para aquela parte da Marechal e os garotos de programa tiveram de correr, pular muros e entrar em garagens.

O assunto sobre os *skinheads* ocupou uma boa parte de nosso tempo, virava e mexia vinha à tona essa lembrança. Fiquei preocupada e pedi para que me avisassem quando percebessem algum perigo, pois eu não conhecia a região e não saberia nem em que direção correr.

Enquanto conversávamos, duas viaturas passaram pelo local, uma delas bem devagar. Como estávamos todos conversando, Daniela Mercury disse que eles não nos abordariam, pois não estávamos fazendo nada de errado.

Falou que eles se incomodavam quando nitidamente percebiam que estavam trabalhando, isto é, cada um parado próximo a um poste. Estar encostado ou parado próximo a um poste era o código de que eles estavam ali para atuar como garotos de programa, um código entre eles, clientes e policiais.

Charmoso falou que certa vez ele e Loiro Fatal estavam conversando quando uma viatura passou, retornou e, em alta velocidade, um dos policiais atirou em suas direções. Eles pularam apavorados e depois começaram a tirar a roupa para verificar se haviam sido baleados.

– Quando alguém leva tiro, dizem que no início não sente, né?, questionou Charmoso.

Nesse momento, Misterioso falou que aquilo era ignorância porque muitos policiais e detetives, depois do expediente, procuravam os rapazes para transar.

Nesta discussão sobre os perigos da rua, violência de *skinheads*, a hostilidade de policiais e a presença de garotos que faziam "vício" ou que não se arrumavam devidamente para trabalhar, começaram a colocar em pauta a importância de ter alguém para colocar ordem ali, alguém para gerenciar a rua.

Assim foram discutindo os prós e contras de ter alguém que atuasse como "cafetão[23]". Loiro Fatal falou que era esquisito ter de trabalhar, "dar duro" (esforçar-se) e depois dar dinheiro para outro cara. Sobre essa discussão, não chegaram a um consenso.

No trabalho de garotos de programa na rua, percebe-se a ausência de "cafetões", uma realidade presente também na pesquisa de PERLONGHER (1987), realizada no centro paulistano.

A figura do "cafetão" representa proteção, mas também a fragilidade dos protegidos. FONSECA (2004) aborda essa relação entre as prostitutas e o "cafetão" para além da questão se é ou não uma relação de exploração, ela levanta informações sobre a relação positiva que pode existir entre prostitutas e esses profissionais.

A discussão sobre a presença ou não de "cafetão" entre eles passava pela ameaça a que estaria exposta a virilidade masculina vendida por eles para os clientes ou para quem por ali passasse.

Há, nesse sentido, o assumir de uma fragilidade, ou seja, o masculino também pode ser frágil como o feminino, que muitas vezes precisa de um "cafetão" para protegê-las.

Charmoso disse que havia se preocupado, pois uma mulher sozinha (referindo-se a mim) naquela rua, para chegar naquele horário e depois ir embora, deveria ter um carro ou alguém para levá-la e buscá-la.

---

[23] Figura geralmente presente na prostituição feminina de rua, que tem o papel de proteger as profissionais de sexo.

Havia uma preocupação real com minha integridade física por não ser do pedaço, apesar disso, preciso chamar a atenção também para o imaginário presente, no qual o feminino é invariavelmente mais frágil e não consegue se proteger sem a presença ou orientações da figura masculina.

O frio estava insuportável e após perceber que Olhos Sedutores não voltaria e que Charmoso já estava querendo ir embora, considerei que meu "*time"* já havia acabado e, por precaução, era melhor ir embora também.

5.4 TRAJETÓRIAS DE UM GAROTO DE PROGRAMA ATIVO

Cheguei à Avenida Marechal sem a companhia de Olhos Sedutores. Logo avistei Tande sentado no poste. Cumprimentei-o, perguntei sobre os demais e ele respondeu que já estava tarde (meia-noite), o movimento após a meia-noite na sexta-feira era fraco e os meninos já haviam ido embora.

De início, ele não estava muito aberto para conversarmos, contudo, aos poucos, foi dialogando comigo. Relatou que trabalhava lá há dez anos e que havia iniciado na profissão aos 15 anos.

Ao perguntar-lhe como havia começado tão jovem como garoto de programa, ele relatou que certa vez estava passando no final da rua, próximo a passarela, e um "viado[24]" ofereceu para ele jaqueta, óculos e dinheiro para transar.

Ele não quis os objetos, mas transaram e, ao ver o tamanho de seu pênis, esse "viado" falou para ele ir àquela parte da "Marechal" para trabalhar, pois ganharia muito dinheiro.

PERLONGHER (1987) já apontava em sua pesquisa a associação entre virilidade e *performance* viril, além da questão da exibição de pênis

[24] Forma como Tande se referia aos homossexuais do sexo masculino.

avantajados. Atributo esse que vários garotos gabam-se por tê-lo e, por isso, também valorizam seu valor comercial, como vemos na entrevista com Thiago que, ao narrar suas negociações com clientes, exalta-se ao falar para um deles que ele estava sem cueca, logo, o volume por baixo da calça não era um revólver.

> "... a terceira pergunta ou, no caso, a primeira é o tamanho do meu dezenove quase vinte.
> Cliente - Posso ver?
> Thiago - Pô, cara! Aqui na rua sem chance.
> Cliente - Não, entra aqui no meu carro.
> Thiago - Pra você ver é dez, só pra você ver.
>
> Thiago continua narrando como se dá a negociação: Pô meu, mas não sei o que, se quiser a gente levanta a camisa. Porque normalmente eles também ficam com receio quando a gente não conhece.
> Cliente - Você está com revólver, alguma coisa?
> Thiago – É. - Levanta a camisa (imitando o cliente). - Não cara, não tô armado, embora não uso cueca, não tô armado.
> Cliente - Entra aqui, deixa eu ver.
> Thiago - Me dá alergia isso, e é desde criança (justificando para mim o motivo pelo qual não usava cueca). (Entrevista com Thiago)

Não é casado e nem namora, disse que já namorou, mas nunca falou para elas sobre sua atividade profissional. Para ele, trabalho é trabalho e namoro é namoro. Acrescentou que sua mãe sabia sobre sua atividade profissional e que os demais parentes não sabiam.

Identificou-se como bissexual, falou que gostava de mulheres, mas que adorava "cuzinhos[25]" e deu risada. Inclusive disse que costumava "comer[26]" as amigas de sua mãe quando elas descobriam sobre sua profissão. "Elas deviam ficar pensando que se os homens fazem isto com ele é porque deve ser bom, então resolveram experimentar comigo.", conta, referindo-se ao sexo anal.

---

[25] Forma como se referia ao prazer anal insertivo.
[26] Ter relações sexuais.

Sua afirmação de que adorava comer “cuzinhos” e o desejo provocado nas amigas de sua mãe, leva-nos a pensar sobre as formas construídas em nossa sociedade de se vivenciar o masculino.

Formas essas que envolvem códigos construídos e reproduzidos que constantemente afirmam que homem tem de ser “ativo” e “comedor”, definindo-se, então, como lembra PERLONGHER (1987), um *status* de superioridade nas relações sexuais intermasculinas.

E como considera NETO (2010), na prostituição viril as relações de poder não se dão pelo tamanho do pênis, seu tamanho é um atributo que valoriza a negociação, mas a garantia do masculino está centrada no ânus, numa relação na qual o macho viril e “comedor” sempre “come” e jamais é penetrado.

Já que ele era um “comedor de cuzinhos”, conversamos um pouco sobre prevenção de doenças nas relações sexuais e ele afirmou então, que quando tinha preservativo, usava, e quando não tinha, não usava, independentemente de ser sexo oral, penetração, etc.

Lembrei que ele era considerado pelos demais como um verdadeiro profissional do sexo, “ativo” e “comedor”, o que me levou a perceber em sua fala semelhanças com alguns homens estudados por BARKER (2003), cujas práticas de sexo não seguro eram compreendidas como situações de risco típicas do masculino.

Falou que antes pegava camisinha nos serviços de saúde de Osasco, mas que havia cansado, tinha perdido o cartão, que era muita burocracia para conseguir outro, que teria de ficar assistindo filme sobre Aids novamente e toda aquela “baboseira” que todo mundo já sabia.

Tratava-se da autonomia sobre seu corpo, ele tinha conhecimento sobre como prevenir, sabia como acessar os insumos de prevenção e por decisão exclusivamente sua não utilizava preservativos ou escolhia as situações em que deveria usá-los.

Por outro lado, não podemos desconsiderar a influência da burocracia institucional da saúde no que se refere à sua decisão sobre o acesso a preservativos. Essa burocracia pode ser compreendida, como diria RIOS

(2005), como uma ação opressora no que tange à resposta da Saúde Pública a epidemia da Aids.

Tande falou que os programas só aconteciam com os clientes fixos, que os novos só passavam e não se arriscavam e que a Marechal estava decadente, confirmando a opinião dos demais.

O motivo para essa decadência eram os assaltos que alguns garotos praticavam assustando os clientes que eram casados, que não queriam se expor e, por isso, terminavam não acessando a polícia.

Para entender essa relação de assaltos e violência entre garotos de programa e clientes, tomo emprestado o cenário descrito por GASPAR (1994), no qual as prostitutas tiravam proveito da situação de estigmas na qual estavam inseridas e usavam o escândalo como uma forma de coagir o cliente diante de alguma tensão entre ambos.

GASPAR (1994:38) apropriou-se do conceito de Goffman sobre manipulação da identidade deteriorada para explicar essa estratégia de controle que as garotas exerciam sobre seus clientes, que seria o escândalo "um fenômeno comum entre grupos estigmatizados".

Tande revelou que havia descoberto que um dos casais com o qual havia tido relações sexuais estava com AIDS. Fiquei intrigada com a história e passei a indagar sobre os detalhes. Havia imaginado que um dos garotos descobrira a sorologia dessa cliente e avisara os demais, o que faria com que Tande tivesse receio.

Contudo, ao explicar-me os detalhes, falou:

- Minha mãe tem uma amiga que vai nesses lugares onde as pessoas recebem espíritos e dançam (ele não sabia o nome).

Eu perguntei:

- Candomblé?

Respondeu que sim. Continuou falando que certa vez essa amiga recebeu um espírito em sua casa e disse para ele que uma mulher com quem ele havia saído estava doente e que era para ele não sair mais com ela.

PERLONGHER (1987) trouxe em suas contribuições a afinidade e o respeito que michês e malandros mantinham pelas pessoas do candomblé e pelos seus rituais.

Conforme fomos conversando, Tande concluiu que a única mulher com quem ele havia saído naquele ano era a do casal.

Para se prevenir resolveu evitá-la, até porque ele não conseguiria usar "camisinha" com ela, como já havia dito, receava que a mulher desconfiasse, e depois, dissesse que ele havia "passado algo" (infectado) para ela.

- Esse negócio (referindo-se aos espíritos) devem ser de verdade mesmo, como iam saber que eu tinha saído com essa mulher?, perguntou Tande.

Pensei a respeito da "força da cultura" sobre o conhecimento científico, apesar de que todas as informações que ele recebera sobre AIDS, fora justamente o espírito quem o alertara, até mesmo para se prevenir (pelo menos em relação àquela mulher).

Lembrei de MAGNANI (1996) que diz que não devemos reproduzir o discurso do sujeito, mas que devemos desconfiar dele.

Assim fiquei pensando que, embora se intitule "ativo", "macho", "comedor" e bissexual, Tande trouxe uma informação importante, revelando que durante um ano a única mulher com quem se relacionara sexualmente tinha sido fruto de sua atuação como garoto de programa no atendimento a um casal.

Essa informação nos faz pensar que sua vivência como garoto que faz programa estava sendo a única forma de ter prazer sexual e, se formos quantificar suas relações sexuais, dentre vários clientes, apenas uma era mulher.

Nesse aspecto, sexualmente falando, seu prazer estava sendo exclusivamente "comendo cuzinhos de homens *gays*".

Enquanto conversávamos, alguns homossexuais bem afeminados passaram por nós, ele riu dizendo que muitos desses rapazes posavam de machos nos bairros, mas quando atravessavam a passarela se revelavam,

comportando-se daquela forma e que por dinheiro ele já havia saído com vários.

Segundo NETO (2010), o garoto de programa é destituído da posição de macho viril quando “dá o cuzinho”. Podemos dizer que esse código não é exclusivo em referência ao comportamento de garotos de programa, afinal qualquer homem é destituído de sua virilidade quando, em algum momento, assume ser o agente passivo em uma relação sexual.

Tande complementou afirmando que quando estava em seu bairro e encontrava com esses rapazes acompanhados de suas respectivas namoradas, ele as paquerava na “cara dura”, de propósito. Os “caras” não podiam fazer nada, simplesmente abaixavam a cabeça e fingiam que não viam, pois se retrucassem corriam o risco de que ele falasse a verdade e os desmoralizassem publicamente.

Ele se sentia superior por ser “ativo” e se divertia com a situação desses garotos.

Ser ativo está associado ao masculino, ser passivo está associado ao feminino, logo, comportamento desqualificado, desprezível, comportamento considerado (se for por homens) como desvio (VILELA, 2001).

Na relação de poder com os demais garotos de programa, Tande se colocava numa situação privilegiada, de controle sobre os demais e, por que não dizer, de coação, de ameaça de revelar o segredo do outro por ter sido passivo com ele.

Explorei esse assunto e ele relatou que mesmo que o garoto mentisse para os demais falando que era só “ativo”, eles acabavam descobrindo. O próprio cliente falava a verdade, configurando-se assim uma situação de controle sobre a virilidade do outro, cenário semelhante às vivências dos garotos estudados por PERLONGHER(1987).

Perguntei se havia algum problema em ser “passivo”, se esse garoto ficava desmoralizado perante os demais. Tande respondeu que sim, que na roda entre eles, quando o garoto que diz ser somente “ativo” é descoberto como “passivo”, os demais riem e o desmoralizam. Portanto, os que vendem a imagem de “ativos”, quando envolvidos em possíveis situações de

passividade e afetividade, passam a vivenciar momentos de tensão em relação à sua própria condição e/ou escolha.

Destaco aqui uma situação de tensão vivida por um dos garotos na "Marechal", que temia que os demais descobrissem seu relacionamento afetivo com outro homem:

> R - Tem um colega (garoto de programa) meu que tem namorado...
> C - Como assim, ele é *gay*?
> R – Não, ele fala que é ativo, mas tem namorado, aí eu não sei... não entro em detalhes, tá ligado?
> C - Você não pergunta?
> R – Não, eu não pergunto, não gosto de ficar perguntando nada pros outros, eles falam que têm namorado. Tem um rapaz colega meu aí, todo final de semana vem um rapaz ver ele aí, mas eu já percebi que eles são namorados, mas ele não fala. Tipo tem vergonha, sabe?
> C – Ah! Ele tem vergonha de falar?
> R - De comentar que ele é namorado dele, mas eu fico quieto né, mano?
> C – Mas, por que ele teria vergonha?
> R - Ele fala que é macho, né? E se falar que é namorado, os caras vai começar a zoar ele e o namorado.
> C - Eles iam zoar?
> R - Tem gente que zoa, eu não ligo não.
> (Entrevista com Ricardo)

Geralmente os garotos de programa mascaram seus preconceitos em relação aos "passivos". Entretanto, suas ações de segregarem entre si os "passivos" com mais evidência, apontam e reproduzem aquilo que já está posto socialmente como a desqualificação do feminino.

Para tanto, apresentam justificativas em relação aos que assumem a passividade em seus programas, alegando que eles não cobram,

> T - Os clientes saem pra dar pra gente, a gente come, eles pagam. Os garotos *flex* comem e são comidos e falam (os clientes) que eles não cobram.
> C – Tá, entendi.
> T - Revolta a gente um pouco, porque se a gente tá ali é a trabalho, nós, ativos, não é porque gostamos, é a trabalho, é um dinheiro mais fácil, um complemento pro dia a dia porque tem muitos que trabalham, tem muitos que trabalham e tá ali pra ganhar um extra, como eu já trabalhei, já ganhei extra, hoje em dia tô desempregado, minha única opção é aquela. (Entrevista com Thiago)

Ou queixam-se dizendo que os passivos denigrem suas imagens para os clientes,

> C - Eu percebi que é a terceira vez que você fala que não troca muita ideia com os passivos, o que aconteceu?
> R - Eles falam mal da gente pros clientes, aí os caras ficam criticando nós e tal, pensam que todo mundo é igual, que fica ali só pra usar droga e tal. Tem uns caras que vai ali só pra usar drogas mesmo, faz um programa, vai na bocada usa droga, eu não meu, faço um programa e não vou na bocada não, vou pro rolê catar umas gatinhas. Aí vou tomar cerveja, meu rolê é outro. (Entrevista com Ricardo)

Nessa noite, também conversamos sobre a violência da polícia, violência essa que Tande já havia enfrentado duas vezes, inclusive, informou-me que a polícia, além de bater, ainda pegava o dinheiro deles e ia embora.

Depois, falou:

- Acabou-se o que era doce.

Informando que iria embora. Assim também resolvi ir e agradeci sua companhia.

5.5 TRAJETÓRIAS DE UM GAROTO DE PROGRAMA ATIVO E PASSIVO

Relativo 1 era bonito e tinha aparência semelhante aos demais rapazes, isto é, homens comuns que, se encontrados durante o dia, jamais induziriam alguém a pensar que fossem garotos de programa.

Invisibilidade destacada por Thiago quando discutíamos sobre o fato de eles serem rotulados como *gays*,

> T – Tá, assim, agora eu vou te fazer uma pergunta. Olha pra mim fora daquilo. Se você me encontrasse num bar, vamos supor, dentro de um supermercado fazendo compra. Você ia falar que esse cara é *gay*? (Entrevista com Thiago)

Após a apresentação, descobri que Relativo 1 estava procurando um amigo do qual tinha perdido o contato. Ele não tinha ido para a "Marechal" com a intenção de fazer programa. Esse amigo também era garoto de programa. Juntos, o amigo, Relativo 1 e mais dois colegas costumavam ir trabalhar na "Marechal".

Embora haja segregações entre eles na ocupação da "Marechal", alguns costumam atuar em grupo ou em dupla, pois o fato de estarem na companhia de conhecidos denominados por eles como amigos, significava uma ação de enfrentamento conjunto dos perigos, como vemos nesse diálogo entre os colegas de Ricardo:

> R – Não, eu vim com um colega (referindo-se à última vez que eu o vira na Marechal e, em seguida, ele tinha ido trabalhar na Lapa), ele veio pra cá, ele foi, é esse maluco que tem namorado, foi lá, passou, ligou pra mim: - Tá aí? - Tô. Aí foi lá, porque ele sempre vai pra lá comigo, né? Ele tava de carro, aí me buscou lá.
> C - E vocês fecham juntos lá? Um fica de olho no outro

> ou é cada um por si?
> R - A gente toma uns cuidado, fica de olho sim, mas é cada um por si, se tiver alguma treta, nós vai pra cima, tamos juntos, né? Eu tenho colega lá também que mora lá perto na freguesia, eu conheço os malucos lá de mili anos.
> C - Freguesia?
> R – É, eu conheço uns cara que vai lá fazer programa, o Noel, o Heitor, os caras que fica lá e mora mais perto lá da Lapa, entendeu? (Entrevista com Ricardo)

Conversamos sobre sua *performance* sexual como garoto de programa. Ele revelou que fazia "ativo e passivo", porém não fazia sexo oral no cliente e usava preservativo em toda a relação.

Questionei por que ele não fazia sexo oral no cliente e, categoricamente, respondeu que fazia até "passivo", embora não gostasse, mas considerava sexo oral meio vergonhoso. Diferentemente de outros garotos, o que o remetia a uma provável situação de inferioridade em relação aos que se consideravam somente "ativos", não era ser "passivo" na relação sexual, conforme havia descoberto PERLONGHER (1987).

Seu posicionamento também contrariou as considerações de NETO (2010) em pesquisa realizada recentemente com garotos de programa do Recife, cuja situação de "(...) ser comido o destitui da posição de macho viril e dominador".

Não era ser "passivo", mas "chupar o pau" de outro homem é o que o colocava em situação de inferioridade e de vergonha. Dessa forma, ele nos trouxe informações de que as zonas simbólicas corporais presentes nas práticas de profissionais do sexo não podem ser universalizadas.

Ao conversamos sobre questões relativas ao cuidado com o corpo e higiene, descobri que ele tinha um amigo *gay* que morava próximo à "Marechal" e que disponibilizava sua casa para que ele e um de seus amigos pudessem tomar banho.

Perguntei se havia alguma troca de favores, isto é, se ele ao tomar banho na casa desse amigo, retribuía o favor ou se o amigo exigia, em troca, algum tipo de carícia. Ele deu risada e disse que não.

Conforme PERLONGHER (1987), relações de proteção a garotos de programa, estendida para além da relação cliente-fornecedor, é algo comum na prostituição viril e também são sinalizadas na ligação tio-sobrinho que Pedrinho comentara a respeito.

Essa forma de apoio na resolução de imprevistos como, por exemplo, recorrer a um "amigo" para usar o banheiro, parece ser comum entre eles. Ricardo comentou:

> C - Ali não tem banheiro, um posto, não tem nada ali por perto, onde vocês fazem suas necessidades?
> R - Vai até o *shopping.*
> C - Vocês vão até o *shopping*?
> R - É perto.
> C – Mas o *shopping* não fica aberto a noite toda?
> R - Até as dez horas, depois das dez a gente se vira, ah, mas não é sempre que dá vontade de fazer esses negócios, é só dar uma mijada mesmo, mas isso a gente faz em qualquer lugar.
> C – Tá, uma pratica dos homens, né? Fazer em qualquer lugar, mas se for a opção 2 (vontade de defecar), você faz no *shopping* ou?
> R - Na minha casa, peço pra alguém me levar, sei lá, sempre passa alguém, aí eu peço "me leva na minha casa", mas é difícil eu ter, quando eu saio de casa eu saio preparado pra não ficar indo no banheiro, essas coisas. (Entrevista com Ricardo)

Perguntei à Relativo 1 como ele fazia após um programa quando o amigo não estava em casa, aí respondeu:

- Vai com papel higiênico mesmo, quando faço ativo é mais fácil me limpar com papel higiênico.

Essas questões sobre a higiene pessoal após cada programa surgiram durante minha vivência no campo, pois até então eu não havia me preocupado com elas.

Ao visualizar a "Marechal", a não presença de motéis que possibilitariam o uso de banheiro, a não presença de bar ou algo

semelhante, fizeram com que eu investigasse tais situações para verificar como cada um lidava com a higiene e os cuidados com o corpo após cada programa.

Penso que são questões de saúde pública atreladas à ausência de condições de trabalho, até porque não é um trabalho legalmente reconhecido (JIMENEZ, 2008).

Continuando o assunto sobre programas propriamente ditos, isto é, higiene, cuidados e como ele costumava fazê-los, disse que os realizava dentro do carro do cliente, no motel, no *drive-in* ou na calçada.

A rua como espaço público e a "transa" dentro do carro, escondidos no escuro da calçada, nos levam a refletir que não é tão nítida a ordem do público e do privado em suas experiências, como lembra VIANA (2010).

Quando fazem sexo na rua, que é um ambiente público, fazem-no às escondidas, resguardando suas privacidades e, quando atuam em locais privados, como, por exemplo, a sauna, às vezes eles ficam expostos sem garantia de suas privacidades. Essa inversão de códigos de conduta perante o que se considera socialmente aceitável, reforça a necessidade de se fazer prevalecer, então, um código de ética entre os garotos de programa para que não haja uma exposição que os desmoralizem e que, ao mesmo tempo, possa ser permissível no sentido da mercantilização de seus corpos e *performances*.

Assim, encontramos confrontos quando alguém desrespeita tais códigos, afrontando aquilo que poderia representar a família,

> R – Saí, já saí na mão, dei uns boxes, tava fazendo programa, o cara parou perto de mim, começou tipo ficar de cueca lá, chamar a atenção, podia passar pai de família ali, era cedo, oito horas ainda, nove horas, que ali de vez em quando passa pai de família.
> C - Naquela rua?
> R – Passa, de vez em quando tem festa, tem uma empresa lá na frente, ali o pessoal aluga dia de sábado para festa casamento, essas coisas. E era um sábado, eu falei: - Aí meu, tem festa ali, tem gente passando, tem família, tem que respeitar, meu. Ele falou é que não sei o quê. Eu falei: - Dou cinco

> minutos pra você colocar essa calça aí. Ele falou:
> - Não vou vestir, não. Dei-lhe um soco no meio dos olhos e tava de carro ainda, entrou no carro e foi embora, nunca mais apareceu ali. (Entrevista com Ricardo)

Por outro lado, a masturbação que seria da ordem do privado é permitida, desde que realizada às escondidas, no escuro e dentro dos carros.

Relativo 1 narrou que às vezes ia para a casa do cliente e não tinha medo, já tinha "transando" na rua, às vezes, o pessoal que queria fazer "vício" se aproximava e tentava participar da "transa" (relação sexual), mas ele não curtia e não permitia a invasão.

Surgem informações sobre a "Marechal" como espaço para "caça e vícios", além da prostituição masculina. GUIMARÃES (2004) e RIOS (2005) exploram melhor os circuitos de "caça" de homossexuais. Já RIOS (2005) pesquisa e informa com mais veemência os encontros sexuais ocasionais como passíveis de serem feitos na própria rua e não aborda a presença de garotos de programa nessas experiências entre homossexuais ou homens com práticas homossexuais.

GUIMARÃES (2004) mostra circuitos nos quais homossexuais buscam aventuras sexuais, de forma direta, tendo nessas experiências a vantagem de não haver dúvidas sobre o intuito de quem frequenta aquele espaço. Nesses circuitos há também a presença de garotos de programa.

Relativo 1 afirmou que não tinha envolvimento com nenhum tipo de droga, não fumava, não bebia, não cheirava, porém afirmou que ali era um espaço de uso intenso de entorpecentes.

Assim como em muitos casos, sua família não sabia sobre sua atividade como garoto de programa. Ele morava com um tio que desconfiava de suas saídas aos sábados, inclusive já o questionara sobre o uso de drogas.

Na maioria das vezes, a preocupação e a desconfiança familiar não são direcionadas para a prostituição masculina, afinal prostituição geralmente está associada a mulheres e travestis.

Nesse sentido, a primeira possibilidade cogitada pela família acaba sendo relacionada ao uso ou tráfico de drogas, a roubos ou a alguma ação considerada como marginal.

Thiago narrou esse tipo de conflito com sua família:

> "... daí eu tive um caso com ele por dois anos e meio, aí ele me bancava. Eu chegava em casa com tênis, calça, camisa, boné e não tinha condições pra aquilo. Minha mãe me perguntava: - Filho, você tá roubando? - Não, não tô. - Tá roubando? - Não, não tô. Meu pai me bateu várias vezes por achar que eu estava roubando, sendo que eu não estava". (Entrevista com Thiago)

A revelação para alguns acontece devido à pressão familiar, mas o mais comum é o sentimento de incômodo gerado pelo medo de contar a verdade para suas famílias. Eles sabem que serão julgados e, ao mesmo tempo, sentem-se sufocados por carregarem este segredo, passando, muitas vezes, a recorrer a drogas como o álcool, conforme narrou Thiago:

> Aí, um dia, eu abri o jogo pra minha mãe, foi onde eu comecei a beber bebida alcoólica. Eu falei: - Eu não aguento mais essa pressão, não aguento mais essa pressão, minha mãe me pressionando, achando que eu estou roubando e meu pai também. Aí eu abri o jogo só pra minha mãe. Aí ela me perguntou: - Então, o que que é? Aí eu falei: - Mãe, sabe esse cara que vem me pegar e a gente sai? – Sei. – Então, eu tô comendo ele, ele é viado e eu tô comendo ele. - Meu filho, mas você é doido? Eu falei: - Não, mãe, é o único jeito de eu ajudar dentro de casa.
> Que até pra roça naquela época tinha que ter 16, 17 anos, eu tinha quatorze anos de idade, meu, não podia, o único meio (transar com *gay* por dinheiro) do que eu me enfiar no tráfico, no roubo, entendeu? (Entrevista com Thiago)

Relativo 1 revelou que tinha tido uma experiência homossexual aos 14/15 anos e que esse contato havia sido algo pontual. Posteriormente, ao comentar que estava precisando de dinheiro, mesmo trabalhando numa atividade de produção, um colega falou para ele sobre um "esquema"[27], uma forma diferente de fazer bico, então lhe propôs conhecer a "Marechal". Assim começou no ofício e lá estava há 8/9 meses.

Quanto aos tipos de clientes, disse que eram diversos: novo, velho, mulher, casal heterossexual, casal *gay*, alguns com boas condições financeiras e outros nem tanto, mas que a maioria era *gays* da 3ª idade[28] e estabilizados financeiramente.

Identifica-se como heterossexual fora daquele contexto e, ali, se considera bissexual. Essa orientação fluída, dinâmica, plástica e passível de moldar-se de acordo com o contexto sexual, traz à tona reflexões sobre os paradigmas existentes em relação à sexualidade, mostrando que as orientações sexuais não são estáticas e imutáveis para o resto da vida.

Nesse aspecto, compreendemos a sexualidade como uma dimensão da pessoa em constante processo de mudança, interagindo com seu meio social, sua cultura, não restringindo o gênero, a sexualidade e o desejo aos atributos biológicos (RUBIN, 1989; HEILBORN,1999).

Perguntei sobre a relação entre os garotos que afirmavam ser somente "ativos" e os que eram "relativos". Ele apontou que havia diferenças entre eles e que sentia certa discriminação.

Os "ativos" ficavam entre eles tanto quando conversavam como quando se dispunham ao longo da calçada. Já eles, os "relativos" ficavam mais afastados. Situação essa confirmada por Ricardo,

---

[27] Uma situação em que se pode tirar proveito ou vir a ser proveitosa.
[28] Para ele, pessoas acima dos 35 anos já eram consideradas como parte da categoria "3ª idade".

> C - E com isso você acha que muda a relação de vocês ali, quem é só ativo, quem é só passivo. Você acha que muda o *status*?
> R – Muda, lógico, acho que muda sim, sei lá, eu não sei por que, eu não converso muito com os passivos, converso mais com os ativos mesmo e os caras ficam meio afastados.
> C - Os ativos se afastam?
> R- É um pra lá, outro pra cá.
> C – Tá, e você acha que por vocês serem ativos, vocês têm mais valor que os outros no mercado?
> R - Acho que não, não tem nada a ver. Não tem nada a ver isso aí não.
> C - E o que os diferencia ali? Por que os ativos ficam de um lado e os passivos de outro?
> R - Passivo é passivo, né, meu? Sei lá, não é bom ficar muito perto, não.
> C - Por quê?
> R - Sei lá, os caras começam a se requebrar lá, começam dar em cima da gente.
> C – Ah, eles querem meio que namorar com vocês?
> R - Fazer sexo de graça.
> C - E aí não rola?
> R – Não, rola não. (Entrevista com Ricardo)

A fala de Ricardo revela a possibilidade de o desejo surgir entre eles, o que seria uma ameaça à virilidade daqueles que se intitulam somente "ativos" e que só sentem prazer com mulher.

Lembrei também do medo de, ao conviverem com os "passivos" ou mais afeminados, acabarem desenvolvendo alguns trejeitos mais femininos, o que poderia comprometer suas *performances* viris.

PERLONGHER (1987) revelou que um dos medos dos garotos de programa se casarem com "bichas" (*gays*) era de que, com o passar do tempo, pudessem desenvolver trejeitos mais femininos.

Relativo 1 queixou-se de que eles ("ativos") se sentiam mais machos, lembrei das reflexões sobre masculinidades e gênero, pois segundo PERLONGHER (1987) e RUBIN (1989), aquele que tem uma *performance* próxima do que seria o feminino, isto é, ser penetrado, fica visto como inferior.

Perguntei se ele se sentia menos "macho" e ele disse que não. Perguntei o que era ser "macho", ele riu e disse:

- Agora você me pegou, é uma pergunta difícil.

Rimos um pouco e ele respondeu que se sentia “macho”, afinal, ele nunca tinha falhado com nenhum cliente e nem com sua namorada, referindo-se à sua *performance* no ato sexual.

Em sua vivência, assim como na de outros garotos que veremos nas próximas visitas ao campo, ele permite a configuração de novas formas de se entender e vivenciar o masculino.

Relatou ter uma vida social e de lazer boa, vai ao *shopping*, cinema, etc, porém evita passear em Osasco, geralmente vai para São Paulo, pois tem receio de encontrar algum cliente. Questionei se não era para ser o contrário, de o cliente ter medo de encontrá-lo, afinal era o cliente que o havia procurado para fazer programa. Mesmo assim disse que tinha medo de o cliente fazer alguma piada, gritar, expô-lo.

Trago novamente as reflexões de GASPAR (1994) quando se referiu ao escândalo como uma estratégia comum na prostituição, mostrando, então, que no caso da prostituição masculina esse jogo pode ser invertido e revertido.

Nesse sentido, o cliente não denuncia os assaltos na delegacia com receio de um possível escândalo, porém quando o encontro ocorre em outro território, inverte-se a situação e o garoto de programa passa a temer que o cliente provoque um escândalo e o exponha.

Da mesma forma que clientes recorrem à estratégia do silêncio para não serem expostos quando assaltados, ir para outras regiões de São Paulo para usufruir do lazer longe de sua residência era uma forma de não colocar-se em risco e garantir sua imagem masculina.

Como outros que trabalhavam em outro local, referiu-se à atividade de garoto de programa como “bico”. No início fazia três programas por noite, três vezes por semana, agora fazia apenas um programa por noite. No início chegara a ganhar R$ 1.000,00 por mês.

Já caminhando para sairmos da “Marechal”, Relativo 1 narrou que alguns rapazes passavam por lá e os incomodavam, provocavam, faziam

piadas. Lembrou que um garoto de programa apanhara de três rapazes e ficara muito machucado.

Nessa noite, havia outros rapazes na rua, inclusive ele, mas ficaram com medo, pois os agressores eram fortes, logo, nenhum deles foi em direção ao socorro do que estava apanhando. Saíram devagar e chamaram a polícia, todavia, esta só apareceu quarenta minutos depois.

Um cliente passou e socorreu o rapaz que ficou muito machucado e, com medo, não retornou mais à "Marechal".

5.6 "MARECHAL": UM LOCAL DE HISTÓRIAS DE AMOR E ÓDIO NAS REMINISCÊNCIAS DE ROMÂNTICO

Espontaneamente Romântico começou a contar-me sua história, informou-me de que era garoto de programa, mas não tinha ido ali para trabalhar, tinha apenas o intuito de encontrar um ex-namorado.

Conhecera o rapaz ali mesmo na "Marechal", em um desses dias em que ele havia ido só pra curtir, pois ali eles conversam, batem papo, não é só um lugar de prostituição ou de "caça", mas também de socialização.

Diria que em menor proporção a funcionalidade da "Marechal" seria a mesma do "Autorama", no bairro do Ibirapuera em São Paulo, que segundo SIMÕES e FRANÇA (2005), é um espaço que durante o dia abriga atividades de habilitação para novos motoristas e à noite transforma-se em um espaço de encontro de homossexuais, onde "caçam" e se socializam.

No "Autorama" há trocas sexuais sem a exigência da troca financeira, há rodas de conversas entre homossexuais que ali se encontram para baterem papo e, entre eles, transitam também os garotos de programa.

Neste local os frequentadores contam ainda com serviços como barracas de cachorro-quente (SIMÕES e FRANÇA, 2005).

Romântico continuou narrando como havia conhecido seu ex-companheiro, disse que ao avistar um colega na “Marechal”, aproximou-se para cumprimentá-lo e já se sentiu atraído por ele.

Eles tinham muitas afinidades e esse rapaz era o que ele estava procurando, pois sempre buscou alguém para namorar sério, alguém que combinasse com ele, isto é, que gostasse das mesmas coisas e o complementasse.

Assim, iniciaram o namoro e Romântico nunca percebera um detalhe: seu companheiro tinha um namorado. Esse namorado descobriu o romance e passou a ameaçar Romântico por *e-mail* e celular, inclusive chegando a passar pela “Marechal” e jogar ácido nele.

Romântico ficou com medo e, ao mesmo tempo, revoltado com seu ex que havia mentido e o colocado naquela confusão.

Discutiram, se separaram, houve algumas tentativas de aproximação e muito desentendimento entre os três.

Seu depoimento trouxe à tona questões de ordem afetivo-sexual, fazendo-me lembrar de minhas hipóteses sobre situações que poderiam funcionar como espaços de vivências de sexualidade.

A narrativa de seu romance não ocorreu de forma linear, mas com idas e vindas, discorreu sobre seu penúltimo relacionamento com um garoto de programa que também conhecera na “Marechal”.

Igualmente ao que acabara de relatar, esta também havia sido uma relação muito conturbada e conhecer seu ex-companheiro trouxe-lhe a esperança de viver algo positivo, porém sua frustração fora tão grande quanto a anterior.

Sua história era envolvente e desvelava o espaço de atuação de garotos de programa como uma possibilidade também para a afetividade. Curiosamente, seu penúltimo namorado, com o passar do tempo, passou a exigir que Romântico pagasse pela relação sexual.

Conflitos entre clientes e garotos de programa, em virtude de terem iniciado uma relação afetiva, já haviam sido explorados por PERLONGHER (1987).

Os garotos de programa viviam com o fantasma de aceitarem propostas de namoro e casamento e, posteriormente, a “bicha” não querer mais pagar pelos seus serviços em virtude de a relação ter se tornado um namoro (PERLONGHER, 1987).

Neste misto entre frequentar a “Marechal” ora como garoto de programa, ora para curtir, não deixava claro em que circunstâncias ele realmente havia se envolvido em tais relacionamentos, se era como garoto de programa ou se era como cliente-garoto de programa.

De qualquer maneira, percebe-se que seus envolvimentos amorosos sinalizavam relações horizontalizadas tendo como cenário a “Marechal”.

PERLONGHER (1987) que visualizou relações por ele denominadas horizontalizadas envolvendo ardores libidinais entre garotos de programa, ressalta que geralmente tais envolvimentos são explosivos, típicos de paixões turbulentas e que, muitas vezes, são rompidas em virtude de ciúme, traições, etc.

Hoje, Romântico tinha vontade de reencontrar o último namorado. Na verdade, eles não haviam marcado nenhum encontro. Ele descobrira por meio de colegas que o ex-namorado frequentava uma igreja evangélica (provavelmente voltada para *gays*, a Igreja da Inclusão) no centro de Osasco. Porém, após o culto, ele costumava passar na “Marechal” para ver Romântico.

Passamos a conversar um pouco sobre suas vivências como garoto de programa. Romântico morava nas imediações e conhecia vários garotos que trabalhavam na “Marechal”. Também tinha amizade com *gays habitués* do local e se encontravam lá para “zuar”, namorar, etc. Então, certo dia, resolveu fazer programa no intuito de ganhar um dinheiro a mais.

Falou que nas primeiras vezes sentia-se estranho ao fazer sexo por dinheiro, assumiu sua timidez e disse que o maior desafio era tirar a roupa para alguém que não conhecia, mas que hoje lida melhor com a situação.

Para alguns, existia uma flexibilidade ao transitarem entre a “transa” (relação sexual), em virtude do complemento financeiro, e a “transa” por curtição, entre a *performance* de garoto de programa da “Marechal” e a *performance* de curtidores da “Marechal”.

Lembro que Ricardo também trouxe a informação de a “Marechal” ser um espaço para curtirem mulheres, para se encontrarem e irem jogar *snooker* (semelhante ao jogo de bilhar), entre outras formas de socialização e lazer.

> C - Como as pessoas que passam ali de repente viram amigas?
> R - Os caras que passam por ali, porque tem uns caras que vai ali, tem uns caras que fica passando de carro e tem uns caras que pega homem e mulher e não faz programa, só passa e para ali pra conversar com nós e pega amizade, entendeu? Chama nós pra tomar uma cerveja, jogar um *snooker*, tirar um barato, um batidão, uma pizzaria, comer alguma coisa, aí fica amigo dessa pessoa. (Entrevista com Ricardo)

Romântico contribuiu com informações sobre situações de violência promovida pela polícia, lembrou de um episódio em que havia conseguido se impor, contudo afirmou que em outros momentos os demais colegas não tiveram a mesma sorte. Alguns apanharam nas mãos, outros foram obrigados a beijarem-se entre si para os policiais olharem e rirem, outros foram levados para a passarela e obrigados a fazer sexo oral entre si enquanto os policiais olhavam e davam risada e, por último, alguns tiveram seu dinheiro, conseguido na noite de trabalho, roubado por policiais.

A abordagem hostil e totalmente coercitiva da polícia configura-se em uma hierarquia, a qual chamarei de hierarquia de humilhação, considerando práticas sexuais homossexuais.

Fomos interrompidos. Passou por nós um rapaz, de talvez trinta anos, baixo, branco, com andar de malandro e dentes faltando na parte da frente.

Quando nos viu, retornou, e resolveu indagar sobre minha presença naquele território.

Ele frequentava a “Marechal” no intuito de vivenciar o circuito LGBT como muitos faziam e mesmo não sendo garoto de programa, considerei que sua fala poderia auxiliar a entender questões da socialização local, das vivências prazerosas, etc.

Um carro vermelho que já havia passado várias vezes por nós, antes da chegada desse rapaz, passou novamente e, sorrateiramente, ele deixou de conversar conosco. Saiu andando na direção da passarela, pegou uma enorme pedra e se escondeu por entre as árvores.

Eu e Romântico ficamos observando e começamos a nos afastar no sentido oposto, quando ouvimos alguém gritar de dentro do carro:

- Eu vou te pegar seu “filho da puta[29]”!

Esse rapaz retrucou e continuou andando, o carro vermelho retornou novamente com maior velocidade, eu e Romântico começamos a andar bem rápido, fugindo para mais longe possível daquela confusão. Ficamos com medo de que a travesti que estava gritando estivesse armada.

O carro vermelho parou ao lado desse rapaz (um homem estava dirigindo) e a travesti começou a gritar e fazer ameaças quando o rapaz arremessou com muita força uma pedra na direção do carro, estourando o vidro.

O motorista acelerou, por sorte pegou no vidro de trás e o estilhaçou, senão acertaria diretamente no rosto da travesti. O rapaz escapou correndo para o outro lado da linha de trem.

Romântico sugeriu que fossemos embora, afinal a rua estava vazia, tinha tido aquela confusão, eles poderiam voltar e, com raiva, poderiam atirar em qualquer um generalizando que “michê” era tudo igual.

Antes de nos despedirmos, Romântico fez questão de prolongar a conversa falando um pouco mais sobre situações de violência e perigo na “Marechal”.

---

[29] Expressão popular de ofensa ao outro.

Dentre elas a presença de *skinheads* que haviam batido e machucado bastante um garoto de programa, de pessoas que passavam por ali e faziam ameaças ou xingavam.

Fato destacado por Ricardo,

> R – Já, de rolar e não pagar, dos caras bater nele, por que tem gente que já vem na maldade, né? Você tem que ficar esperto, às vezes os caras passa, joga sei lá, atirando em você. Esses dias eu estava na Lapa e passou um carro, o cara pegou um pedaço de pau e passou perto da calçada e começou a bater, se a gente tá perto meu, pegava em nós, passou correndo assim, é tem varias situação, né? Você nunca sabe o que vai acontecer. (Entrevista com Ricardo)

Não podemos interpretar a violência por eles sofrida como uma característica do território, como por exemplo, da Avenida Marechal situada na periferia.

Conforme contribuições de GASPAR (1994), podemos interpretar tais violências como uma aversão a transgressão social que eles representam como profissionais do sexo.

Podemos interpretar ainda que por terem relações com homens, socialmente são rotulados também como *gays*.

A relação entre homens sugere passividade e, segundo PELÚCIO (2009), um homem assumir que gosta de ser “passivo” é comprometer sua masculinidade e ficar à mercê dos ataques sociais.

5.7 ADENTRANDO O CENÁRIO DAS SOMBRAS E OUVINDO NARRATIVAS SOBRE VIOLÊNCIAS NÃO IMAGINADAS: O TRÁFICO DE ÓRGÃOS

Eu e Clayton nos encontramos para irmos à “Marechal”. Ele usava calça jeans, jaqueta de couro, tênis, gel no cabelo e perfume.

Para atender ao público *gay,* a maior clientela, grande parte dos garotos de programa recorre a estratégias interpretadas como culto ao corpo, para melhor impressionar seus clientes e também satisfazer suas vaidades: malham, buscam vestimentas de grifes, usam perfumes importados, etc. (VASCONCELLOS, 1994).

Clayton falou que iria observar a rua e se avaliasse que não havia perigo e aparecesse algum cliente, possivelmente ele trabalharia, até porque, pensando como garoto que faz programa, o lema era: “Tempo é dinheiro” (ao referir-se a trabalhar ou não na “Marechal”).

Tempo para Clayton e para outros garotos tem dois sentidos, o primeiro significa que quanto maior o tempo de trabalho na rua maior será suas chances de realizar um programa, e o segundo tem o sentido de *status* e afirmação do masculino.

Após o enquadre a respeito de sua companhia naquela noite, fomos dialogando sobre várias coisas, dentre elas, o fato de ele ter deixado bem claro que costumava se preparar fisicamente, emocionalmente e espiritualmente quando ia trabalhar na rua.

Fisicamente falava sobre a higiene, roupa, o perfume e, é claro, a ducha íntima, caso fosse trabalhar como passivo. Acrescentou que todo garoto de programa costuma levar um instrumento cortante para defender-se caso seja necessário.

Pesquisas que abordam a forma como travestis costumam resolver seus conflitos na rua (GASPAR, 1994; FERREIRA, 2009) mostram que é comum o uso de armas brancas para se defender.

A fala de Clayton revelou que navalhas, canivetes, punhais não são instrumentos exclusivos de travestis. Emocionalmente e espiritualmente disse que costumava fazer mentalizações, buscando equilíbrio e proteção.

No aspecto emocional achava importante essa mentalização para proteger-se e não se deixar abalar por ataques verbais, comentários geralmente feitos por pessoas em grupos que passam por eles a pé ou em carros.

Agressões verbais destacadas também por Ricardo,

> C - Você falou que o pessoal passa de carro "zuando" com vocês?
> R – É, passa. Uns fala que é ladrão, outros fala que é polícia, eles falam um monte de coisa. (Entrevista com Ricardo)

Clayton disse que era comum passarem atacando-os verbalmente e, se o garoto de programa não estivesse protegido emocionalmente, ficaria abalado, deixando o trabalho de lado ou até entrando em depressão.

Os ataques não se restringem a violências verbais, PERLONGHER (1987) narra que moradores, do alto de seus apartamentos, costumavam jogar excrementos nos *gays* que frequentavam o centro de São Paulo e, nesse alvo, os michês também eram atingidos.

Espiritualmente, Clayton falou sobre a importância dessa mentalização, para que pudesse ter uma "dedução" sobre o certo e o errado, o perigo e o não perigo.

Essa mentalização que Clayton relatara fez-me lembrar da pesquisa de KULICK (2008) sobre as travestis quando uma delas se preparava diante do altar antes de ir para a rua.

Quando insisti em falar sobre possíveis perigos a que os garotos de programa estão expostos, Clayton trouxe uma história que me assustou de tal maneira que quase parei o carro.

Disse que costumava frequentar a Rua Rego Freitas, em São Paulo[30], certo dia encostou um carro com dois rapazes "lindíssimos", o que interferiu na decisão dele e do colega para que aceitassem o programa.

Esses rapazes perguntaram se eles transavam a quatro e o colega de Clayton disse que sim e propôs um valor alto, o qual os rapazes aceitaram.

Antes de irem para o motel, os clientes propuseram que fossem beber em algum lugar.

Ele percebeu que esses rapazes fingiam que estavam bebendo. Quando Clayton e o colega voltaram do banheiro, seu colega continuou bebendo no mesmo copo e ele não, disfarçou, jogou fora e continuou fingindo que estava bebendo, porém não avisou o colega sobre o perigo.

Depois de um tempo, seu companheiro estava um pouco estranho, mas não embriagado, tinha algo diferente acontecendo com ele.

No motel eles não fizeram o programa a quatro, mas Clayton não se importou, o importante era conseguir a "grana" (dinheiro).

Depois de uma meia hora aproximadamente, este foi o tempo que Clayton calcula que duraram as carícias entre ele e um dos rapazes, eles foram interrompidos pelo outro rapaz dizendo:

- Vamos fulano, o negócio já está pronto.

Clayton vestiu-se, achou tudo estranho, ficou com medo e foi até o outro quarto chamar o amigo para não ter que voltar sozinho para a rua.

Quando entrou no quarto, ouviu o colega chorando, aproximou-se do banheiro e o avistou dentro da banheira, que estava cheia de gelo e sangue.

O colega chorava, disse que estava com muita dor. Clayton ficou atônito, pediu para que ele se mexesse para ver o que tinha acontecido, o colega disse que não conseguia se mexer tamanha era a dor e se ele saísse dali iria morrer.

---

[30] Circuito de *gays* e território da prostituição viril já mapeado por PERLONGHER (1987).

Ele insistiu para que o colega virasse bem devagar o lado que estava doendo, então ambos viram que na região da dor haviam tirado seu rim e tinham costurado com linha comum de roupa.

Clayton, justificando sua atitude de não ter acompanhado o colega o tempo todo, disse que era menor e que ninguém sabia de sua vida como garoto de programa.

Ele saiu do hotel, fez uma denúncia anônima para a polícia e ficou aguardando do outro lado, observando todo o movimento até a chegada da polícia, então foi embora apavorado e nunca mais encontrou esse colega.

Não sabe se ele morreu ou o que aconteceu, mas simplesmente nunca mais esse rapaz voltou para a rua. Logo após essa tragédia, Clayton decidiu afastar-se daquele trabalho.

Vi algumas lágrimas saindo de seus olhos ao longo da narrativa e em seu término. Até hoje sonha e se lembra daquela cena do colega na banheira ensanguentada.

Ficamos alguns minutos em silêncio, sinceramente não tinha o que ser dito, além do silêncio que poderíamos compartilhar como forma de vivenciarmos por instantes emoções fortes.

GASPAR (1994) ressalta que o programa em si é o ato que consuma, materializa a relação de prostituição e, nesse acordo, muitas vezes o perigo encontra-se latente, podendo vir ou não a ser concretizado.

Semelhante a essa história de Clayton, GASPAR (1994) traz histórias chocantes como, por exemplo, a de uma prostituta que fora jogada pela janela pelo cliente.

Hoje, após várias leituras desse momento no campo, arrisco um olhar mais teórico e, baseando-me em ÁVILA e GOUVEIA (1996), ressalto que a vivência da sexualidade ocorre no corpo.

Nessas situações, como lembra JIMENEZ (2008), o corpo também pode ser entendido como representação social de perigos, limites e confrontos e, segundo SEFFNER (2001), o corpo esconde ou revela sinais de fraqueza, doenças e ratifica estigmas. Além de estigmas, registra ações das mais bárbaras e violentas como tráfico de órgãos e, para WEEKS

(2000), é justamente nele que concretizamos nossas experiências dolorosas e prazerosas.

Assim, um dos garotos fica com a cicatriz em sua região lombar, com o vazio e a permanente sensação do roubo de seu rim (considerando que tenha ficado vivo). O outro permanece com as lembranças e perturbações psíquicas que se manifestam por meio de sonhos contínuos da experiência vivida e que sequer pode compartilhar.

Chegamos à “Marechal” e Clayton propôs que antes de nos fixarmos em algum trecho andássemos por toda a rua.

Segundo ele, um “verdadeiro garoto de programa” deve primeiro explorá-la, senti-la, ver quem está na rua, o que está acontecendo, se há algum perigo eminente ou se está tranquila. Seu receio em relação a perigos tinha suas razões óbvias.

Assim, tive a oportunidade de explorar trechos da rua que até então eram considerados perigosos, inapropriados e que contava ainda com a presença daqueles outros garotos de programa que não eram “limpinhos” tampouco profissionais.

Sabia que não seria uma atividade simples me aproximar deles, e o auxílio de Clayton fora fundamental para avançarmos na pesquisa e não ficarmos restritos ao discurso daqueles que realmente se consideravam profissionais do sexo e que trabalhavam na parte iluminada da avenida.

Avistamos dois garotos de programa, cumprimentamo-los e eles corresponderam, então olhei para o mais velho e perguntei se ele trabalhava ali, respondeu que sim.

Mostrou-se simpático e conversou comigo com naturalidade.

Perguntei por que não iam para o trecho iluminado, então, Peter Pan cuja aparência era menor de idade, respondeu que cada um tinha seu ponto e completou dizendo que quando os demais não estavam lá, eles até subiam.

Preferiam ficar na parte mais escura, ali era interessante para os clientes e também para eles como garotos de programa para não serem identificados e reconhecidos com facilidade por algum conhecido.

Esses garotos frequentavam aquele trecho escuro como forma de protegerem suas identidades e não necessariamente por causa do uso de drogas de forma abusiva.

Segundo eles, são inúmeros os relatos de abuso da polícia, dentre eles agrega-se o de Ricardo:

> C - Tá, por ser afastado, ali a Marechal não fica sendo um pouco perigosa e violenta?
> R - É perigoso.
> C - Você já sofreu algum tipo de violência ali?
> R - Já, já tentaram me bater ali, uns caras loucos que passam ali, mas nunca me pegaram não, só os polícias que me pegaram uma vez ali e deram umas cacetada com o cassetete.
> C - Mas por quê? Alguém respondeu?
> R - Os caras chegou e falou essa rua é minha, seus viados e baixou o cacete.(Entrevista com Ricardo)

Sebastião e outros garotos afirmavam que quando abordados por policiais, eles começavam a andar fingindo que estavam indo embora e que quando a polícia virava a esquina eles voltavam.

Ficamos somente nós dois conversando e ele justificou estar ali por precisar de um complemento financeiro para investir na criação do filho. Em virtude de sua situação financeira, sua esposa e filho estavam morando no interior e, assim que ela retornasse para Osasco, ele teria de sair da rua.

Questionei se ela sabia de sua atividade profissional como garoto de programa e, como a maioria, ele respondeu que ninguém sabia sobre sua situação.

Essa afirmação fez-me novamente pensar sobre a clandestinidade e invisibilidade presentes no universo dos garotos de programa e no papel da família como instituição normatizadora e controladora disciplinar da nossa sociedade. Afinal, dispositivos sociais estão relacionados a ações estratégicas de manipulações nas relações de poder (FOUCAULT, 1979). Na família e na escola encontramos com frequência dispositivos de normalização, isto é, falas, ações, regras que visam direcionar a forma como

as pessoas devem se relacionar (MENEZES, 2008). Como pai de família, ele deveria comportar-se como um homem heterossexual e trabalhador.

Por meio de um amigo ele foi conhecer a “Marechal” e seu primeiro cliente foi um homem. Foi meio estranho, esquisito, pois nunca tinha transado com alguém do mesmo sexo antes.

Foi para o motel com esse cliente e ficou olhando somente para o filme “pornô” (erótico) e imaginando que estava “comendo uma mulher”.

Filme “pornô” com cenas de relações heterossexuais é um recurso comum entre rapazes que se consideram totalmente “ativos”.

Thiago explicita a importância de recorrer a filmes pornôs:

> C - Tem de assistir a um filme?
> G – Tenho, tenho de assistir.
> C - Independentemente de ser um homem de aparência máscula ou um *gay* afeminado?
> G – Filme.
> C - Filme?
> T – Filme, pô,no que eu vejo ali um cara e uma mulher, eu esqueço daqui pra baixo, eu foco ali, tipo aquela placa ali é uma TV, eu aqui eu foco ali, aí dali eu tenho meu tesão, agora com mulher eu não preciso de nada. (Entrevista com Thiago)

Mesmo tendo experiências, recorrem ao vídeo quando consideram o cliente como “zuado”, geralmente *gays* mais velhos e não afeminados.

Lembro da entrevista com Ricardo que também narra a mesma situação:

> R - Não foi difícil porque eu estava pensando no dinheiro pra mim e eu tava precisando.
> C – Sim, mas você conseguiu ficar excitado?
> R – Sim, eu coloquei o vídeo lá, aí vai né?
> C - Geralmente você apela para o vídeo ou não?
> R - Geralmente, né?
> C - Mesmo hoje com tanta experiência?
> R - Se o cara for muito zuado tem que ser vídeo, senão não vai, não.
> C - O que que é um cara zuado?
> R – Ah! Sei lá mano, dependendo do tiozinho, os caras de mais idade, aí não dá.

Essas estratégias corporais para alcançarem a ereção e simularem prazer com seus clientes não são naturalizadas e requerem aprendizado.

Perguntei sobre prevenção, respondeu que sempre usava preservativo, indaguei se no sexo oral ele usava e Sebastião respondeu que ele não chupava o cliente e sequer o beijava.

Clayton retornou, nos despedimos de Sebastião. Não havia mais trem para Clayton voltar, considerei que seria cordial levá-lo até sua casa.

Eu e Clayton conversamos sobre essa não assiduidade dos garotos de programa na rua, então, ele me informou que a maioria deles trabalhava apenas pelo complemento financeiro, como “bico” ou mesmo para curtir aquele momento.

Segundo Clayton, eles não tinham as mesmas necessidades, por exemplo, das travestis, que não conseguiam trabalhar durante o dia, sua informação sobre travestis ia ao encontro das contribuições de FERREIRA (2009).

5.8 A VIOLÊNCIA COTIDIANA E AS AGRESSÕES DE GRUPOS LOCAIS AOS GAROTOS DE PROGRAMA

Ao reencontrar Sebastião, iniciamos nosso diálogo cuja temática havia sido uma discussão entre ele e um cliente.

Geralmente, o desacordo por parte do cliente gera atitudes agressivas dos profissionais do sexo (GASPAR, 1994; FERREIRA, 2009).

Nesse momento, acrescentou que alguns garotos de programa costumavam ir armados e escondiam facas e canivetes colocando-os ao lado de alguma árvore, cravados no chão.

Ele não usava nenhum tipo de arma, justamente para evitar brigas e um possível descontrole.

A violência física é a estratégia mais corriqueira diante de conflitos em ambientes de prostituição de rua, independentemente de se tratar de mulheres (GASPAR, 1994), travestis (FERREIRA, 2009) ou garotos de programa.

Sebastião espontaneamente me informou que seu patrão era *gay* e que o assediava. Eles haviam se conhecido ali na "Marechal", em seu trabalho como garoto de programa e, no segundo encontro que tiveram, seu patrão lhe propôs emprego, o qual aceitou.

Seu patrão era separado, morava com mãe e alguns familiares. Durante o dia trabalhavam somente os dois: o patrão e ele. Costumavam ir para motéis e ele cobrava normalmente o programa. Trabalhar e fazer programa com o patrão era algo tranquilo para Sebastião.

Nessa situação, notamos semelhanças na pesquisa de PERLONGHER (1987) sobre a aproximação entre homens mais velhos e garotos de programa em busca de ascensão social.

Nessa relação acordada entre ambos, existem alternâncias no eixo da relação de poder.

Evidentemente, o cliente domina, coloca-se em posição superior financeiramente. Por outro lado, o garoto também conduz a relação, pois ele representa a virilidade e a juventude.

Atributos como juventude, beleza e frescor são: "(...) qualidades que o tempo rouba com uma rapidez fenomenal" (PINEL, 2000:76).

Para PERLONGHER (1987), relações e negociações entre garotos de programa e clientes perpassam pelo desejo sexual, atravessam o corpo social, invertem e revertem o eixo de poder, como se evidencia no desejo e na atração entre a "bicha" e o "macho", o pobre e o rico, o velho e o novo, o branco e o negro e assim sucessivamente.

Podemos dizer que existem inúmeras e expressivas estratégias de poder, "cabe pensarmos sobre como elas se penetram e conseguem reproduzir-se em microrrelações de poder" (FOUCAULT, 1979:249).

Sebastião contou algumas histórias de sua vida: já fora preso por assalto, assalto à mão armada e recepção de objetos roubados. Sua esposa, que era namorada na época, sabia e inclusive transportava drogas.

Em seu corpo, ostenta o masculino por meio do registro de sua coragem, virilidade e ousadia, tem a tatuagem do PCC (facção criminosa denominada Primeiro Comando da Capital). Já na mão há a tatuagem do nome do filho e, no braço, o nome da esposa.

Segundo JARDIM (2001), uma das formas de o corpo representar o masculino seria por meio de um corpo que expressa força, que se impõe e intimida os demais, ganhando mais *status* ainda se esse corpo revelar marcas, cicatrizes de suas conquistas heroicas. Em síntese, essas marcas seriam provas de atitudes ativas, logo, consideradas masculinas.

Chamou-me a atenção o fato de sua esposa saber de suas contravenções e ainda auxiliá-lo transportando drogas, entretanto, ela não sabia de sua atividade como garoto de programa.

Suas experiências em situações de contravenções sociais são compreendidas muitas das vezes, como lembra JIMENEZ (2008), como afirmação e garantia do masculino.

Já a revelação de suas experiências com *gays,* tendo em vista a troca financeira, ameaça seu *status* de macho e viril.

Falou que tinha que conseguir um programa de qualquer jeito, primeiro afirmou que precisava ganhar nem que fossem vinte reais, posteriormente, olhando para mim, falou que precisava ao menos de dez reais para comprar um cartão telefônico para ligar para o filho.

Neste momento, pela segunda vez, temi que ele me pedisse dinheiro, ainda mais recorrendo ao discurso da imagem do bom pai que a qualquer custo precisava levar dinheiro para atender as necessidades do filho.

GASPAR (1994) afirma que já existe um discurso pronto entre garotas de programa para justificarem suas práticas profissionais, bem como para seduzir clientes de acordo com cada situação.

Ali, entre garotos de programa, o discurso pronto se dá por meio das justificativas financeira, da imagem de pai de família e outras falas que os distanciam de uma identidade social homossexual.

Fomos interrompidos porque no final da rua surgiram cinco rapazes e três deles estavam com pedaços de pau na mão, usavam bonés e alguns eram carecas, logo pensei que poderiam ser *skinheads*.

Resolvi entrar imediatamente no carro com medo de ser atacada por alguma gangue, chamei Sebastião para também se proteger.

Passado o susto, eu e Sebastião conversamos sobre aquele episódio. Relatei alguns fatos sobre violência promovida por *skinheads* na “Marechal”. Ele falou que não sabia daqueles fatos.

Aproveitei então para aconselhá-lo sobre como os outros garotos costumavam fazer para sair de situações embaraçosas como essas. Falei que quando eles avistavam qualquer tipo de perigo, começavam a andar pela rua como se estivessem indo ou vindo trabalhar, pois ficar parados os caracterizaria como garotos de programa e aí o risco de serem identificados por homofóbicos, *skinheads* e outros agressores era maior.

A noite tinha sido repleta de emoções. Não posso deixar de pontuar que um fato me chamou muito a atenção: Sebastião estava com mau cheiro, fedendo mesmo, quando ficamos dentro do carro com os vidros fechados o mau cheiro que eu havia percebido intensificou-se.

Fiquei pensando sobre o motivo daquela situação e, intrigada, atentei mais a esse fato. Mais tarde essa questão ficaria clara após o contato com o Peter Pan.

5.9 OUTROS GAROTOS DE PROGRAMA E A QUESTÃO DAS MASCULINIDADES

Mesmo contra minha vontade, Folgado entrou no carro, colocou sobre o painel um papel de maconha e um comprimido que parecia *ecstasy*.

Pelos seus olhos vermelhos, pupila dilatada e maneira de conversar era possível perceber que ele havia usado algum tipo de droga, provavelmente maconha.

Folgado tinha uma *performance* totalmente masculina, viril, digamos que, conforme PERLONGHER (1987), ele seria o clássico dos michês.

Comecei questionando se ele tinha outro emprego, respondeu que sim, que ele ia ali para complementar a renda. Também informou que morava próximo.

Ao conversarmos sobre sua atuação como garoto de programa, perguntei se ele também sentia prazer naquele trabalho. Respondeu:

- Aqui você pode curtir tudo sem exceção.

Explicou que “curtir tudo sem exceção” estava vinculado não somente à facilidade para o uso de drogas, mas aos riscos, fantasias e até mesmo às possibilidades de vivências sexuais.

Segundo FOUCAULT (1988), numa sociedade de controle disciplinar, regras e discursos normativos podem ser rompidos, afinal corpos e prazeres se relacionam como formas de resistência e oposição, como por exemplo, oposição aos dispositivos da sexualidade.

Ao falarmos sobre prevenção e relações sexuais afirmou que sempre usava preservativos, disse que não beijava e nem fazia sexo oral com os homens e se o cliente quisesse era assim:

– O cara “chupa” (sexo oral) e eu faço minha parte (apontando para o pênis e ato de penetrar), nada de beijo, toque, carinho.

– Então você não faz sexo oral no cliente mesmo que ele pague?

– De jeito nenhum, só faço sexo oral se for mulher.

O sexo oral com mulheres era desprotegido.

Mesmo trabalhando como profissionais do sexo, uma possível infecção por DSTs ou HIV pode não necessariamente ter sido contraída no ambiente de trabalho, mas por meio das relações com mulheres, algumas das quais consideradas inseridas em situações não tão de risco.

VILELA (2001), ao pesquisar sobre o imaginário de homens que se intitulam heterossexuais, aponta para a presença do gênero nesse imaginário no qual o homem por ser "ativo" e viril estaria protegido de possíveis infecções sexuais.

Assim, nas relações com mulheres beijam, abraçam, "chupam", "metem" a boca aqui e ali sem preocupações.

Diferentemente da relação com *gays*, nas quais apontam áreas proibidas de contato ou, se houver contato, como o beijo, por exemplo, normalmente é algo superficial e distante de uma situação de prazer real, como vemos no relato de Ricardo:

> C - E beijo rola?
> R - Ah não, de vez em quando dou um selinho, mais não gosto, não.
> C – Não?
> R - O cara fala "vem me beijar" e eu falo "eu não gosto de beijo, cara."
> C - As mulheres você beija?
> R - Ah eu beijo, as mulheres eu beijo, beijo tudo.
> (Entrevista com Ricardo)

O ato de não beijar verso da prostituição, de um modo geral, como uma maneira de garantir a identidade e integridade do profissional (GASPAR, 1984).

Para VIANA (2010), a negociação entre clientes e garotos de programa configura-se em um jogo que, ao ser marcado por relações de poder, hierarquiza não somente as relações, mas as diversas formas de prazer, hierarquizando também as zonas corporais.

Em um determinado momento, Folgado inclinou o banco em que estava sentado totalmente para trás e disse:

- Vou deitar no divã da minha psicóloga (com certo tom de malícia).

Depois disse que costumava ser “folgado” mesmo e posso dizer que várias vezes ele tentou me seduzir, elogiando e convidando para transarmos, inclusive repetidamente falou que eu deveria fazer um sexo oral bem gostoso, que tinha uma boca bonita, gostosa e sensual.

Tive de me posicionar falando que estava ali trabalhando, fazendo pesquisa, e que não gostaria de revelar minhas práticas sexuais.

Imediatamente respondeu:

- Então, você está pesquisando, isso é uma conversa e eu também quero saber das coisas, também tenho curiosidade, você pergunta e eu pergunto.

Com base em JIMENEZ e ADORNO (2009), entre pesquisador e informante não é somente o *status* ou papel social que determina o eixo de poder na relação, mas o conhecimento em questão também se torna alvo de disputa na relação de poder. Como foram várias as investidas dele para transarmos, preferi interromper a conversa.

Mais adiante avistei César, falei sobre a pesquisa e ele prontamente colocou-se à minha disposição.

Assim como Olhos Sedutores e Relativo 1, ele dizia ser “ativo”, evitava fazer “passivo”, mas se pagassem bem ele fazia.

Conforme PELÚCIO (2009) explana sobre as diversas formas de se garantir a imagem do masculino, podemos dizer que relatar sua preferência em ser ativo e fazer passivo somente pelo dinheiro era uma forma de preservar sua imagem masculina.

Diante do fato de se afirmar como heterossexual e ao ser questionado se sentia prazer trabalhando como garoto de programa, César foi categórico ao afirmar que, dependendo do cliente, ele sentia prazer sim:

- Depende do cliente, se ele souber chegar, bater um papo legal, aí a gente termina curtindo e tendo prazer também.

Complementando, falou que alguns clientes eram frios, grossos, que não dava nem gosto de conversar, logo “transava” só por “transar”. Outros sabiam chegar, tratavam bem os garotos, rolava um papo legal e a “transa” terminava gostosa, prazerosa.

Diante dessa informação, falei que conversando com alguns garotos eles afirmaram que não sentiam prazer de forma alguma. César respondeu:

- Isso é fala machista, só pra dizer que não sentem prazer, mas todo mundo sente. Falam isto apenas para não admitir que gostaram de transar com homem.

Não basta ser somente “ativo”, muitas vezes o que está em questionamento é justamente o desejo do homem. Esse desejo, para corresponder a uma real masculinidade, deve estar voltado somente para a mulher ou para aquilo que represente a *performance* feminina (travestis, mulheres transexuais ou *gays* bem afeminados).

Segundo pesquisa de OLIVEIRA (2009), realizada em uma boate na periferia do Rio de Janeiro, caracterizada como parte do circuito LGBT, para alguns *crossdressers* e travestis, a masculinidade de um homem não é questionada simplesmente pelo fato de ele ter tido relação sexual com um *gay* de *performance* masculina.

Sua masculinidade é questionada também em virtude da justificativa que ele venha a apresentar, pois para travestis e *crossdressers* um “homem de verdade” não pode sentir desejo ou atração sexual por pessoas que não representem o feminino (OLIVEIRA, 2009).

Estávamos conversando quando avistei Batman. Eu e ele havíamos nos falado apenas uma vez e não tínhamos mais nos encontrado.

Ficamos por alguns instantes conversando nós três: Eu, César e Batman, que falou que havia “dado um tempo” (ausentar-se por um período) , que estava em outros lugares.

Por fim, revelou que estava frequentando o Parque dos Patoris, segundo ele, lá também rolava programa. O Parque dos Patoris está localizado na divisa entre Osasco e Carapicuíba, próximo ao Rodoanel, local frequentado à noite para “caça” por homossexuais e travestis.

Nesse parque, há pouco tempo, houve vários casos de assassinatos de homossexuais por um possível estuprador homofóbico e até o momento do término da presente pesquisa não haviam descoberto o assassino.

Eu pensava que esse local fosse somente para “caça” e não para programas.

Batman perguntou se, de fato, eu estava ciente de onde eu estava e dos perigos que existiam ali:

- Você, de fato, sabe onde você está? Você sabe dos riscos que você corre aqui? Dos perigos que tem aqui?

Respondi sobre as informações que já tinha tido sobre o lado mais iluminado da avenida e sobre o lado mais escuro, onde geralmente acontecia o uso de drogas e assaltos.

Ele confirmou e acrescentou:

- Você está vendo aquela passarela? Ali é onde acontece tudo, ali é que acontecem os assaltos, passar por ali é pedir para ser assaltado, “zuado”, os caras já estão esperando com revólver, com arma branca, faca, pedaço de pau e, de vez em quando, eles resolvem vir para cá assaltar o pessoal.

Perguntei para Batman:

- Você já foi assaltado?

– Eu não, comigo o barato é outro, eles sabem que a gente encara, a gente é homem, eles sabem que é diferente, mas esse pessoal que tem jeitinho, que rebola, que tem jeito de *gay*, eles assaltam porque sabem que não vão reagir, vão ficar com medo, e nós é diferente, nós somos homens.

Perguntei se outros garotos de programa já haviam sido assaltados:

- Um dia desses cheguei aí, o camarada estava descalço e veio me falar, “olha aí o que os caras fizeram, me assaltaram e levaram meus sapatos”. Foi o que eu disse, se eles perceberem trejeitos, aí eles chegam junto mesmo.

Aproveitei para falar sobre a turma que havia avistado na semana passado e que eu pensara que eram *skinheads.* Ele disse que não, que eram “noias”. Os “noias” costumavam vir para esse lado assaltar e “zuar” e,

às vezes, acabam sendo piores que os *skinheads,* pois batem e espancam, além de assaltar.

Falou que um dos garotos havia apanhado dessa turma sem motivo algum. Disse que eu havia feito o correto ao entrar no carro quando os avistei, mas com eles ali era diferente, eles encaravam os caras e, então, não se atreviam a mexer.

Nesse momento, chegou o amigo de Batman, o Robin. Eles passaram a conversar e como eu não havia sido apresentada, Robin me perguntou se eu estava fazendo programa. Falei que não, expliquei sobre a pesquisa e como percebia certa desconfiança, Batman confirmou falando que ele já havia me visto ali trabalhando em minha tese.

Após alguns segundos, por não estar se sentindo à vontade, César se despediu e foi mais para baixo da avenida para fazer programa.

Ambos deixaram claro que não trabalhavam em outra atividade durante o dia, falaram rindo que ficavam à toa e, para os colegas do bairro, eles eram heterossexuais.

Moravam no mesmo bairro e lá costumavam conversar sobre outros assuntos, jamais falavam sobre o que acontecia ali na "Marechal".

– Lá é outra parada, conversamos outras coisas, outras paradas, não falamos sobre esse mundo aqui, esse mundo não existe, entendeu? (ambos falaram quase em dueto).

Deixaram explícito que o dinheiro que conseguiam era destinado a baladas e drogas: maconha, "farinha" e "mesclado".

Costumavam frequentar uma boate em Osasco cuja maioria do público era heterossexual. Robin narrou que um dia chegou lá muito "louco"[31], viu uma "mina" (garota) de vestido curto, decotado e já foi chegando junto. Ela "deu espaço" (oportunidade), então já encaixou por trás e ela deixou, terminaram transando ali mesmo na pista.

Perguntei sobre a "camisinha" e ele disse que estava muito louco e nessas horas não dava pra pensar nisso, não.

---

[31] Agitado, eufórico, provavelmente por uso de substância psicoativa.

Questionei sobre a prevenção no cotidiano e ele respondeu que trabalhando na “Marechal” não abria mão do preservativo, mas na balada tudo acontecia, ainda mais se estivesse muito louco.

Quanto ao uso de preservativos existe uma diversidade de posicionamentos entre garotos de programa e, semelhantemente a travestis e prostitutas (JIMENEZ, 2008), alguns rapazes abrem mão do uso quando estão com suas namoradas, esposas ou então quando vão para baladas e saem com mulheres.

Esse comportamento nos leva a analisar a presença do mito da superioridade masculina (VILELA, 2001), que os torna, de certa forma, imbatíveis e inatingíveis pela mulher.

Perguntei se lá na boate eles “transavam” com *gays* ou homens e, rapidamente, Batman respondeu que não, que “transar” com homens era só por dinheiro.

Contaram como Batman havia descoberto a “Marechal” e a possibilidade de fazer programa. Robin narrou:

– Eu estava a fim de trazer o cara pra cá, mas não sabia se ele curtia o barato, transar com homens, *gays*, aí resolvi chamá-lo pra ir ao Parque do Patoris, tá ligada, né? Lá rola uns baratos, curtições, “caça”, então levei-o pra ver qual era a “parada”. Se ele curtisse, ia convidar para vir aqui. Chegando lá o cara ficou com oito caras, gozou oito vezes e eu só uma, aí não tive dúvida... o cara gosta, meu! (referindo-se ao fato de “transar” com *gay*). A partir daí começamos a vir juntos.

Essa revelação para a pesquisa é de suma importância, pois a afirmação de Robin de que queria certificar-se de que Batman curtiria “transar” com *gays*, tem várias conotações. Dentre elas, a de que ele, Robin, curtia, mesmo alegando a justificativa do dinheiro.

Foram ao Parque dos Patoris para testar se Batman curtia ou não e, nesse momento, não rolava programa, rolava “caça”.

Batman, mesmo sem ter retorno financeiro teve oito relações sexuais com *gays* na mesma noite, o que confirmou para Robin que o amigo não

teria problema algum em “transar” com *gays*, requisito fundamental para o exercício do ofício de garoto de programa.

Essa narrativa revela as vivências que não somente eles, mas outros garotos, têm ao transitarem por circuitos homoafetivos, que contradizem suas afirmações de que só “transam” com homens ou *gay*s por dinheiro. Eis a experiência de Ricardo por meio do “vício”:

> C - Você nunca fez assim no vício?
> R - Fazer eu já fiz, uma vez sim.
> C - Mas foi com um rapaz dali?
> R - Não é dali, não.
> C - Foi fora?
> R - Foi numa balada que eu fui, balada GLS aí.
> C – Tá, em São Paulo ou Osasco?
> R - São Paulo.
> C - Aí você encontrou alguém lá?
> R – É.
> C - Foi um *gay*?
> R - Foi um *gay* mesmo. (Entrevista com Ricardo)

Ter prazer nas relações sexuais com clientes *gays* é um fato negado verbalmente pela maioria, porém, sutilmente, o prazer é desvelado em várias situações. Essas vivências prazerosas podem não ser admitidas por questões machistas, de ameaça ao masculino e interpretadas como transgressões sexuais.

Ao passar dois rapazes bem afeminados, Batman cumprimentou:

- Boa noite meninas (debochando).

Eles passaram e fingiram não ouvir, então Batman falou:

- Está vendo? São esses tipos aí que o pessoal rouba, não dá pra ver que eles são *gays*, que são assim? (Batman requebrou-se para descrever e debochar dos *gays*). - Dá ou não dá pra dizer que eles são?

Respondi que sim, então Robin disse:

- É, mas às vezes engana, porque tem muito homossexual que na hora da briga reage e diz:

- Pode vir cara, quer sair na porrada? (imitando como seria a *performance* de um *gay* ao brigar).

Suas sátiras em relação àqueles rapazes e as falas no início de nosso diálogo afirmando que os machos não eram assaltados remetem ao que já fora constatado por PERLONGHER (1987) de que os *gays* afeminados continuam sendo inferiorizados e ridicularizados.

Mesmo diante dos novos modelos de se vivenciar o masculino, podemos dizer que na cultura brasileira características como ser “ativo”, agressivo, viril e dar demonstrações de força, estão associadas ao masculino, como lembra ANTUNES (2005).

Esses discursos hierarquizados e reguladores de suas relações sociais evidenciam-se tão intensos que, mesmo situações de violência que atingem a todos e se tornam um problema coletivo, são interpretadas como de responsabilidade individual, apontando-se, muitas vezes, que os outros são assaltados em virtude do “comprometimento de suas masculinidades”.

O estigma (GOFFMANN, 1978) atribuído àqueles considerados afeminados transfere para a pessoa, no âmbito individual, conflitos e demandas que seriam sociais, como no caso do assalto.

Para RIOS (2005), essas atitudes preconceituosas em relação aos que se comportam de maneira mais feminina, precisam ser pensadas enquanto dinâmica social estruturada em *performances* estigmatizantes, focadas no comportamento da “bicha” e na *performance* naturalizada da masculinidade dos “bofes”, dos machos, dos homens “de verdade”.

Para ele, “tais performances propiciam e reforçam tanto hierarquias opressoras de gênero como fomentam a homofobia” (RIOS, 2005:185).

5.10 VALORES MORAIS, ESTIGMAS E CONFLITOS DE UM GAROTO DE PROGRAMA

Nessa noite conheci Abduzido que, aos quatorze, iniciara a vida como garoto de programa. Por ter trejeitos para falar era questionado por alguns garotos que fazem programa quanto à sua orientação sexual. Ele entendia, porém, que os gestos das pessoas, a forma de falar, não revelavam sua real virilidade.

Segundo GOMES (2008), podemos dizer que com esse discurso e maneira de comportar-se, ele rompia com as clássicas regras sociais de como o corpo deve se expressar, comportar e agir para ser identificado como masculino.

Falou sobre uma história de violência que passara há quatro meses e seu receio de voltar a trabalhar na “Marechal”. Ele estava junto com outro garoto de programa quando parou um carro com quatro homens. Um deles saiu rapidamente com uma arma na mão e gritou para Abduzido colocar as mãos para cima.

Ele pensou que fossem policiais e, rapidamente, levantou as mãos e virou-se para a revista. Levou uma coronhada na altura do ombro e pescoço. Sentiu uma tremenda dor, mas não desmaiou. Foi quando olhou para seu colega que estava do outro lado fazendo gestos para ele correr. Saiu correndo, abaixando-se e olhando para trás tentando desviar do tiro que veio logo em seguida.

A polícia encontrou os marginais e os prendeu. Abduzido perguntou para aos tiras se eram *skinheads* e eles disseram:

- Não, eram bandidos mesmos, bandidos a fim de matar, de “zuar” com garotos de programa.

Segundo ele, compreendeu o episódio da violência como um sinal da mão de Deus em sua vida para protegê-lo e mostrar que ele não devia ficar

com aquilo que não era seu, pois havia “ficado” com o celular de outra pessoa.

Em um determinado momento, Abuzido convidou-me para tomarmos uma cerveja. Não senti medo e avaliei o convite como uma situação diferente das já vividas por mim no campo. Fomos a um bar nas imediações.

No bar fez perguntas sobre o meu cotidiano, respondi com tranquilidade. Estava vivenciando, como pesquisadora, uma relação que o informante buscava posicionar-se na relação de poder em situação de igualdade comigo.

Afirmou ser um homem bissexual, totalmente ativo, gostava mais de rapazes, mas também gostava de mulheres, segundo ele, com o tempo aprendeu a se relacionar com pessoas.

Dependendo da situação se relacionava com homem, com *gay*, com mulher e até se relacionaria com travesti e hermafrodita que, segundo sua concepção, seria a fusão do masculino e feminino na mesma pessoa.

Pela expressão “até se relacionaria com travesti e hermafrodita”, evidencia-se uma escala de preferências, gostos, atrações e distanciamentos. Diria parecer uma pirâmide de hierarquias dos comportamentos sexuais considerados normais e anormais, como a descrita por RUBIN (1989).

Sua naturalidade em se relacionar afetivo-sexualmente com pessoas de sexos distintos me fez lembrar as experiências gregas em relação às suas sexualidades. Eles se permitiam desejar, manifestar o desejo e realizar-se prazerosamente com os dois sexos. Não havia nessas práticas sexuais um reconhecimento da bissexualidade, apenas vivenciavam tais prazeres (FOUCAULT, 1984).

Voltamos à conversa para sua família e ele disse que já tinha ganhado dinheiro para ter dois apartamentos, ter feito muitas viagens, comprado carros zero, porém segundo ele:

- Dinheiro que entra fácil, vai embora fácil.

Falou que perdeu muito dinheiro com o uso de drogas, “baladas” (festas, casas noturnas) e que nunca soube poupar, sempre gastou compulsivamente tudo o que ganhou, por isso, hoje morava com sua mãe.

Histórias como a dele, do Tande e do Thiago demonstram que no imaginário dos garotos de programa o mercado erótico homossexual e a vida de *gay*s estão associados ao *glamour* e à sofisticação.

Interpretam o acesso a prostituição masculina como uma forma mais fácil de conseguirem vivenciar esses prazeres, como narra Thiago:

> T – Eu tenho espírito de rico, eu quero vida boa, quero vida boa, batalho pra ter uma vida boa, se aparecer um cara agora não sei o que, não sei o que, eu quero te bancar...
> C - Você aceita?
> T – Lógico, quero vida boa, quero vida boa. (Entrevista com Thiago)

Todos da família de Abduzido sabiam que ele trabalhava como garoto de programa e que era usuário de drogas, o que sempre gerou conflitos com eles que o consideravam “prostituto, drogado e que não tinha vergonha”.

Compreensível então a posição de vários garotos que não revelam para suas famílias que atuam como garotos que fazem programa para evitar julgamentos, críticas e constrangimentos.

Thiago narra que somente após seis anos de sua revelação seu pai resolvera se reaproximar e dirigir-lhe a palavra:

> Aí liguei pra minha mãe, fui pro Paraná, voltei pro Paraná novamente, aí nisso assim, eu liguei, meu pai atendeu, meu pai atendeu me dizendo que tava com muita saudades de mim e que tinha se arrependido de ter dito que eu era filho do diabo, que eu era filho do demônio, aí eu voltei pra lá, fiquei um tempo. (Entrevista com Thiago)

Conteúdos de conversas que já vimos em casos de outros garotos surgindo novamente por meio de Abduzido e acrescidos da informação de Ricardo que, em comum, procedem de famílias religiosas:

> R – Vixi! Eu tava ferrado, eu ser discriminado pela minha família...
> C - Discriminado?
> R - Tipo assim né, pai e mãe não gosta que o filho faz isso, né?!.
> C – O que acha que eles iriam pensar a seu respeito?
> R - Do jeito que meu pai é, sei lá, um monte de coisa, meu pai é evangélico e minha mãe também.
> C - Você acha que eles iam te julgar?
> R – Orra! Com certeza.

Abduzido disse que isso o incomodava, pois se sentia como um peso, um incômodo para sua família, mas ele ainda não havia conseguido vencer o “mal”.

Destacam-se como redes sociais discursivas a família, a Igreja, a religião, a escola, as relações sociais mais próximas, os responsáveis pela manutenção e reprodução de discursos e ações. Havia um conflito entre seus desejos, formas de viver e os princípios morais da instituição religiosa, que de acordo com OKSALA (2011), juntamente com a família e a escola, são instituições normatizadoras atuando por meio de dispositivos de controle na lógica da microfísica do poder.

Diante de suas narrativas a respeito dos conflitos familiares, afetivos e discursos moralistas, fiquei imaginando as possíveis consequências na saúde mental individual de quem passa por esse processo.

Encontramos essa rede social de “cobranças” e possíveis sofrimentos psíquicos em Thiago:

> C - Você acha que no dia a dia termina fazendo algum mal pra tua cabeça, para o teu estado emocional. Isso mexe um pouco ou não?
> T - Mexe comigo, mexe porque eu não nasci assim, eu nasci um homem, tanto que eu sou católico, leio a Bíblia, eu tenho uma Bíblia comigo e na Bíblia fala assim: que o homem nasceu pra mulher, a mulher nasceu pro homem, relações entre pessoas do mesmo sexo é proibido, então isso mexe muito, eu acho que eu vou pro inferno.
> C - Você estaria transgredindo então?
> T – Se isso é pecado, tá, ali eu vou pro inferno, mas eu vou por uma causa justa. (Entrevista com Thiago)

Os conflitos de Abduzido eram inúmeros e notoriamente percebia-se seu comprometimento com o uso de drogas e um possível sofrimento psíquico na ausência delas. Narrou várias vezes conflitos espirituais desencadeados pela questão da sua sexualidade e afirmou que ser garoto de programa parecia ser uma "maldição".

Abduzido acreditava que se ele continuasse nessa vida poderia passar a "maldição" para o filho, caso viesse a ter um. Acreditava que se conseguisse mudar de vida, casar com mulher, poderia se livrar da "maldição" e aí não correria o risco de passá-la para a criança.

Na crença religiosa e no imaginário coletivo o castigo divino pode atingir várias gerações: "(...) sou o Senhor teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem (...)" (Êxodos, 20:5)[32].

Certa hora, quando falamos sobre as rivalidades entre prostitutas e travestis por seus territórios, disse que às vezes acontecia entre os garotos, mas que era raro, até porque segundo sua compreensão:

- Homens gostam de ficar entre homens, Clara. O homem gosta do homem, gosta de conversar e estar entre homens. Homem não gosta muito de ficar com mulher, é mais conflituoso, por exemplo, se há um conflito entre homens logo é falado, verbalizado, discutido e depois todo mundo fica de boa. Já se eu estou com minha mulher e tenho uma discussão com ela, para nos acertarmos demora mais, é mais difícil. O homem pode não admitir, mas ele sente mais prazer estando entre homens, você pode observar.

Ele estava falando sobre as possibilidades de aprendizado e construção do masculino nesses momentos entre homens.

É justamente nesses espaços dos grupos sociais ou encontros masculinos que se dá o compartilhamento "do atributo coletivo masculinidade".

---

[32] http://www.montesiao.pro.br/estudos/libertacao/visao_maldicao.html. Acesso em 20/11/11.

Esses espaços garantem a construção, internalização e projeção da imagem masculina sem colocar em dúvida questões individuais do que venha a ser o masculino.

Nesse sentido, geralmente

> "(...) os homens passam grande parte do seu tempo tentando provar, garantir e assegurar de que são HOMENS (grifo do autor), dignos de ocupar o lugar privilegiado que lhes foi destinado. Neste sentido, a cumplicidade grupal é determinante." (VILELA, 2001:133).

No caminho à Marechal sugeriu que eu falasse sempre em ter namorado ou esposo, a presença masculina era fundamental para proteger-me e recomendou cuidado ao aproximar-me de algum rapaz.

Lembrei das orientações de Charmoso, sendo inevitável pensar novamente nas relações de gênero em seus cotidianos, sendo que até no imaginário a presença masculina poderia garantir proteção à minha pessoa.

5.11 RELATOS SOBRE VIOLÊNCIAS E MASCULINIDADES NA "MARECHAL": TIÃO GAVIÃO, O PERIGOSO E TRABALHADOR BRAÇAL, O OCASIONAL

Tião Gavião, assim como Folgado, seria próximo do que PERLONGHER(1987) descreveu como michê-malandro.

Ele falou que, segundo outros garotos, Olhos Sedutores havia apanhado de alguns rapazes ali na rua e depois disso desaparecera.

Aproveitei esse relato e perguntei se ele já havia sofrido violência ou assalto ali na Marechal.

Respondeu que já tinha sido assaltado duas vezes por alguns rapazes (em turma), com faca e pedaços de pau na mão. Mas nunca bateram nele porque senão ele pegaria pedras ou garrafas. Tião Gavião respondeu demonstrando valentia e confirmando sua fama de agressivo.

Esses fatos chamaram a atenção para o masculino “ferido”; para um garoto de programa há duas coisas que o desqualificam perante os demais: descobrirem que ele foi “passivo” e apanhar na rua.

A diferença entre essas duas situações consiste em que ser “passivo” pertence ao privado, isto é, ou o garoto assume para os demais ou o cliente informa para os outros sobre sua *performance* sexual. Em oposição, apanhar na rua pertence ao público e não há como negar o fato.

Apanhar na rua é uma situação tão difícil de ser suportada que alguns acabam sumindo ou ausentando-se por um longo período, como podemos ver na situação de Olhos Sedutores e na do outro rapaz narrada por Relativo 1.

Segundo GASPAR (1994), as prostitutas costumavam desmoralizar a colega de trabalho denunciando quando uma delas era infectada por alguma doença sexualmente transmissível.

Já entre garotos de programa há a exposição de quem foi agredido, colocando-o numa situação de inferioridade, uma vez que não conseguira defender sua honra masculina.

Tião Gavião falou que era totalmente “ativo” e que não beijava, porém, com o desenrolar da conversa revelou que já havia beijado alguns clientes.

A garantia da perpetuação do masculino passa por uma vigilância de suas práticas sexuais e por uma normatização de seus corpos, ditando-se até as áreas que podem ou não ser tocadas.

GOMES (2008) lembra a esquiva dos homens ao tentarem tocar-lhes as nádegas, mesmo que isso possa lhes dar prazer, afinal nádegas representam e identificam o feminino.

O medo de ser associado ao feminino torna-se um fantasma para alguns homens a ponto de negarem constantemente qualquer aproximação

com regiões que automaticamente os remeteriam a identificação com o feminino.

Como vemos com Thiago:

> T – Todos, todos os caras queriam me comer, por isso eu prefiro morar na rua, aí é o limite, eu tô sendo sincero, eu só como, não dou, não chupo, só como, te como até você bambear as pernas, dar sem chance, isso é uma questão de honra minha.
> C - De honra enquanto homem?
> T – Honra, honra, honra, isso é uma questão de honra pra mim, questão de honra, sou comedor, como mesmo, mais dar não dou não, não tem dinheiro no mundo que compre... um milhão, dois milhão, nada compra. (Entrevista com Thiago)

Quando Tião Gavião foi embora, fiquei encostada no carro observando o movimento na "Marechal". Aproximou-se um rapaz que chamarei de Trabalhador Braçal e perguntou se eu estava passeando por ali.

Rapidamente informei que era psicóloga e que estava fazendo uma pesquisa de campo. Perguntei se ele era garoto de programa e respondeu que sim.

Falou que trabalhava como trabalhador braçal durante o dia e se identificava como homem e não como *gay*.

Ele já tinha tido informações que ali era local de rapazes que faziam programa e certa vez resolveu passar por ali no intuito de conseguir algum trabalho.

– Preciso de um complemento, falou Trabalhador Braçal.

Não se importava de fazer "passivo", aliás, já fizera "passivo" fora dali e tinha gostado. Perguntei se ele tinha tido prazer. Respondeu:

- Eu tive a noite toda, não sei se o outro também teve (referindo-se ao rapaz que tinha sido ativo com ele).

A revelação sobre a vivência de ser "passivo" e ter tido prazer, me levou a refletir sobre se um dos fatos, além do complemento financeiro

citado por ele, não seria a possibilidade de vivenciar sua sexualidade, principalmente na esfera da prática sexual como “passivo” ou com homens.

Até porque, segundo ele, ficara casado apenas um ano. Tratava-se de um trabalhador braçal, com trejeitos totalmente masculinos, logo, assumir-se como “passivo” em seu cotidiano familiar, social e de trabalho era algo bem difícil.

Relatou ter tido dois contatos bem agressivos com a polícia. Também disse que nesse um mês e meio que estava frequentando a “Marechal”, não havia sido assaltado.

A “Marechal” estava um pouco sinistra naquela noite e resolvi ir embora. Fui pensando sobre aquela cena na qual Tião Gavião havia começado a andar quando avistara a viatura policial, parecia ser um jogo, um teatro envolvendo ambas as partes, como se brincassem de gato e rato ou de esconde-esconde.

Esse jogo não é algo típico da “Marechal”, pois a presença da polícia, sua forma ostensiva de atuar, a cena de dispersão e, posteriormente, a reconstrução da presença de garotos de programa é um fato que também ocorria em São Paulo, segundo PERLONGHER (1987).

Pelo que notamos, esses jogos entre garotos de programa e polícia seriam dispositivos de controle como forma de reduzir a frequência ou o tempo de permanência na rua, afinal “o castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios” (FOUCAULT, 1977:160).

5.12 A HOMOSSEXUALIDADE TRAVESTIDA COMO GAROTO DE PROGRAMA: A HISTÓRIA DE UM CAMALEÃO

Reencontrei Peter Pan e a primeira coisa que me chamou a atenção foi a maneira como estava vestido: bermuda *jeans*, camiseta, chinelos e os pés sujos, muito sujos.

A maior clientela que circula no mercado erótico em que garotos de programa estão inseridos é o público *gay*/masculino.

Trata-se então, segundo SIMÕES (2004) e ANTUNES (2005), de um mercado sexual hierarquizado por critérios de juventude, beleza, frescor, preocupações com o visual, com o corpo e outros quesitos que aparentem aproximações com classes sociais econômicas mais privilegiadas.

Os cuidados com a aparência e higiene apresentados por Peter Pan e Sebastião eram contrários ao imaginário sobre garotos de programa e seus cuidados com o corpo.

Esse jogo de mostrar-se para o cliente ora como o “mocinho” bem cuidado e que precisa de ajuda e ora como garoto desleixado, “moleque maroto” ou homem mais rude, configura cenários distintos de sedução, tesão e prazer. Outro cenário que atende a fantasias e desejos de clientes é aquele no qual se mostram “suados”, “sujos” e “mal-arrumados”.

Inúmeras são as formas de prazer, entretanto, grande parte delas são condenadas socialmente, consideradas impuras, sujas e até mesmo pecaminosas.

Conversamos sobre suas práticas sexuais (ele era *flex*), suas experiências homossexuais anteriores, a atuação como garoto de programa, e o uso de drogas. Depois Peter Pan resolveu se despedir e ir trabalhar na parte mais escura da Marechal.

Fiquei sozinha e, andando pela “Marechal”, avistei um garoto que imaginei que fizesse programa. Ele usava camiseta, calça social clara e sapatos.

Quando me aproximei para conversar, logo falou que me conhecia e perguntou se eu continuava fazendo a pesquisa. Como não o reconheci, perguntei quando havíamos nos conhecido.

Então, lembrou a noite em que estávamos em roda conversando com Charmoso, Loiro Fatal e Olhos Sedutores (30/04/2010) e ele estava bem próximo com uma mochila nas costas. Camaleão estava bem mais magro, me pareceu abatido, irreconhecível, pensei até que estivesse doente, todavia não toquei nesse assunto.

Lembro-me que naquela roda ele se apresentara como garoto de programa, assim passei a perguntar sobre como estava o movimento para os garotos na “Marechal”, quando fui surpreendida com sua resposta dizendo que não era garoto de programa.

Questionei sua resposta, então disse:

- Não sou garoto de programa, pareço, mas não sou, não gosto de sair com as pessoas por dinheiro, como tenho problemas em casa porque minha situação não é definida sexualmente, venho aqui para sair com os rapazes, com homens, já que em casa não posso viver minha vida.

Se fôssemos descrever a homossexualidade numa escala de rejeição de forma semelhante ao que propõe a pirâmide de hierarquias sexuais apresentada por RUBIN (1989), entenderíamos que a aceitabilidade de contravenções sociais, como assaltos, tráficos, etc., é muito maior do que a homossexualidade, como já vimos na relação entre Sebastião e sua esposa.

Como a postura de Camaleão era mais masculinizada, sua *performance* possibilitava que muitos o identificassem como garoto de programa e, para evitar a hostilidade dos demais garotos, ele mesmo procurava apresentar-se como tal.

Enfatizou várias vezes que era “passivo” e quando os clientes queriam que ele fosse “ativo”, estrategicamente fazia várias perguntas, colocava vários empecilhos e por fim não saía com eles.

– O meu negócio é ser passivo, entende? Se o cara vier com assunto para eu ser ativo, não tem jeito... Vou sempre dando um jeito, inventando situações em que ele acaba indo embora, assim dá a impressão, para os outros garotos, que o programa não deu certo.

Falou que os garotos de programa hostilizavam as pessoas que iam ali para "caçar", aliás havia uma divisão na rua e aquele trecho em que estávamos (a parte mais escura) era o lugar onde o pessoal ia para "caçar".

Considerando suas hierarquias sexuais, podemos dizer que a maior aversão dos que se intitulam como "verdadeiros garotos de programa" refere-se aos "passivos", que vão somente para "caçar", que "dão" (são penetrados na relação sexual) por luxo e não cobram.

Como é possível ver na indignação de Thiago:

> C - Mas por que que você não troca ideias com os passivos?
> T - Não é preconceito.
> C – É o quê?
> G - Porque eles, na maioria saem por luxo, eles gostam de dar.
> C - Eles não cobram?
> T - Não, não cobram na maioria das vezes, tipo assim, de cem por cento, noventa e sete não cobra e é nisso que atrapalham a gente. (Entrevista com Thiago)

Sobre drogas, Camaleão disse:

- Não tenho vício algum, não curto drogas. O meu único vício é homem, disso eu gosto mesmo e não adianta, não consigo ficar sem vir aqui, aqui encontro homem.

Sua afirmação também nos remete a outras reflexões, revelando a influência do modelo biomédico e psiquiátrico que tanto perdurou com a tese da homossexualidade como perversão, como doença, e na fala de Camaleão traduzida como "vício"[33].

A Medicina postula que todo comportamento sexual seria naturalmente desenvolvido, isto é, nasceu com pênis a pessoa naturalmente

[33] Nesse contexto a palavra vício está relacionada à doença.

deveria sentir desejo sexual por mulher e comportar-se de forma heterossexual.

Concordando com KULICK (2008), a sexualidade precisa ser estudada, compreendida e socializada, não apenas como determinada pelo sexo biológico.

Segundo HEILBORN (1999) e ANTUNES (2005), a homossexualidade e a heterossexualidade são formas e possibilidades de que sentimentos e desejos se manifestem e sejam vivenciados.

Continuando o diálogo, Camaleão disse que muitos pediam “boquete” e que muitas vezes acabava fazendo sexo oral sem camisinha:

- Eu sei que estou errado, né? Mas acontece é que aquele gosto de borracha é horrível, aliás, eu prefiro é ser passivo logo, mas a maioria tem a mania de pedir boquete, boquete, boquete (falando de forma hostil em relação ao sexo oral, pois ele não gostava muito dessa forma de prática sexual).

Quanto à penetração, costumava usar sempre preservativo. A única vez que não usou foi infectado por sífilis e teve de fazer tratamento com penicilina.

– Você sabe, né? Você trata a sífilis, ela recua, mas fica sempre dentro de você e vira e mexe aparece alguma coisa. Quando tive me deu a maior alergia, fiquei cheio de manchas, vermelhidão, tive que tomar penicilina durante umas quatro semanas. Assim como foi sífilis poderia ter sido HIV, né? Mas aquele cara era lindo, super gostoso, não tinha jeito não, nem pensar em usar “camisinha” com ele, era mara (maravilhoso), o cara era demais (justificando o motivo pelo qual não usara “camisinha”).

Informações, propagandas e ações de prevenção auxiliam, mas não garantem que esses garotos se previnam. Com base em FOUCAULT (1979), podemos dizer que essas ações de controle e adestramento social ratificam relações de poder, onde um sabe e impõe conhecimentos e o outro pode aceitar ou rejeitar.

O prazer ao fazer sexo oral sem preservativo, mesmo diante de riscos de infecções, não é uma experiência restrita a vivência de Camaleão. Como

lembra RIOS (2005), a sexualidade e comportamentos pertinentes a dimensão do erótico estão além da ordem médica e de normas hegemônicas da sexualidade.

Havíamos sido interrompidos por um rapaz que havia brigado com uma travesti e Camaleão ficou incomodado com sua presença e a forma pela qual nos abordou. Propôs então andarmos pela Marechal e, assim, nos despedimos.

5.13 DISCURSOS VELADOS SOBRE O PRAZER E DEMARCAÇÕES SIMBÓLICAS DO CORPO COMO PRESERVAÇÃO DA IMAGEM DO MASCULINO

Gabriel vestia *jeans*, jaqueta e durante o dia trabalhava em uma firma de prestação de serviços. Frequentava a “Marechal” uma vez ou outra em busca de um complemento financeiro.

– Tenho que pagar a pensão dos filhos, né?!

A forma enfática de justificar sua presença naquele território costuma ocorrer geralmente com aqueles que se identificam como homens, heterossexuais e totalmente “ativos”.

Da mesma forma que para a mulher a gestação é a consagração do seu feminino, para o homem ter filho - na maioria das vezes - é a afirmação do masculino.

OLIVEIRA (2003) afirma que a experiência da paternidade também reforça o masculino, dando-lhe outro *status*, afinal “homens têm que fecundar”.

Para JARDIM (2001), esse reconhecimento social do masculino como homem e pai exacerba-se quando esse pai demonstra ou prova a capacidade de prover seus filhos.

No nosso estudo, podemos compreender essa exacerbação do homem, pai e de sua capacidade de prover seus filhos quando, para isso, tenha de se prostituir e violar seu masculino relacionando-se com *gays*.

Falou que já tinha ido trabalhar na Lapa, que conhecia o centro de São Paulo (Arouche) e que alguns amigos já o convidaram para trabalhar em sauna.

Quanto à Lapa, respondeu que era um local interessante de ir, mas era longe e quanto à sauna falou que já havia passado na frente de algumas, porém não entrara em virtude de considerar desconfortável a ideia de ter de ficar "pelado" (nú):

- Tem que chegar lá, ficar pelado, todo mundo olhando, passando a mão, isso é estranho, sei lá, não gosto não, ter que ficar pelado.

Depois, acrescentou:

- Aí tem os caras que só vão lá só pra se divertir e não saem com os garotos, passam a mão, tocam e pegam, mas não saem, eu não gosto disso não, servir só pros outros se divertir.

Para alguns, trabalhar na rua mesmo com todos os riscos é uma forma de garantir não somente a não exposição do corpo, como também a garantia da não invasão desse corpo, diferentemente do que ocorre na sauna.

Ao justificar sua recusa de trabalhar na sauna, ele também levantava conflitos no que tange a afirmação do seu masculino, afinal nessas saunas é possível que homens se toquem.

Não tocar o corpo de outro homem e nem permitir que seja tocado é, segundo GOMES (2008), uma regra essencial na afirmação masculina.

Quando eu perguntei sobre sua atuação e prática sexual junto aos clientes:

- Sou homem, sou totalmente "ativo"

Foi categórico e disse que não fazia sexo oral nos clientes, não beijava, não abraçava:

- Só “como”, eu sou homem.

Admitir beijo entre eles e clientes é algo totalmente fora de cogitação, apresentam um discurso normativo totalmente heterossexual e machista.

Negam veementemente o prazer e justificam novamente tal prática pela oferta financeira mais privilegiada, como já havia informado Tião Gavião, Robin e outros. Em seus discursos, entendemos que o prazer é o indicador para analisarmos as hierarquias das zonas erógenas e seus respectivos graus de ameaça ao masculino.

No ânus está localizada a garantia da preservação do masculino, nele não é possível sentir prazer, somente mulheres e *gays* sentem prazer no ânus.

Pelo pênis, dependendo do “papo” ou se o cliente for bem afeminado, é possível sentir prazer, geralmente um prazer mais para o “bofe” (o que está sendo “ativo”) do que para o cliente, como lembra NETO (2010).

A boca está associada ao desejo, podem até beijar o cliente, dar um selinho para agradá-lo, mas em momento algum afirmam que sentiram o desejo de beijar. Desejo de beijar somente quando a relação é com a mulher.

Falas repetidas afirmando ser homem que só “come” estão associadas à negação da homossexualidade. Afinal, eu não costumava perguntar se eles eram *gays*, eu perguntava o que eles costumavam fazer em suas práticas sexuais com os clientes e nas respostas vinha a afirmação de que eram homens, só “comiam” e não sentiam prazer.

Paradoxalmente, esses garotos vivenciam experiências homossexuais além desse contexto. Revelou que certa vez, a convite de amigos, fora em uma balada *gay*:

– Ah, lá na balada (festa, clube, boate) sabe como é, né? Eu peguei sim, peguei uns *gays*, travestis, mas foi só naquela balada.

Essa narrativa se aproxima da pesquisa de OLIVEIRA (2009) que descreve circuitos LGBTs na periferia do Rio de Janeiro, no qual o homem

ativo, heterossexual, com perfil de “macho”, usufrui de várias formas de regalias com pessoas do mesmo sexo.

Nesses contextos de baladas, suas virilidades não são postas à prova e suas experiências com pessoas do mesmo sexo biológico são justificadas em virtude do critério que passa por uma hierarquia de *performance* feminina.

Essa hierarquia significa que ao ter relação sexual em “baladas GLS” (casas noturnas direcionadas para gays, lésbicas e simpatizantes), deve-se ter como critério escolher primeiramente pessoas que mais se aproximem do feminino, iniciando-se pelas travestis, depois os *gay*s afeminados.

Nessas festas justifica-se o contato com *gays* considerando outro critério, o da virilidade e masculinidade, afinal, homem precisa “comer”.

> R - Mas só com mulher também, porque com homem sem chance...
> C - E com os *gay*s afeminados, você sente prazer?
> R - De vez em quando aparecem uns *gay*s com bundinha que parece de mulher, nós vamos, mas é difícil, de vez em quando.
> C – Então, com esses *gay*zinhos afeminados, que têm uma bundinha mais “pam”, aí pode acontecer de ter prazer?
> R- É, pode sim.
> C - É porque estariam associados a uma figura feminina?
> R - É, exatamente. (Entrevista com Ricardo)

Mesmo não se identificando como *gay*, muitas vezes suas práticas sociais são assim interpretadas. Nesse aspecto, trouxe novamente situações de homofobia em seu cotidiano por parte de grupos locais. Certa vez alguns “noias” tentaram assaltá-lo, mas ele conseguiu “trocar um lero” (conversar, negociar) e não foi assaltado.

- Aí esses “noias” chegaram falando: “Aí, você sai com viado, meu? Então vai passando o dinheiro, cara!”.

- Aí eu falei que não tinha nada a ver, cada um fazia sua correria como dava, cada um batalhava pelo seu de uma forma e que eu não tava

atrapalhando ninguém saindo com “viado”, que eu era homem e só tava garantindo o meu complemento e o de meus filhos. Troquei a maior ideia e aí eles não me assaltaram.

“Trocar idéias” (dialogar, entrar em acordo) com os “noias” e não ser assaltado: o conteúdo da conversa está sempre permeado pela afirmação da identidade masculina, do ser homem, “ativo”, que precisa ajudar a família, prover os filhos, e pela negação do prazer na relação sexual com homens.

Ter filhos e precisar sustentá-los parece ser uma categoria padrão entre os garotos de programa e sinaliza para algumas afirmações pessoais com vários sentidos: justificar a própria situação, garantir a preservação do masculino, negar o prazer e esquivar-se de assaltos.

5.14 A “MARECHAL” COMO ESPAÇO DE TRANSGRESSÕES, PRAZERES E NEGÓCIOS

Reencontrei Peter Pan, estava diferente se comparado da última vez, havia tomado banho, o cabelo estava bem penteado com gel, roupas limpas, usava calça *jeans* e tênis.

Conversamos sobre assaltos e violências. Tentaram assaltá-lo, mas ele tinha resolvido a situação “trocando ideia” e deixando claro que se o assaltasse ele os mataria, chamaria seu tio que era envolvido com o tráfico.

Assim, relatou que da última vez dois caras foram assaltá-lo e ele disse:

- Vê bem, vocês querem me assaltar manos, eu tô aqui trabalhando, ganhando a vida, cada um se vira como pode, se me assaltar eu vou no inferno e mato vocês, meu tio é “X” e se eu ligar pra ele, ele vem aqui com

tudo atrás de vocês. Diante desse enfrentamento, os rapazes desistiram de roubá-lo.

Para melhor entendermos essa forma de defender-se e afirmar seu masculino, trago as contribuições de JARDIM (2001) a respeito das maneiras como homens aprendem a impor-se perante os demais.

Segundo JARDIM (2001) é justamente usando seu corpo, impondo-se no olhar para intimidar um malandro (nesse caso, um “noia”), saber identificar e esquivar-se de um cliente com más intenções, safar-se de assaltos e de outras situações de risco, é que se possibilita a vivência dessas experiências performáticas masculinas.

Ao solicitar seu número de celular para que pudéssemos conversar fora daquele contexto, para minha surpresa, disse:

- Meu filho quebrou meu celular brincando com meu sobrinho.

Então, perguntei:

- Você tem filho?

– Tenho, pequeninho. Estava brincando com meu sobrinho de quatro anos e aí bateu meu celular e quebrou.

Conversamos sobre sua paternidade, condições econômicas e situações familiares envolvendo seus pais, seu filho e a mãe de seu filho. Depois, Peter Pan retirou-se e foi atuar em outro pedaço da Marechal, na parte mais escura.

Fiquei observando o movimento da avenida por alguns minutos, em seguida entrei no carro e fui até o seu fim.

Lá, enquanto observava de dentro do carro, parou um veículo e o motorista (que chamarei de Caminhoneiro) me abordou pensando que eu fosse profissional do sexo. Apresentei-me como psicóloga e pesquisadora. Aproveitei e perguntei se ele se importaria de nós conversarmos um pouco, ele se prontificou.

Perguntei o que ele estava fazendo ali, então disse que às vezes ia ali e encontrava algumas mulheres que estavam em busca de “brincadeiras”, de sexo.

Questionei:

- Mas aqui é rua de garotos de programa e a maioria são *gays* que frequentam em busca de “transas” entre eles ou com os garotos.

Respondeu:

– Mas vem mulheres também, já encontrei algumas aqui.

– Mulheres aqui? Não sabia.

– É, mulheres, já encontrei aqui. Já saí com mulheres aqui, aqui vem mulheres, travestis...

Não existe um consenso sobre a confirmação sobre a presença de mulheres em busca de programas ou “caça”, entretanto, aqueles que afirmam sobre já terem encontrado mulheres na “Marechal”, sempre são categóricos.

Inclusive, Ricardo expõe que já teve uma namorada que o conhecera justamente trabalhando ali na Marechal, que ela havia ido ali em busca de programa e eles se envolveram.

> C - Ela era prostituta?
> R – Não, ela passou, aí eu fiz programa com ela e comecei a pegar ela, aí começamos a namorar. Quis fazer essa experiência, eu falei “vamos aí”. (Entrevista com Ricardo)

Mesmo diante da história de Ricardo, fiquei pensando sobre a presença de mulheres na procura de programas. Concordo com PERLONGHER (1987), quando afirma que os relatos sobre mulheres seriam formas de evocarem a heterossexualidade e, consequentemente, garantirem o masculino.

Nessa narrativa sobre suas aventuras, Caminhoneiro revelou que também já saíra com travestis e *gays*, e que costumava “caçar” mulheres em Carapicuíba. Era casado e aproveitava suas vindas, a negócio, para São Paulo para essas aventuras sexuais.

Quando exploramos o assunto de ele já ter “transado” com travestis e *gays*, rapidamente afirmou que sempre fizera o papel de “homem”, que ele era “ativo”. Para alguns homossexuais, a necessidade de afirmar que é

somente “ativo” funciona como uma forma de resgatarem suas masculinidades (ANTUNES, 2005).

Nesse sentido, afirmar que é somente “ativo” entre heterossexuais que esporadicamente se aventuram com *gays* e travestis é uma forma não de resgatar o masculino, mas de não permitir que ele lhes escape.

Já no início da próxima visita ao campo, diante da esquiva de um garoto que estava na “Marechal”, lembrei que alguns autores da Psicologia colaboram com seus estudos explorando as inúmeras manifestações do corpo. O corpo desses garotos, dos clientes, daqueles que vão “caçar” também falam, até os carros falam na “Marechal” (faróis, setas, etc.) e, nessa situação, entendi que ele não queria aproximação.

No final da rua, vi que um rapaz estava na esquina, bem próximo ao farol e fui em sua direção. Dessa vez a receptividade foi bem melhor, me apresentei e perguntei se ele era garoto de programa, respondeu que não.

Costumava passar por ali para se divertir um pouco. Perguntei se clientes não o confundia com garoto de programa e ele disse que sim, porém assim que indagado se cobrava pelo programa, ele respondeu que não era garoto de programa.

Assim, garotos que fazem programa e “caçadores que andavam a pé” muitas vezes se confundiam e a certeza sobre se estavam trabalhando ou “caçando” ficava a cargo da dedução.

Após conversarmos, agradeci e retornei para ficar próxima ao carro. Estava em pé, quando passou um homem alto, moreno, 35 anos aproximadamente, com uma sacola na mão e um cigarro (que depois vi que era de palha). O chamarei de Garoto de Programa Esporádico.

Passou por mim e disse:

- Oi garota, trabalhando um pouco? Ele pensara que eu estava fazendo programa.

Eu o cumprimentei e perguntei se ele estava passeando por ali, então parou para conversarmos.

Aproveitei para apresentar-me e tirar aquela impressão de que eu estava ali me prostituindo. Disse que era psicóloga, que estava fazendo

pesquisa sobre espaços sociais em que havia garotos de programa e onde alguns *gays* poderiam ir para realizar fantasias sexuais, etc.

Mostrou-se interessado e começamos a conversar. Disse que era separado, fazia “bico”, morava próximo e costumava passar por ali com frequência.

Nesse sentido, naturalmente descobriu a “Marechal”, foi observando o ambiente, como ele “fazia de tudo”, isto é, “transava” com mulher, travesti, *gay*, achou interessante ir ali de vez em quando.

Assumir que “fazia de tudo”, não o fazia identificar-se como homossexual, pelo contrário, havia afirmado sua heterossexualidade.

Alguns autores, como ANTUNES (2005), discutem a diferença entre identidade sexual e desejo, entendem que o desejo pelo mesmo sexo ou desejo em ter relação sexual com pessoas do mesmo sexo não são condições “*sine qua non*” para uma identificação homossexual.

Falou que já tinha visto mulheres naquele espaço e quando as encontrava, costumava “transar” com elas. Deparava-me novamente com a figura lendária da mulher, afinal, eles afirmavam sua presença, entretanto, em nenhuma visita eu tivera a oportunidade de confirmar a informação.

Falou que não saía com garotos de programa, somente com os *gays* que iam “caçar”, pois não pagava para “transar”.

Perguntou onde eu morava, disse que no Butantã, aliás, essa pergunta sobre onde eu morava geralmente acontecia e a única explicação que havia conseguido até o momento foi por meio da pesquisa de ANDRADE (2001), realizada com prostitutas, a respeito da tentativa de enquadrá-lo na representação de seus cotidianos.

Nesse caso, a tentativa de enquadre passava pela verificação da localização de minha moradia, da distância da “Marechal” e do conhecimento que eu tinha sobre o território.

Descobri que quando ele saía com aqueles que frequentavam o local de carro, ele cobrava.

- Faço o mesmo que os outros, aceito o dinheiro para transar. Informou em um determinado momento.

– Ah, então você também cobra para transar?

– Claro, tenho de seguir o padrão dos outros.

Falou que não beijava o cliente e fora dali não transava com *gays*, só com mulheres e que as mulheres ele beijava.

Mais uma vez havia me deparado com reflexões a respeito de masculinidades e de gênero.

Entendi que ele não se assumia como garoto de programa, todavia, assim como outros que eu já havia entrevistado, ele tirava proveito dessas aventuras sexuais para complementar sua renda.

Nas classificações de VIANA (2010), ele podia ser interpretado como um garoto de programa esporádico.

Depois, propus que voltássemos para o fim da “Marechal” onde nos conhecêramos. Ele preferiu se despedir e ir no sentido contrário.

Próximo de onde estava estacionado meu carro havia um rapaz que estava conversando com outro que estava dentro de um automóvel. Atrás deles havia outro carro parado.

Cumprimentei-o e perguntei se ele não quisera sair com o homem do carro e ele disse que não. Indaguei se ele ia sempre ali e se era garoto de programa. Respondeu que não fazia programa e que costumava ir ali quando possível, então me apresentei como psicóloga.

Estava tocando o pênis sob a calça, que estava ereto. Ele estava um pouco agitado, em busca de parceiro. Seu olhar não se fixava na nossa conversava, ao contrário, sempre em busca de algum carro quando se aproximava.

Morava próximo e costumava ir ali para “caçar”. Perguntei se não era confundido com garoto de programa pelos motoristas dos carros, disse que sim, mas ele esclarecia que não era e que praticava relação sexual sem cobrar.

Senti que o diálogo era truncado e que havia pouco espaço para aprofundarmos a conversa, assim agradeci pela atenção e me afastei.

Ele estava com uma mochila nas costas. Lembrei que o primeiro rapaz que havia ido ali para “caçar” usava uma mochila e que o Camaleão também usava uma mochila nas costas.

Não posso afirmar que todos os que vão “caçar” a pé usam mochilas, entretanto, todos aqueles que as usavam, quando indagados, revelavam-se “caçadores”.

Assim como garotos de programa desenvolvem códigos e expressões corporais específicas às suas *performances*, esses “caçadores” também construíam seus códigos, como por exemplo, mochila nas costas no sentido de diferenciar-se dos garotos que fazem programa.

Esses rapazes que se misturam entre os garotos de programa, com suas mochilas nas costas e fazendo-se, às vezes, passar por eles, estão à deriva, conforme descreveria PERLONGHER (1987).

À deriva significa que estão em busca de paquera, de contato sexual e “nomadizam-se” pelos espaços urbanos.

Fiquei em pé na “Marechal,” observando-a um pouco mais antes de ir embora. Percebi que um motorista que passara havia me observado, deu a volta e retornou.

Parou próximo e me cumprimentou, perguntando se eu estava passeando por ali. Falei que era psicóloga, que estava fazendo uma pesquisa e perguntei se ele se importaria de conversarmos um pouco.

Disse que não havia problema algum. Passamos a dialogar e ele esclareceu que estudava próximo dali e que costumava passar naquele trecho para ir embora.

Ele percebeu que havia algo de diferente naquela rua com a presença dos garotos, entretanto nunca saíra com nenhum deles, porque o negócio dele era mulher e quando me viu ali, pensou que eu estava fazendo programa, por isso voltara e se aproximara.

Questionei o que o levava a procurar garotas de programa, respondeu:

- Com a namorada a gente já sabe a hora que ela vai gritar (referindo-se ao momento do orgasmo) e com essas garotas não, a gente tem que descobrir, é sempre uma descoberta nova.

E acrescentou posteriormente:

- A garota de programa finge, levanta o nosso astral, mesmo que esteja mentindo fala que a gente é ótimo, põe a gente lá pra cima. A namorada já fala a verdade, cobra, pergunta o que está acontecendo quando a gente não tem um bom desempenho, quando falha...

Perguntei se ele já havia “falhado” (disfunção erétil durante a relação sexual) com sua noiva e ele disse que várias vezes. Também disse que sair com garotas de programa “mexia” (estimulava) com a adrenalina pelo fato de saber que estava fazendo algo de errado.

Podemos dizer que uma das formas de ele sentir prazer era justamente a adrenalina e o contexto de transgressão. Nesse sentido, podemos transferir para alguns garotos de programa uma semelhança na forma de vivenciar o prazer: pela adrenalina, risco e transgressão em suas práticas sexuais.

Quando percebi que a conversa poderia voltar-se para meu lado no sentido de insinuar-se com mais veemência para sairmos, agradeci pelo seu tempo e pela sua gentileza e nos despedimos.

Havia conseguido levantar diversas informações naquela noite. Os motivos da busca por garotos e garotas de programa diferenciavam-se entre heterossexuais, homossexuais e bissexuais, contudo, fantasias, desejos e prazeres sempre estavam presentes.

5.15 DISCURSOS SOBRE ESPAÇOS PÚBLICO E PRIVADO NAS ATIVIDADES DE GAROTOS DE PROGRAMA E O FEMININO TRAVESTIDO DE GAROTO DE PROGRAMA

Nessa noite os garotos estavam espalhados, com exceção de dois que estavam no fim da “Marechal” conversando.

Estacionei próximo a eles e percebi que estavam me observando, demonstrando certa dúvida ou curiosidade pelo fato de eu ter estacionado e ainda mais pelo movimento de sair do carro e ir em direção a eles.

Perguntei se eram garotos de programa. Sarado e Magrinho responderam afirmativamente.

Sarado fazia academia, preocupava-se com sua aparência. Posso afirmar que nesse período de pesquisa foi o primeiro caso que realmente assumiu malhar e cultuar o corpo como benefício próprio e também para o trabalho que realizava como garoto de programa.

Ele vinha de outros territórios de trabalho onde também atuava fazendo programa, inclusive em sauna.

De forma semelhante a outros garotos de programa estudados por SIMÕES (2004) e ANTUNES (2005), ele sabia que transparecer juventude, boa aparência e um corpo malhado era um diferencial para atender as demandas dos clientes.

Trabalhava em uma firma durante o dia e sua família não sabia que também trabalhava como garoto de programa.

Tinha diante de mim, novamente, o paradoxo vivido por esses garotos: autonomia diante da sexualidade e o silêncio no tocante às suas famílias.

Ao questioná-lo sobre sua sexualidade e orientação sexual, disse que ele mesmo se questionava se era bissexual ou se era *gay*, por fim terminou identificando-se como *gay.* Afirmou que sempre teve curiosidade de sair com homens, terminou juntando o útil ao agradável, isto é, seu desejo em sair com homens e o dinheiro.

Havia trabalhado em várias regiões de São Paulo como garoto de programa. Costumava atuar em sauna e, segundo VIANA (2010), diferentemente da autonomia que a rua lhes proporciona, ambientes da ordem do privado costumam impor-lhes regras, horários e são pouco tolerantes quando o profissional desrespeita algum acordo.

Alguns garotos saem de saunas de São Paulo, ou de outras regiões de prostituição de rua, para se aventurarem na “Marechal”.

Como são nômades, costumam fazer esse tipo de investida como forma de serem “novidade” no pedaço e adquirirem um dinheiro a mais do que estão acostumados, mas logo retornam a seus postos mais fixos de trabalho. Este é normalmente o movimento dos garotos de programa, descrito por PERLONGHER (1987).

Afirmou ser somente ativo, que não adiantava insistir, que o programa era cinquenta reais e que não costumava flexibilizar.

Lembrei que ele havia, após alguns segundos de reflexão, afirmado que era *gay,* pois admitia seu desejo por homens e também afirmava ser somente “ativo”.

Nesse sentido, ANTUNES (2005), descreve alguns contextos homossexuais, cujas práticas de sexo e prazer anal são comuns. Nesse âmbito, ser identificado como um *gay* “ativo” é como se fosse uma forma de recuperar a masculinidade perdida.

Ambos (Sarado e Magrinho) já tinham recebido propostas de namoro de clientes que queriam “tirá-los da rua” (ofereciam oportunidades de trabalho ou financeira para que não trabalhassem mais como garotos de programa) . Ao narrarem esse fato, deram risadas e afirmaram que essa fantasia de quererem “tirá-los da rua” era muito comum, indo ao encontro da

fala de Sebastião (aquele que tinha envolvimento com o patrão) e também narrada por Ricardo:

> C - E já aconteceu de você estar trabalhando aí e algum cliente se apaixonar por você?
> R - Já, o que mais tem é isso. Tinha um cliente meu aí, o nome dele é Dorvalino. Nossa! A primeira vez que ele me pegou, ele falou: - Ah! Eu me apaixonei, vamos, vamos mudar pros Estados Unidos que eu coloco cinco mil na sua conta que não sei o quê. Eu falei: Vixi maria, me ferrei. (Entrevista com Ricardo)

Mesmo sendo propostas tentadoras, eles preferem a liberdade, afinal para continuar vivendo daquela forma, como garotos de programa, pelo menos estão em um espaço no qual podiam vivenciar suas sexualidades, sem se sentirem controlados, dominados ou submissos.

O conflito envolvendo a liberdade *versus* submissão também é narrado por Thiago, que se envolvera com o seu gerente e não havia falado que morava com uma mulher:

> T - Aí ele achou que eu morava só. Como o estado civil no papel está definido como solteiro, a minha ficha era solteiro, aí um dia ele foi levar meu dinheiro na minha casa. Como na firma tinha meu endereço ele foi lá em casa e falou: - Você mora com uma mulher, meu? Daí o cara me encheu de porrada, entendeu? O cara casado, gostava de dar, achou que era meu dono por eu trabalhar na empresa, que ele era gerente e por ele sair comigo achou que poderia ser meu dono. Quando ele viu que eu morava com uma mulher me encheu de porrada. (Entrevista com Thiago)

Podemos acrescentar ainda, principalmente para aqueles que se intitulam heterossexuais e totalmente “ativos”, que segundo a compreensão de PERLONGHER (1987), aceitar a proposta de viver com um cliente é uma ameaça à sua virilidade, pois mudaria de *status* passando de garoto de programa ao papel de marido de “bicha”.

Virar marido de “bicha”? Nem pensar! Os garotos pesquisados por PERLONGHER (1987) mostraram que além de se enclausurarem e passarem a viver a vida de forma careta, casar-se com “bicha” pode potencializar um comportamento afeminado.

Sarado afirmou que não usava drogas, que já tinha fumado maconha “no passado”, mas só para experimentar. Aproveitou para criticar os que pechinchavam o programa por causa da droga.

Conseguir dinheiro, gastar com drogas e, ainda por cima, perder o controle da situação pode ser compreendido como um fator negativo para o reconhecimento do seu masculino. Aqui nota-se novamente entre eles o aparecimento de relações hierarquizadas que não necessariamente se justificavam pela ótica do gênero, mas do masculino.

Trago essa leitura com base nas reflexões de JARDIM (2001) ao explanar que um dos sinônimos de masculinidade está no controle sobre o corpo e, pensando sobre os garotos de programa, o controle sobre o corpo e o dinheiro conquistado.

Por meio desses discursos moralistas que estabelecem entre si, vemos o que descreveu FOUCAULT (1988) como a lógica do controle sobre os corpos no intuito de atender as necessidades de produções econômicas.

Sarado frequenta a sauna por se sentir mais à vontade e mais seguro. Além disso, mostrando o corpo ganha mais dinheiro, uma vez que na rua não poderia fazê-lo.

Ele tem um atributo exigido pelo espaço privado que é o corpo malhado.

> C - E aqui, você nunca trabalhou nessas casas de saunas ou por agência de (interrompida)
> T – Não, porque eles procuram mais perfil bombados, né? Mais perfil bombados, eu não tomo bombas, sou antidrogas. Quem quiser meu cacete tá aí, tá aí.
> C - Com restrições?
> T - A minha parte cem por cento ativo. (Entrevista com Thiago)

A preferência de Sarado por sauna diferenciava-se do posicionamento de Gabriel que se sentia constrangido e invadido, caso tivesse de ir para uma sauna.

Enquanto conversávamos, Sarado ficou se masturbando o tempo todo. Quanto à higiene, falou que não costumava gozar e que se gozasse saía mais caro o valor do programa.

Interessante que ao serem questionados sobre as condições de higiene durante o trabalho, remetiam a resposta ao gozo, à ejaculação.

Lembro que Charmoso relatou que fazia apenas um programa por noite, pois após gozar preferia ir para a casa para lavar-se.

Relativo 1 dissera que quando isso acontecia recorria ao ato de limpar o pênis com papel higiênico, e Sarado trazia a informação de que aumentava o valor do programa em virtude de ter gozado.

A higiene estava associada ao pênis estar limpo, de terem ejaculado ou não. Não a associavam a informações que pudessem estar relacionadas a outras partes do corpo, as condições de trabalho ou a outras situações.

Além desse olhar para a associação entre higiene e ejaculação, outra coisa que me chamou a atenção era que o fato de ejacularem por dinheiro não estava associado ao prazer, ao orgasmo, como afirma Ricardo:

> C - E esse ejacular não significa um prazer?
> R – Não, ejacular por ejacular, mesmo se o cara tá pedindo, tá pagando, né? Agora se for mulher, aí dá prazer sim, transar com mulher, né? (Entrevista com Ricardo)

Ele conhecia alguns garotos da sauna que tomavam remédio como se fosse “Viagra” (remédio recomendado por urologistas para homens com dificuldades de ereção) para não “gozar”, mas os garotos da rua eram diferentes, tinham de manter a ereção sem “gozar”, disse que era questão de treino.

Além do “Viagra”, eles estavam falando sobre as técnicas corporais aprendidas, treinadas para evitar a ejaculação, situação que não dependia

exclusivamente do exercício dessas técnicas, mas de todo o conjunto da "transa".

Por exemplo, se estavam em local escuro, dentro do carro ou na rua, condição que exigisse que a relação fosse rápida, se estava na frente ou na costa do cliente, e por aí vai.

Contudo, pelo pouco contato que tive com a maioria dos informantes, grande parte por meio de entrevistas itinerantes, não pude avançar nos detalhes a respeito dessas técnicas corporais voltadas para o controle da ejaculação.

Sabia que aumentava o valor do programa justamente pelo possível esgotamento físico que poderia proporcionar ao garoto, impedindo-lhe de realizar outros programas (VIANA, 2010).

Além disso, estava em jogo o masculino, pois como desvelado por OLIVEIRA (2009), homens podem até transar por dinheiro, mas não podem desejar e nem sentir prazer com outro homem.

Pude notar a presença de outro marcador diferencial entre garotos de programa, o controle, o domínio sobre a ereção e o orgasmo, colocando-os numa situação de superioridade em relação aos demais.

> C - E você usa algum tipo de remédio pra ter mais excitação?
> R - Nunca usei nada.
> C – Não?
> R - Até hoje não, inclusive um dia eu fui fazer um programa e o cara levou um Viagra pra mim tomar.
> - Você nunca tomou?
> Eu falei: - Não.
> - É que a minha mulher tá muito acelerada. Ela quer um cara "pam".
> - Não vou tomar não. Só tomei um conhaque, só.
> C - Foi o suficiente?
> R – É.
> C - Seu Viagra é o conhaque?
> R - É o conhaque, o bagulho fica louco, aí já era, tem vez que eu não tomo nada não.
> C - Mas os outros meninos tomam alguma coisa?
> R - Tem gente que toma, tinha um colega meu que já tomou, toma sim, mas toma aí quando vai precisar, sem tomar não funciona, fica tipo dependente.

> C - Ah tá.
> R - Eu não preciso disso aí não, pra mim tomar isso aí é ficar dependente. Só vou usar quando eu precisar mesmo, por enquanto eu não preciso não. (Entrevista com Ricardo)

Explorando detalhes do Magrinho, ele afirmou ser homossexual, já tinha tido experiências com garotas, mas identificava-se afetivo-sexualmente com homens.

Afirmou ter comprado seu apartamento juntando seu salário como auxiliar administrativo e também fazendo programas. Assim como Sarado, também juntava o útil ao agradável, gostava de transar com homens e também da "grana" que rolava. Disse:

- Depois que você faz o primeiro programa e vê a grana entrar, você vicia, vira um vício (Sarado também confirmou na mesma hora).

Em seu cotidiano fora dali, se fosse para namorar ou paquerar preferia os *gays* mais sérios, mais masculinos, diferentemente do Sarado que não se importava, aliás, Sarado gostava mais dos afeminados.

Assim como outros garotos, dentre eles Camaleão, eles traziam compreensões binárias de gênero, comparando masculino e feminino por trejeitos e expressões estereotipadas.

Magrinho disse que estava ali há quase dois meses, havia parado de ir à sauna para "dar um tempo", para explorar outro ambiente.

Segundo ele, a Marechal era fraca de dinheiro, mas como a noite era algo imprevisível, às vezes conseguia uma "grana" boa.

Disse também que às vezes era interessante sair do espaço que trabalhava para valorizar sua pessoa, quando retornava muitos clientes da sauna o procuravam e falavam que estavam com saudades, etc.

Situação essa que terminava tendo seus prós e contras, pois às vezes perdiam clientes para outros garotos de programa quando se ausentavam por longo período.

Repentinamente apareceu um cliente e Magrinho foi atendê-lo. Quando retornou disse que fora ativo, que havia "transado" dentro do carro

do cliente em uma rua próxima dali. O depoimento confirmara o que Sarado falara sobre “esquema” (formas de trabalho) que tinham de levar os clientes para ruas próximas, escuras, menos movimentadas.

O Magrinho me falou no início que havia conhecido aquele território por meio de uma amiga. Posteriormente, comentou que ela também estava trabalhando ali.

Eu já a havia visto enquanto conversava com Sarado e Magrinho. Ela estava mais a frente, após um caminhão, e eu fiquei na dúvida se era um menino ou uma menina. Pensei que talvez fosse uma impressão distorcida, até porque ali não era comum presença feminina.

Magrinho resolveu apresentá-la e eu pude, então, explorar um pouco essa situação inusitada. No início identificou-se como lésbica, porém, posteriormente pensei que ela poderia ser um homem transexual.

Falou que trabalhava no dia a dia e que passou a frequentar aquele espaço para complementar sua renda.

Era raro os homens que saíam com ela. Costumava, de início, esclarecer que era “uma menina”, pois se mentisse, na hora que entrasse no carro, poderia dar a maior confusão, pois o cliente ia querer um “pinto” (pênis) e ela não tinha.

Costumava “comer os clientes com os dedos”, disse que eles sentiam o maior prazer. Alguns realizavam a fantasia que gostariam de ter com suas esposas, o famoso “fio-terra” (prática sexual na qual geralmente a mulher enfia o dedo no ânus do parceiro), mas que elas se recusavam fazê-lo.

Despedi-me dos três e voltei para casa em êxtase. Havia tido contato com pessoas diferentes, que foram agradáveis para conversarmos e que possibilitaram confirmar algumas hipóteses.

Uma delas era o fato de que quando os rapazes se identificavam como *gays* ou bissexuais era comum afirmarem que também sentiam prazer naquele trabalho, que gostavam de tal situação como forma de vivenciar suas sexualidades.

Lembro que a única exceção tinha sido o Folgado, que afirmara sentir prazer vivenciando situações como garoto de programa.

Postura diferente daqueles que se afirmam heterossexuais e negaram a possibilidade de sentirem prazer, como se o reconhecimento desse prazer pudesse “ferir” o masculino.

A situação inusitada daquela garota ou mulher trabalhando como garoto de programa, mostrou mais uma vez que a Marechal revelava um campo de diversidade de garotos que fazem programa, desmitificando a figura clássica do garoto de programa e do masculino cultuados na prostituição homo-viril.

Não tive mais oportunidades de me aproximar daquela garota, contudo, em um universo cujo masculino está sempre sendo exigido, a presença do feminino atuando de forma viril nos mostra que o masculino não é algo restrito somente aos homens.

Masculinos são construídos em contrastes com o feminino e também entre os corpos próprios de homens (JARDIM, 2001).

Nesse sentido, não se restringe a um corpo sexuado, mas refere-se a práticas que se constituem por meio de experiências corporais e culturais em determinados contextos (PASINI, 2009).

Não podemos, contudo, atribuir essa diversidade ao espaço físico e social da “Marechal”, pois ali apenas se concretiza um recorte de vivências que se estendem e desdobram-se em outros espaços e contextos sociais.

Essas diversidades e flexibilidades fazem parte das vivências atuais de garotos de programa, considerando-se o mundo globalizado e mercantilizado no qual estamos inseridos.

6 REFLEXÕES SOBRE AS PRINCIPAIS CATEGORIAS E DINÂMICAS PRESENTES NOS DISCURSOS DOS GAROTOS QUE FAZEM PROGRAMA NA “MARECHAL”

6.1- ENTRE O NEGÓCIO E O PRAZER: AS MASCULINIDADES

Este capítulo tem como objetivo analisar as principais categorias e dinâmicas que estão mais diretamente relacionadas aos discursos de garotos que fazem programa na Avenida Marechal.

Geralmente, os debates a respeito da prática da prostituição giram em torno da discussão sobre se de fato existe ou não a necessidade financeira por parte daqueles que recorrem aos programas como uma forma de complementar sua renda mensal.

Nesse debate sobre o limite entre o desejo sexual inconsciente do garoto de programa e suas necessidades reais de sobrevivência, PERLONGHER (1987) aponta a presença das desigualdades sociais, a miséria e poucas oportunidades de estudo e trabalho como fatores desencadeantes da iniciação na prostituição viril, na maioria dos casos.

Entretanto, como ele mesmo sugere, não podemos restringir a análise a fatores socioeconômicos como o único determinante dessa escolha (PERLONGHER, 1987).

A necessidade econômica, desemprego e a busca por complemento financeiro ainda persistem, isto é, desde os relatos dos garotos de programa pesquisados por PERLONGHER (1987) até a conjuntura atual da Avenida Marechal retratada no presente trabalho.

No caminhar desses garotos de programa, diversas situações de cunho socioeconômico balizam seus discursos, destacando dificuldades de se inserir e competir no mercado de trabalho de forma que consigam dar conta de seus compromissos e satisfazer suas necessidades.

Como exemplo, apresentam-se aspectos como a dificuldade de adquirirem um imóvel somente pelo fruto do trabalho reconhecido moralmente, ou o comprometimento do rendimento mensal em outras prioridades inviabilizando que o usufruam em “baladas” ou em alguma atividade de lazer.

Buscar formas alternativas para melhorar o rendimento mensal ou atender as necessidades do cotidiano não é algo exclusivo de garotos de programa no Brasil.

Nesse aspecto, ARENT (2007), ao pesquisar sobre rapazes que trabalham em clube de mulheres fazendo *striptease*, afirma que o mercado erótico sexual emerge como uma forma real de um retorno considerado satisfatório.

A revelação de uma má remuneração, a necessidade de complementá-la, a dificuldade de se inserirem no mercado de trabalho é uma realidade na qual está inserida a maioria desses garotos. Durante a pesquisa de campo, eles fizeram um cálculo comparativo para que eu pudesse ver a diferença de valores entre seus rendimentos adquiridos por meio de trabalhos moralmente reconhecidos e aqueles oriundos das atividades realizadas como garotos de programa.

Ao longo da investigação, seus discursos não foram homogêneos no que tange às suas trajetórias de vida no sentido de justificarem suas escolhas por fazerem programa. Em sua maioria, a justificativa aparecia envolta no discurso da necessidade financeira, descrita muitas vezes como a precisão de complementarem a renda por estarem desempregados, dentre outras situações.

Contudo, enquanto pesquisadores, não podemos reproduzir esses discursos. Precisamos traduzi-los e, nesse aspecto, em oposição à

justificativa financeira, desvelamos a presença sutil do prazer em suas práticas.

Lembramos da noite em que alguns garotos se posicionaram de forma crítica, negando que suas práticas fossem descritas como prostituição.

Eles afirmaram que o que eles faziam estava relacionado ao “prazer remunerado”. Uma forma de prazer que vinha acompanhada de remuneração.

Podemos descrever alguns momentos em que o prazer ficou evidente em suas atuações como profissionais da noite.

Após afirmarem que atuavam pelo “prazer remunerado”, indagamo-nos a respeito de quem sentia prazer, se era o garoto ou o cliente. Eles afirmaram que ambos sentiam prazer.

Nesse sentido, considerando suas relações sexuais, encontramos a presença do prazer quando são procurados por casal, quando o cliente tem um “bom papo”, quando o cliente for muito afeminado, quando tiver a “bunda lisinha”, e assim por diante.

O prazer também está presente quando eles usam drogas em roda e quando conseguem associar a prática de fazer programa a sua permanência na noite curtindo “baladas”.

Encontramos também circunstâncias prazerosas quando constroem situações de convivências e sociabilidades em ocasiões quando, após a “Marechal”, vão para churrascos, jogar *snooker*, ou mesmo quando ficam conversando entre eles e demais frequentadores na própria avenida.

GASPAR (1994) descreveu que as prostitutas atuavam por meio de um discurso pronto para seduzirem seus clientes.

Esses garotos também têm seus discursos prontos, dentre eles destaca-se a negação do prazer e a afirmação do masculino, daí a justificativa financeira, a necessidade do dinheiro para comprar gás, pagar a pensão do filho, etc.

A lógica de práticas como garotos que fazem programa não está fundamentada apenas na necessidade financeira. Encontramos outras justificativas nas quais alguns foram convidados por colegas para se

aventurarem ou quando passaram pela região e perceberam algo diferente no contexto daquela rua e, por curiosidade, foram se aproximando e se aventurando.

Aventurar-se, correr riscos, fazer tudo sem exceção e se relacionar com o corpo fugindo às regras sociais que determinam como vivenciá-lo, permitem entender que o atuar como garotos de programa está além de uma situação de vulnerabilidade social, pois juntamente com essas vivências existe a dimensão do prazer, revelada pelos sujeitos investigados.

É a autonomia diante da sexualidade, da relação com o corpo e a possibilidade de fugir do controle social, do engessamento sobre as formas de trabalho e de relações entre masculino e feminino que, de certa forma, contribuem para essa aproximação com as vivências como garotos de programa.

O Estado atua como instituição reguladora, controladora e mantenedora das relações sociais (FOUCAULT, 1988) e, neste ponto, esses garotos rompem com as regras estabelecidas socialmente de como deve ser a forma moralmente aceita de se conseguir dinheiro, de vivenciar o masculino e de sentir prazer.

Tal fato permite dizer que, foge, então, da sociedade e do Estado o controle sobre suas pessoas, sobre suas formas de trabalhar, de sentir prazer, etc.

Nesse aspecto, encontramos um contexto em que o eixo do poder sobre o corpo desloca-se do Estado para a pessoa. De acordo com FOUCAULT (1979), o corpo é a manifestação concreta do poder, ora reproduzindo-o e perpetuando-o, ora indagando, interagindo e revoltando-se contra o poder instituído.

Assim, garotos de programa se permitem, então, desejar, experimentar, recusar e ousar, onde o prazer se materializa nas relações entre si e com seus clientes, e o poder não se encontra necessariamente estático com um ou com o outro, desloca-se conforme o acordo de cada programa.

Lidar com esses deslocamentos do poder também são formas de se obter prazer, porque, de acordo com FOUCAULT (1988), prazer e poder sempre interagem, jamais se anulam, pelo contrário, traçam constantemente relações de proximidades e afastamentos, lançam formas de se complementarem e se perpetuarem, constroem formas complexas de excitação e incitação.

A remuneração, o dinheiro, a troca financeira pelo serviço sexual, o retorno econômico (que pode ser de inúmeras formas) materializam essa ousadia e concretizam a transgressão, sendo, para alguns, tanto o ato de transgredir em si mesmo, como o de obter o dinheiro formas de vivenciar o prazer numa relação em que, na maioria das vezes, todos (clientes e garotos de programa) ganham em satisfação.

A reflexão de FOUCAULT (1988) a respeito da relação poder-saber-prazer sugere que analisemos os discursos sociais de inúmeras maneiras, dentre elas a de que o poder em relação ao prazer se manifesta de forma explícita, principalmente quando atende às normas dos grupos sociais envolvidos, ou se manifesta sutilmente penetrando e controlando o prazer cotidiano.

Reproduzir constantemente discursos sobre a relação com homens pela troca financeira é uma forma de se controlar tanto o desejo como o prazer proveniente de sua realização.

Nesses discursos referentes à necessidade de dinheiro, do complemento de renda e do “bico”, associados ainda ao discurso de que são homens, que são totalmente “ativos”, encontramos o que FOUCAULT (1988) delineia como técnicas polimorfas do poder.

Quanto as suas práticas como garotos de programa, observamos que, na maioria das vezes, eles estão inseridos em um mercado sexual, todavia, não interpretam suas práticas como prostituição, não se consideram e não aceitam estar em agenciamentos do mercado sexual. Por exemplo, recusam-se a inserir em seus contextos a presença de um “cafetão”.

Nas fronteiras entre suas masculinidades e as homossexualidades, entre seus trabalhos moralmente aceitos e seus complementos financeiros,

entre a visibilidade heterossexual e os perigos da “Marechal”, eles constroem novas relações sociais que não podem ser consideradas como prostituição e nem como um mercado sexual, pois o que eles fazem é o negócio do “prazer remunerado”.

Assim, aventuram-se nas fronteiras sociais, em territórios que lhes permitam tais vivências, sendo inúmeras as possibilidades de concretizarem a busca de liberdade e esquiva do controle social.

6.2 A CATEGORIA DISTÂNCIA, AS ESTRATÉGIAS VISANDO O ANONIMATO E A LUTA PARA NÃO EXPOR O MASCULINO

Podemos dizer que, como qualquer “trabalhador”, eles buscam atuar nessa região devido à lógica da facilidade de locomoção, de transporte, de custo-benefício, de facilidade de retorno às suas casas no final da noite.

Fazer o “prazer remunerado” próximo de suas residências, exige cuidados em relação ao anonimato de suas vivências, assim o trecho da Av. Marechal que fica entre o final da Avenida perpendicular a linha de trem e a Av. João Baptista acaba sendo a garantia desse anonimato.

É um trecho pouco iluminado, geralmente caminhões ficam estacionados, o que lhes permite ficar entre esses veículos e pouco exporem seus rostos, com exceção, é claro, quando há poucos caminhões estacionados.

Além disso, a violência e os constantes assaltos que atrapalham seus trabalhos configuram-se, por outro lado, como forma de proteção desse anonimato, uma vez que a população local evita transitar por esse trecho no período noturno.

Assim, vivem o paradoxo de serem constantemente ameaçados de roubos e agressões e encontram nessa violência a proteção para que atuem sem preocupações de serem reconhecidos.

A expressão “dobrou a esquina, este mundo não existe mais” é a verbalização mais enfática sobre as estratégias que recorrem na tentativa de garantir o anonimato de suas práticas como garotos de programa.

Essa expressão nos mostra que esses rapazes, cujas *performances* representam irreverência, ousadia, que exacerbam masculinidade e sexualidade e que promovem a imagem de que são capazes de realizar desejos afetivos e sexuais, voltam, fora do contexto da “Marechal”, a comportar-se como a maioria dos homens.

Seus discursos revelam que temem que suas aventuras sexuais sejam descobertas. Longe da “Marechal”, apresentam comportamentos que poderiam ser denominados como corpos dóceis (FOUCAULT, 1977).

Vale lembrar que não estamos associando comportamentos dóceis exclusivamente a comportamentos heterossexuais, estamos associando também a comportamentos que moralmente, dentro dos códigos grupais, o masculino não seja desqualificado e inferiorizado.

Várias são as estratégias que vão aprendendo e construindo para quando “dobrarem a esquina” não levarem consigo quaisquer resquícios de suas vivências como garotos de programa.

Assim, ir jogar bola durante o dia e falar que estava trabalhando como pedreiro, usar nome fictício, encontrar o amigo no bairro, expressar conduta heterossexual e não revelar para ninguém seus segredos, ou revelar para suas namoradas que já cometeram crimes, e omitir a atuação como garoto de programa, são formas de se “dobrar a esquina” e garantir o masculino.

A insistência pelo anonimato está associada as repercussões sociais de um modo geral, entretanto, a maioria dos garotos mostrou que tal preocupação estava diretamente relacionada ao posicionamento de suas famílias diante da descoberta de que faziam programa.

Parte desses garotos que silenciam suas práticas consideradas periféricas e ilegítimas, não as revelam para a família nem para seus

respectivos grupos sociais, provavelmente para não se submeterem as punições e sanções sociais.

Nesse sentido, podemos dizer que eles atuam de forma semelhante às prostitutas no que tange ao anonimato, de acordo com JIMENEZ (2008) são estratégias de encobrimento do estigma.

Esses garotos de programa trazem como essência regras sociais oriundas da família, da escola, do grupo ao qual convivem que o homem deve ter várias experiências, deve aventurar-se e arriscar-se, nesse sentido, não encontramos situações de repressão da sexualidade.

Entre o incentivo a vivenciar a sexualidade intensamente e a normatização de como vivenciá-la é que encontramos outro paradoxo em seus cotidianos como garotos de programa.

Conforme FOUCAULT (1988), a sexualidade é considerada somente produtiva quando atende a um modelo heterossexual, fora desse contexto é avaliada como perversa, improdutiva e ilegítima.

Nessa fronteira entre a possibilidade de transgredir e perpetuar normas convencionais, podemos dizer que encontramos suas fragilidades por vivenciarem sexualidades ilegítimas (FOUCAULT, 1988).

6.3 O “PROGRAMA BOM” E A GARANTIA DO MASCULINO

Particularmente não atentamos em fazer uma síntese de nomenclaturas classificatórias tanto de garotos de programa como dos clientes, porque nas entrevistas itinerantes, e as duas em profundidade, não surgiram situações em que se evidenciassem essa dinâmica entre eles.

Em determinados momentos, eles narravam comportamentos específicos de clientes, muitas vezes como um trunfo individual,

experiências que lhes davam *status* e afirmavam o masculino, do que como forma de classificarem os clientes.

Os programas realizados que colaboravam para a afirmação do masculino eram descritos como “programa bom”.

Nesse aspecto, “programa bom” era quando o cliente passava rapidinho e ia embora, pois tempo era dinheiro, salientando-se a relação lucro-prejuízo associada ao tempo de trabalho deles e duração do programa, além do que, como lembra OLIVEIRA (2009), “homens de verdade” não perdem tempo.

“Programa ruim” era aquele em que ficavam só conversando com o cliente sem nenhum êxito ou aquele cliente que extrapolava na tentativa de “tirá-los da rua”, anunciando-se uma grande ameaça as suas liberdades.

Também surgiram comentários sobre clientes que os levavam para festas como companhia, para provocar ciúme, para usarem drogas, etc.

Esses também eram “programas bons”, afinal, na maioria das vezes, os serviços consistiam em outras atividades e não na prática sexual propriamente dita. Assim, tratavam de situações consideradas por eles como glamorosas, prazerosas e que contribuíam, de certa forma, com o reconhecimento do masculino.

Outro ponto a ser considerado na pesquisa que eles descreviam como “programa bom” é a figura “lendária” da mulher. Compreendemos que os relatos sobre presença de mulheres, a procura de mulheres para programas, o prazer quando surgia casal, tendo em vista que o sexo era mais “gostoso” por causa da mulher, podem ser compreendidos como formas de evocarem a heterossexualidade e, consequentemente, garantirem o masculino que constantemente é colocado à prova.

Nessas situações, ao se referirem as mulheres, existem semelhanças entre os discursos dos garotos da “Marechal” e os discursos dos garotos pesquisados por PERLONGHER (1987).

Não estamos negando que exista a busca de programas por mulheres, como alguns citaram ocorria por meio de casais e entre mulheres

que tinham amigos *gays*. Como informa Ricardo por meio de suas experiências,

> C - Ah, é?! Vai mulher também lá?
> R - Vai, mulher, homem, vai tudo.
> C – Mas as mulheres geralmente quando elas vão, elas vão sozinhas ou acompanhadas?
> R - Acompanhadas, sempre vai duas ou com *gay* do lado, vai mais com *gay* do lado né, os *gay* que levam.
> C – Tá, aí você termina fazendo programa com elas?
> R - Com os dois, com elas, os caras só ficam olhando, às vezes os maridos levam as mulheres também, isso aí, é o que mais leva pra nós pegar a mulher dele e ele só fica olhando, tem vez que tem que pegar ele também, é isso aí. (Entrevista com Ricardo)

Contudo, em nenhuma das visitas ao campo desvelamos alguma presença feminina em busca de programa. De acordo com PERLONGHER (1987) relatos ou até mesmo experiências com mulheres também servem como um atributo significativo para aqueles clientes que fazem questão de que o garoto seja "homem de verdade".

As informações como "sair com mulher " (se relacionar), "comer mulher" (ter relação sexual), adorar sair com casal por causa da mulher são discursos cuja funcionalidade, além de garantir o masculino entre eles, visa a valorizar suas *performances* viris e negociações com clientes.

Como lembra KIMMEL (1998), as masculinidades são construídas nas relações de poder dos homens com os outros homens. Dessa forma, na maioria das vezes, as afirmações que adoravam fazer quando o programa envolvia mulher, geralmente aconteciam quando estavam em duplas ou em roda.

Em seus discursos sobre o programa que é identificado como "bom", compreendemos que é importante considerar as finalidades presentes naquele programa.

Nesse sentido, entre eles, o "programa bom" não tem a finalidade exclusivamente financeira ou o prazer na relação sexual, permeia no imaginário sobre o "programa bom" códigos que envolvem a preservação e afirmação do masculino.

6.4 HIERARQUIAS SEXUAIS NAS RELAÇÕES ENTRE GAROTOS QUE FAZEM PROGRAMA NA AVENIDA MARECHAL, DESENHADAS PELO MASCULINO

Complementar suas rendas atuando como garotos de programa, como já colocamos, não necessariamente significa que se identifiquem e compreendam suas atividades como um trabalho ou como profissionais do sexo.

Assim, outra realidade que nos chamou a atenção foi a aversão deles em relação a expressão “profissional do sexo e prostituição”, revelando que de forma semelhante à pesquisa de PASINI (2005), existem diferentes situações no universo da prostituição e formas de eles se autodenominarem.

Encontramos uma uniformidade, se assim podemos dizer, em relação ao entendimento da atividade de programa de não ser interpretada como um trabalho, mas como um complemento, ou uma forma de “se virar” se estiver desempregado.

Em Recife, eles se apresentam como *boys* de programa (VIANA, 2010), PERLONGHER (1987) apresentou-os como michês e, considerando os garotos com os quais entramos em contato, encontramos: profissional do sexo, garoto de programa, garoto de programa de verdade, dentre essas terminologias, garoto de programa foi o que mais predominou.

Também encontramos diversidades na atuação profissional, tendo os esporádicos, os ocasionais e os que fazem expediente intensivo, entretanto, entre si, é compreendido que todos estão fazendo programa e não há uma classificação entre eles quanto a intensidade ou ocasionalidade dos programas.

Essas atuações esporádicas ou eventuais acontecem porque não interpretam seus programas como uma atividade profissional, como uma prática de trabalho, inclusive era comum a expressão “eu trabalho” ao se

referirem a outra atividade financeira, além da atuação como garotos de programa.

É fato que encontramos uma alta rotatividade dos garotos que atuam na “Marechal”, contudo não descrevemos essa rotatividade como um nomadismo no sentido postulado por PERLONGHER (1987) ao se referir aos movimentos, muitas vezes em grupo, dos garotos de programa do centro de São Paulo, que às vezes chegavam até a caracterizar-se como gangues.

Essa rotatividade dos garotos de programa da “Marechal” está associada a uma característica da condição socioeconômica desses garotos e a maneira como a maioria interpreta essa atividade.

Costumam atuar individualmente, com exceção de alguns que vão em dupla e aparecem na “Marechal” quando realmente precisam do dinheiro, quando realmente estão a fim de experiências diferentes, quando lidam com o território como um ponto de passagem para conseguirem o dinheiro para o lazer ou a droga daquela noite.

Assim, não se identificam como profissionais do sexo e também não são simpáticos a expressão de que se prostituem, como afirmam, eles fazem ou vendem o “prazer remunerado”.

Vale aqui lembrar que a expressão “verdadeiro profissional do sexo” não pode estar associada ao tipo michê-másculo, prostituto viril, em virtude de que novos códigos foram construídos sobre o sentido de ser um garoto de programa.

Nesses códigos, percebe-se que não é a virilidade, muito menos a garantia do masculino e o ânus estar intacto que garantem que ele seja realmente um garoto de programa ou um “verdadeiro profissional do sexo”.

Nesses novos códigos surgiram formas de conduta a serem seguidas entre eles e os clientes, maneiras de lidarem com o dinheiro ganho e o uso de drogas, que vão determinando se, de fato, são ou não “verdadeiros garotos de programa”.

Assim, ser um “verdadeiro garoto de programa” está associado a não roubar o cliente, cuidar do corpo, saber usar o dinheiro conquistado pelo

programa em situações diversas, como: sustentar a família e os filhos, investir em imóveis ou outras aquisições e usufruir dele em baladas.

Roubar o cliente e desperdiçar o dinheiro fruto do programa no uso abusivo de drogas são os comportamentos considerados mais repudiados pelos demais garotos de programa, distinguindo-se entre "verdadeiros profissionais do sexo".

Essa descrição do "verdadeiro garoto de programa" trazida pelos garotos da "Marechal" aproxima-se da definição dos garotos pesquisados que trabalham em Vitória do Espírito Santo: "Ser michê é colocar limite e demarcar seu espaço ao cliente. Ser michê é ser autorrespeitoso ou lutar por respeitabilidade. Nisso também o michê se assemelha a qualquer operário". (PINEL, 2000:101).

Contudo, a própria diversidade de garotos que atuam na "Marechal" revela que na relação comercial de quem vende e de quem compra, existem inúmeros desejos a serem realizados e também inúmeras formas de se realizar esses programas.

Nesse sentido, mesmo não sendo considerados por alguns, aqueles que não são reconhecidos como "verdadeiros garotos de programa", também fazem programa.

Porque o que está em jogo é o desejo e a fantasia do cliente. Nesse aspecto, o prazer pode estar justamente em sentir o suor e o odor do outro. Tocar os pés sujos do garoto de programa ou mesmo correr o risco de ser assaltado por ele após o programa, consistem em formas diferenciadas do desejo e do prazer serem vivenciados, formas essas, moralmente criticadas.

Nesse aspecto, vamos encontrando hierarquias sexuais entre eles. A compreensão sobre elas não pode se restringir somente comparando a heterossexualidade e a homossexualidade, ou mesmo as relações de poder entre masculinidades hegemônicas e subalternas.

As hierarquias sexuais também são construídas tendo como critério as práticas consideradas imorais, perversas e impuras.

As hierarquias entre garotos de programa, desveladas por meio de seus discursos, são explicitamente desenhados na disposição dos corpos e uso do espaço social na Av. Marechal.

Na Avenida São Luís, território de prostituição na região central de São Paulo, PERLONGHER (1987) observou existir uma divisão entre os garotos de programa, naquela época a *performance* como michê-macho e michê-bicha era o marcardor da divisão entre eles.

Nas relações entre garotos de programa da "Marechal" existem divisões no uso do espaço, divisões que não são delimitadas por linhas visíveis, mas por expressões corporais desses garotos, pela forma como conversam entre si e com os clientes, pelas negociações que fazem e principalmente pela forma como atuam nas relações sexuais (se são "ativos", "passivos", "*flex"*) e pela conduta diante do uso das drogas.

Diferentemente da Avenida São Luís pesquisada por PERLONGHER (1987), na Avenida Marechal esses marcadores são outros, sendo que acrescentaríamos que embora o fato de ser "ativo" e "passivo" também seja um dos marcadores dessa divisão.

A primeira divisão perpassa pelo marcador socioeconômico, os "cheirosos e os sujinhos", os que têm problemas com uso de drogas e os que a utilizam por lazer, os que "roubam clientes" e os que "não roubam clientes", os que são "verdadeiros garotos de programa" e os que "não são garotos de programa".

Em síntese, a primeira divisão consiste entre os que atuam na parte iluminada e os que atuam na parte escura da avenida.

Na parte iluminada, atuam os que se consideram "verdadeiros garotos de programa" e nela existe a divisão entre "ativos" e "passivos", já na parte escura, tudo fica misturado, inclusive os que vão somente para "caçar". Porque no escuro, vale tudo!

Outro marcador dessa hierarquia sexual entre garotos de programa seriam suas práticas sexuais com clientes propriamente ditas.

Geralmente aqueles que se intitulam somente "ativos" procuram conversar entre si e ficam mais afastados dos demais.

Quando questionados sobre possível preconceito da parte deles para com aqueles que são “passivos” e “*flexs”*, mascaram o preconceito afirmando que somente aqueles que afirmam constantemente serem “ativos” é que são ridicularizados quando descobrem situações nas quais foram “passivos”.

Entretanto, suas ações de segregarem entre si com mais evidência, terminam apontando e reproduzindo aquilo que já está posto socialmente quanto à desqualificação do feminino, neste caso, representado pela atitude de ser “passivo”.

O preconceito está associado ao estigma e a aproximação aos garotos considerados “passivos” atua como um verdadeiro fantasma que ameaça a integridade de suas masculinidades.

Aproximar-se dos garotos que socialmente para eles estão mais próximos do feminino, pode trazer-lhes, de acordo com SIMÕES (2008), VIANA (2010) e (NETO, 2010) marcas desqualificando-o para o negócio e para o *status* entre si.

Às vezes, eles conversam entre si, independentemente de suas práticas sexuais, mas tais situações são esporádicas e como já descrevemos, esses diálogos entre “ativos” e “passivos” são mais frequentes entre os que atuam na parte mais escura.

Aliás, diferentemente de prostitutas e travestis que geralmente ficam próximas quando atuando na rua, outro fato que chama a atenção é que garotos de programa costumam ficar afastados, evitam rodas e muitas conversas, alegam que isto afasta os clientes.

Por trás dessa justificativa, desvelamos que evitar rodas e diálogos são formas de garantirem a não exposição de seus acordos com os clientes, logo, a não exposição do masculino e a garantia da manutenção do *status* como superior na hierarquia sexual construída entre eles.

Quanto ao marcador “relações de gênero” que também atua como um divisor em suas relações na rua, alguns dos garotos de programa revelaram que fora do contexto de atuação é possível, em algumas ocasiões, aqueles

que se intitulam “ativos” e heterossexuais, procurarem *gays* afeminados e travestis para suas aventuras sexuais.

Esses mesmos garotos admitem um possível prazer no programa quando o perfil dos clientes está próximo do feminino e é alguém mais novo, com a “bundinha lisinha”.

Já para atuarem como garotos de programa, preferem clientes mais masculinizados para poder transitar sem serem identificados como homossexuais, que na hierarquia sexual, são inferiores e poderia, consequentemente, comprometer suas masculinidades.

Próximo desse perfil estaria a relação entre michês-machos e michês-*gays* apresentados por PERLONGHER (1987), situação em que ambos teriam a preocupação com a *performance* masculina, independentemente de suas orientações sexuais.

A virilidade e a masculinidade desde a pesquisa de PERLONGHER (1987) ainda aparecem hipervalorizadas na negociação entre garotos de programa e clientes.

As hierarquias sexuais desenhadas ao longo da Avenida Marechal pelos garotos que fazem programa são constantemente vigiadas e controladas. Quando, em algum momento, alguém tenta apagá-las e redesenhá-las de outra forma, automaticamente é questionado sobre suas disposições ao longo da rua, fazendo então com que o garoto que ousou reposicionar-se na hierarquia sexual ao longo da avenida, retorne ao local que lhe cabe na Marechal.

6.5 AS VIOLÊNCIAS SOFRIDAS POR GAROTOS QUE FAZEM PROGRAMA EM VIRTUDE DA “TRANSGRESSÃO” DO MASCULINO

A família, como representação da microfísica do poder, atua por meio de dispositivos de controle, como por exemplo, o dispositivo da sexualidade para engessar e moldar o comportamento de seus integrantes.

Esses dispositivos reproduzem relações vividas no contexto familiar, educacional, etc., quando atuando como garotos de programa, uma vez que suas atividades se dão em microespaços se comparados à magnitude dos diversos espaços sociais da cidade.

Suas formas de interrelacionarem-se, suas dinâmicas e códigos sociais são reproduções das relações macro de nossa sociedade, por isso, encontramos em seus cotidianos hierarquias sexuais, tendo como marcadores a masculinidade, idade, prática sexual (“ativo ou passivo”), escolha de roubar ou não os clientes, o uso abusivo de drogas e a higiene (aqueles que se consideram “limpinhos” e, em oposição, os “sujinhos”).

Contudo, esses microespaços em que atuam os garotos de programa também representam espaços de resistência, de possibilidades de mudanças, de vivências contrárias à normatividade socialmente imposta (PERLONGHER,1987).

Nesse sentido, de acordo com PERLONGHER (1987) , esses espaços sociais em que atuam, operam por meio de constantes dinâmicas de conflitos e tensão.

Chamou-nos a atenção a frequente queixa com relação a ação policial na “Marechal”, alegada por alguns garotos pelo fato de o local ser periferia e, segundo eles, na periferia a violência é sempre maior.

Embora nunca tenhamos presenciado uma ação policial hostil naquele ambiente, ficamos incomodados com os relatos.

No trabalho de PERLONGHER (1987), constatou-se que esse tipo de ação no âmbito dos homossexuais, travestis e marginais foi algo sempre presente, entretanto, na década de 1980, aproximadamente entre 1982-1984, com a reorganização dos espaços sociais no centro de São Paulo, verificou-se uma mudança na abordagem da polícia nos espaços de prostituição e nos chamados *guetos gay*, diferenciando-se assim a interpelação da polícia entre homossexuais e aqueles que se prostituíam.

Na Rua Marquês de Itu, no centro de São Paulo, considerada um *gueto gay*, a polícia não era ostensiva com os homossexuais que se encontravam dentro dos bares e boates; já para com aqueles que apenas circulavam pelas ruas e não "contribuíam" com o comércio local, a ação era violenta. Essa diferenciação de abordagem foi observada por volta de 1987.

A ideia consistia no fato de que o consumo caracterizava-se por uma demanda econômica e, possivelmente por "debaixo dos panos" (de forma ilícita), os policiais também levavam vantagem, existindo então, acordo entre eles e proprietários de comércios destinados ao público *gay*.

Assim, a cisão social desencadeada por meio da diferenciação de abordagem para com os diferentes nichos de "público", também se estendia para os profissionais do sexo, prostitutas, travestis e garotos de programa, considerados como aqueles que não geravam lucros, pelo contrário, tiravam dinheiro dos clientes (PERLONGHER,1987).

Não descrevemos a "Marechal" como um *gueto gay* que contava sempre com a presença de garotos de programa. A noção de *gueto gay* vem da escola de Chicago para descrever redes sociais no intuito de atender as inúmeras demandas específicas do público homossexual, envolvendo bares, saunas, boates, "banheirões", o ato circular pelas ruas e até mesmo a concentração de moradias específicas para essas pessoas, etc.

SIMÕES E FRANÇA (2005) fazem um excelente trabalho descrevendo esses circuitos em São Paulo, e na narrativa ampliam a noção de *gueto gay* como lugares sociais destinados a atender ao público LGBT, bem como o fato de o mercado sexual voltado para essas pessoas criar oportunidades de vivenciarem experiências amorosas e sexuais.

Além disso, segundo esses autores, o *gueto gay* contribui também para amenizar sentimentos de desconforto e culpa em relação à própria sexualidade, e fomentam a autoaceitação do desejo o que, consequentemente, proporciona um posicionamento mais claro de suas sexualidades em situações menos moralistas (SIMÕES e FRANÇA, 2005).

Assim, trazendo as contribuições de RIOS (2005) sobre as formas não convencionais de encontros e relacionamentos entre homossexuais, descrevemos a "Marechal" como uma avenida inserida em um circuito *gay* ou preferencialmente *gay* da região de Osasco e imediações. Afinal não há uma rede social voltada para o *gueto gay*, apenas uma avenida que possibilita pontos de encontros, "caças" e práticas sexuais, configurando-se como um roteiro erótico para seus frequentadores.

Seguindo essa lógica de pensamento, a "Marechal" não é uma rua que está inserida no "*gueto gay*" de Osasco, ela é afastada, não há bares, boates, barzinhos próximos que possam estabelecer relações de proximidade com a polícia que criaria veladamente acordos comerciais para que não atuassem tão ostensivamente com os garotos de programa, a ponto de afastar seus clientes homossexuais.

Abduzido, Gabriel e outros sempre remetiam ao fato de ali ser periferia a grande justificativa para a ostensiva violência que sofriam por meio de coerções policiais e ataques de parte da sociedade civil.

Entretanto, as ações identificadas como mais hostis em virtude das consequências físicas, como por exemplo, ataques de grupos identificados como "noias", de *skinheads* e as violências promovidas pela própria polícia não se justificam unicamente pelo fato de ser ali um espaço da periferia.

A violência sofrida por garotos de programa da "Marechal" ocorre em virtude de não estarem inseridos em um *gueto gay* que, por meio de suas relações mercantilizáveis, lhes proporcionaria certa segurança.

Contudo, não podemos associar a violência na "Marechal" apenas ao fato de não se tratar de um *gueto gay* ou ser periferia, trazemos novamente a discussão sobre masculinidades e suas relações com as violências presentes nesse território.

Diferentemente das travestis que sofrem por representarem concretamente, por meio de seus corpos, a transgressão ao masculino, esses garotos de programa sofrem violência devido a outras formas consideradas como violação do masculino.

Eles representam virilidade, *performances* masculinas, são "comedores" e, mesmo assim, sofrem inúmeras violências sociais.

Passam por tais agressões porque, na possibilidade de terem relações dentro de quatro paredes como "passivos", violam o código da masculinidade que não permite que o ânus seja tocado, como diz NETO (2010*), o "*cú não pode sentir desejo de ser tocado, penetrado e muito menos sentir prazer".

Encontramos uma sexualidade que é estimulada (FOUCAULT, 1988), porém normatizada para relações heterossexuais, para práticas sexuais somente como "ativo" e com zonas erógenas totalmente proibidas, como o ânus, cuja honra é defendida de forma veemente, como vemos neste depoimento de Thiago:

> T - Mas atração eu não tenho [...] eu prefiro uma mulher, sempre prefiro mulher, sempre, tanto que se eu sofrer algum *bullying*: "- Você é viado, você dá o cú"... Meu, eu faço questão, que assim, se tiver no meu alcance, naquilo eu chamo qualquer polícia, qualquer coisa. – Não meu, vamos fazer um exame, porque existe um exame pra isso não existe? Pra saber se o cara já deu ou não? (Entrevista com Thiago)

Os garotos de programa vivem novamente paradoxos, pois ao venderem masculinidades e virilidade para seus clientes, colocam-nas à prova quando se expõem nas ruas, pois ao venderem uma imagem de "ativos" para seus clientes, concomitantemente representam no imaginário coletivo a transgressão anal.

São desqualificados assim como os demais, logo, a afirmação constante de suas *performances* sexuais como agentes “ativos” na relação seria uma forma de resgatar o masculino perdido ao se inserirem no contexto do mercado erótico homo-viril.

6.6 REDES SOCIAIS DE RESISTÊNCIA E APOIO PRESENTES NO COTIDIANO DE GAROTOS QUE FAZEM PROGRAMA NA “MARECHAL”

No cotidiano desses garotos que atuam na “Marechal” existem similaridades as quais PERLONGHER (1987) chamou de “bicha de retaguarda”, aquela que sabendo onde “a bicha” morava o garoto de programa não hesitava em procurá-la em situações específicas, normalmente quando diante de dificuldades, principalmente financeiras.

Nesse aspecto, não descrevemos essas redes de resistência e apoio que encontramos na “Marechal” pela presença de uma “bicha de retaguarda”.

Desvelaram-se esses tipos de redes, porém sutis, não organizadas sistematicamente. Trata-se de relações nas quais eles são socorridos diante de conflitos, perigos, ameaças ou necessidades específicas.

Essas redes são diferentes das redes de apoio mencionadas por VIANA (2010), em sua pesquisa com garotos de programa no Recife.

As redes citadas por VIANA (2010) consistiam na organização de um mercado erótico-sexual envolvendo esses rapazes, desde os espaços privados até a disposição de serviços autônomos pela rua, como por exemplo, a presença de vendedores de cachorro-quente, etc.

As redes sociais evidenciadas entre os garotos da “Marechal” são criadas por meio da possibilidade de usarem banheiros na casa de amigos, de pegarem caronas em situações de emergência, caronas essas que poderiam ser de clientes ou pessoas com as quais eles haviam feito amizade e que gostavam de frequentar o espaço onde faziam “ponto”.

Essas redes também ocorrem por meio do diálogo entre garotos de programa e alguns caminhoneiros que permitem que eles guardem seus pertences (mochilas, blusas, etc.) em seus caminhões.

A própria polícia que oprime e coage serve como retaguarda em determinadas situações, como citaram alguns sobre o privilégio de terem como clientes delegados e policiais que em situações de sufoco lhes garantem um respaldo.

Da mesma forma em que há redes sociais de manutenção do poder, existem redes (pulverizadas) de resistências (FOUCAULT, 1988). Nesse aspecto, encontramos algumas por meio de apoio mútuo entre garotos de programa e clientes, entre os próprios garotos de programa e demais atores sociais.

6.7 NOVOS CÓDIGOS, NOVAS CATEGORIAS DE GAROTOS QUE FAZEM PROGRAMA E NOVOS MODELOS DE “MASCULINOS”

Mudanças nos paradigmas sobre a homossexualidade foi ocorrendo gradativamente, tendo a participação de intelectuais e ativistas que vinham propondo novas formas de relacionamentos homossexuais.

Até então, até a metade da década de 60 em São Paulo, os modelos de relações entre pessoas do mesmo sexo consistiam na relação “bicha-bofe”, pois não se cogitava a ideia de *gays* “transarem” entre si e muitos

menos as práticas “ativo”, “passivo”, “relativo”, ou era “bofe” ou era *gay* (PERLONGHER,1987).

Nesse sentido, GUIMARÃES (2004) trouxe preciosa contribuição a respeito das mudanças na forma de homossexuais vivenciarem suas sexualidades, diferentemente do modelo heterossexual hegemônico, no qual o másculo representava o homem e sua conduta sexual “ativa” e o afeminado representava a mulher, sendo então, incondicionalmente “passivo” na relação sexual.

Hoje, a *performance* tão masculinizada dos garotos de programa, que chegou a ser até caricata na década de 70, não está sendo cultuada de forma exacerbada, pelo menos entre os garotos que fazem programa na “Marechal”.

Como já apontamos, esses garotos - mesmo os que se intitulam totalmente “ativos” e heterossexuais - comportam-se de forma natural, não exacerbam trejeitos, nem formas de andar e falar ao venderem suas imagens viris.

Suas atuais *performances* vêm acompanhadas das transformações sociais de comportamentos masculinos e femininos e das reflexões pertinentes as relações de gênero.

Considerando as contribuições de PERLONGHER (1987) e GUIMARÃES (2004), ainda encontramos modelos viris de garotos de programa, acrescentamos que hoje, a partir do contato com o campo, existem os garotos que representam a virilidade sim, contudo, existe uma maior flexibilidade na forma como compreendem suas práticas sexuais e como veem suas orientações sexuais.

Não apresentamos um quadro de nomenclaturas desses garotos porque suas sexualidades e maneiras de interagirem com seus corpos e ocupação de territórios se dão constantemente de forma plástica.

Foram desveladas algumas categorias de garotos de programa conforme seus relatos, formas de negociarem com os clientes, de se relacionarem entre si e ocuparem o espaço da rua.

Assim, é possível afirmar que encontramos garotos que se intitulam totalmente “ativos” e heterossexuais e que jamais deram o “rabo” (foram penetrados na relação sexual), como por exemplo, Tião Gavião, Gabriel, Ricardo, Folgado, Camilo, Batman, Charmoso e Loiro Fatal.

Descobrimos garotos que mesmo sendo “ativos” e jamais terem dado o “rabo”, se classificam como bissexuais, como por exemplo, Thiago, Tande, e Abduzido.

Como está posto na fala de Thiago,

> T - Hoje em dia se eu nunca tivesse saído com homem, eu era um heterossexual, mas como na primeira vez, minha relação foi com homem, hoje, eu, Thiago, com vinte e cinco anos de idade me relaciono assim... o ativo bissexual (Entrevista com Thiago)

Outros se posicionam como “ativos e passivos”, postulando-se como bissexuais quando atuam como garotos de programa e fora daquele contexto se percebem heterossexuais. Nesse caso, destacamos Relativo 1 e entendemos que suas orientações sexuais são plásticas e voláteis.

Encontramos outros que são “ativos e passivos”, relatam que fazem de tudo com o cliente na cama e não se identificam nem como *gays,* nem como bissexuais, identificam-se como homens, como vimos na apresentação de Trabalhador Braçal, Olhos Sedutores, Robin, César e Peter Pan.

No caso desses garotos que se identificam simplesmente como homens, a maneira de se autodenominarem é por meio da identidade sexual e social e não pela orientação sexual.

Também visualizamos aqueles garotos que podem ser ou não afeminados e se assumem como *gay*s, como Sarado, Romântico, Magrinho, Pedrinho, Clayton, etc.

Trata-se de uma diversidade de garotos de programa e, por meio de uma rede de sinais, interagem entre si e com os clientes por meio de códigos de condutas e maneiras de expressar-se, transitando pelos seus

desejos e necessidades em suas aventuras que podem ser planejadas ou ocasionais

Os protagonistas dessas redes de sinais não são sujeitos estanques, estáticos, imutáveis, eles se deslocam em suas relações, ocupando papéis diferentes, de acordo com o contexto em que estão envolvidos. Como diz (PERLONGHER, 1987:152) existe “um deslocamento do sujeito pelas redes do código”.

Assim, entendemos que alguns garotos apresentam-se como bissexuais totalmente “ativos” para seus clientes, vendendo a imagem como totalmente masculina, pois passam a ideia de que gostam de mulheres, que têm namoradas e que se relacionam com homens por dinheiro.

Em outros momentos, esses mesmos garotos apropriam-se e comportam-se de acordo com os códigos heterossexuais nas suas vivências familiares, de lazer, com suas namoradas, etc.

Os avanços dos movimentos sociais e das discussões a respeito da diversidade sexual desvelaram infinitas formas de se vivenciarem as práticas sexuais, as parcerias afetivas, os posicionamentos políticos, as lutas e negociações de seus direitos sociais (SÍVORI, 2007; MADEIRA, 2010).

Nesse sentido, tais avanços consequentemente possibilitaram um desdobramento das infinitas maneiras de práticas sexuais entre garotos de programa, considerando, é claro, que o maior público de clientes na prostituição viril masculina é a clientela *gay*.

KIMMEL (1998:106) afirma que as masculinidades referem-se a “um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança”.

Hoje, pelo que vimos na Marechal, existe uma flexibilidade e diversidade muito maior do que as classificações apresentadas por PERLONGHER (1987): michê-macho, michê-*gay* e michê-bicha.

Por outro lado, paradoxalmente, prevalecem ainda relações de poder, hierarquizadas pelas perpetuações de masculinidades entre eles, tendo como pano de fundo o modelo ainda hegemônico de opostos

complementares de masculino e feminino, de “ativo e passivo”, de viril e afeminado, etc.

Um modelo binário da sexualidade e das relações de gênero, fundamentado na compreensão da sexualidade considerando apenas a fisiologia e a biologia (RUBIN, 1989; HEILBORN 1999).

Esse modelo é reforçado entre garotos de programa que têm na *performance* viril a valorização de suas mercadorias, diferentemente das mulheres e transexuais que segundo JIMENEZ (2008) se prostituem e têm no corpo a maior valia de seus trabalhos.

Por sua vez, garotos de programa têm suas valorizações fundamentadas na expressão e garantia do masculino hegemônico por meio da *performance* viril, do jeito valente, bruto, perigoso, hostil ou mesmo na promoção da imagem de bom moço. Seja qual for a escolha de sua imagem social, eles são sempre “ativos”, essência do negócio da prostituição masculina.

Daí não existir uma cobrança de expectativas de seus corpos serem malhados, sarados, de estarem limpos, como ocorre no espaço privado, como por exemplo, saunas e clubes de mulheres[34].

Os espaços privados reproduzem as normas higienistas de nossa sociedade, exigindo determinadas condutas por parte desses garotos. Assim, encontramos situações em que é exigido que eles tenham uma boa apresentação social, tendo em vista as regras de determinados estabelecimentos que fazem desse código de conduta um diferencial para atrair clientes.

Já nos espaços públicos, onde podem exercer sua liberdade na totalidade, mesmo não tendo proteção diante de inúmeras violências, eles contribuem para que a sexualidade seja realmente vivenciada para além das normas puritanas, para além das relações de dicotomia entre o certo e o errado, o limpo e o sujo.

---

[34] Lembrando que muitos dos rapazes que trabalham em clubes de mulheres negam categoricamente seus envolvimentos em programas, mesmo que na prática venham a realizá-los, como aponta ARENT (2007).

Configura-se, assim, as categorias “garotos de rua”, “garotos de sauna” e, dentre os garotos de rua, há códigos que os identificam, distinguem, separam e, por vezes, agregam.

Por exemplo: os “luxuosos e cheirosos” de um lado, os “sujinhos e fedorentos” do outro, os que sabem consumir drogas e os que fazem programa só por causa da droga, etc.

Existe uma moralidade no cotidiano desses garotos profissionais do sexo, permeada por rupturas dos limites simbólicos codificados e reproduzidos por eles. Essa moralidade serve para identificarem, descreverem e afirmarem quem é ou não um “verdadeiro garoto de programa”.

Um dos limites simbólicos refere-se à forma como se relacionam com as drogas. Entre as prostitutas, aquelas que usam a venda do corpo para comprar ou obter suas drogas e consumi-las não são identificadas como profissionais do sexo (JIMENEZ, 2008). O mesmo acontece no âmbito masculino e podemos afirmar, portanto, que entre os garotos de programa esses profissionais também são discriminados.

Por meio desses discursos moralistas, eles estabelecem entre si o que FOUCAULT (1988) descreveu como a lógica do controle sobre os corpos no intuito de atender as necessidades de produções econômicas. Por exemplo, criticam aqueles que usam todo o dinheiro do programa para consumir drogas, em contrapartida valorizam aqueles que conseguiram comprar imóveis contando com o dinheiro do programa.

Notamos nessa forma de se relacionar, principalmente na “Marechal” e nos discursos referentes aqueles que transgridem suas regras, uma ação de controle sobre o outro, típica da sociedade disciplinar que dita, classifica e aponta o que é certo e errado, quem é “passivo” e quem é “ativo”, quem abusa no uso de drogas e quem tem total domínio sobre o seu consumo, e assim por diante.

Esse controle ocorre por meio de uma relação construída com base em uma rede de contatos que os garotos de programa criam entre si para identificar as diferenças, como aqueles que vão somente para “caçar” e,

principalmente, tendo a presença do cliente como o principal informante sobre quem tem o comportamento viril, quem é másculo, que não rouba, etc.

Para entender a forma como esses garotos tentam corresponder à expectativa dos clientes, independentemente da forma como sexualmente se identificam, pegamos emprestado o conceito de PERLONGHER (1987) referente aos processos de desterritorialização e reterritorialização vividos pelos garotos que ele havia pesquisado.

Esses processos significam que muitos dos garotos de programa se afastam de seus familiares, desfazendo-se de códigos e condutas sociais normatizadoras veladas pela instituição familiar e são inseridos no universo da prostituição viril onde passam a introjetar e interagir com novos códigos sociais.

Nesse aspecto, situações semelhantes acontecem com os garotos aqui pesquisados, contudo de forma não tão evidente.

O que nos chama a atenção é que eles, em sua maioria, transitam constantemente entre desterrritorializarem-se e reterritorializarem-se, uma vez que, grande parte continua vinculada as suas famílias, morando com pais ou com a esposa e filhos.

Assim, vivem constantemente entre dois mundos, reproduzindo e comportando-se de acordo com seus códigos, o que compreendemos como algo estressante na medida em que continuamente vivem polaridades territoriais, tanto no sentido social como no corporal. Configurando-se, portanto, campos de tensão em suas vidas, verbalizados como uma pressão social ou familiar.

Essas situações ficaram muito evidentes em determinados momentos como os conflitos de Abduzido, o moralismo de Thiago e Ricardo e até mesmo na relação entre Batman e Robin, que tinham o acordo de afirmarem-se como heterossexuais em seus bairros. Somam-se ainda as histórias daqueles que não eram garotos de programa, mas que viviam experiências semelhantes como as dificuldades de Camaleão.

Nesse processo de desterritorialização e reterritorialização, o julgamento familiar é uma realidade concreta, e a punição pode ser muito austera, como por exemplo, na fala de Thiago:

> "Eu sempre procurei um lado, lado assim, porque foi um dinheiro fácil, eu nunca me imaginei assim nessa vida, nunca, foi um dinheiro fácil, eu falei: "- Meu, não tô prejudicando ninguém, no caso a mim mesmo." Quando meu pai descobriu, ele ficou seis anos sem falar comigo". (Entrevista com Thiago)

6.8 AS FRONTEIRAS DAS HOMOSSEXUALIDADES VIVENCIADAS POR GAROTOS QUE FAZEM PROGRAMA NA "MARECHAL"

Assumir-se heterossexual, bissexual, homossexual ou *gay* não se trata de um ato tão simples ou voltado apenas para sentimentos, desejos e apropriações psíquicas e experiências individuais de cada garoto de programa.

Assim, colocar o gravador na boca do outro durante a pesquisa e exigir que ele identifique e classifique sua orientação sexual e, ainda por cima, sair dalí como se aquele discurso fosse verdadeiro, não alivia nossa discussão. Não colocamos um ponto final nesse debate. Ele simplesmente nos permite entender uma atitude presa a modelos classificatórios, binários (masculino/feminino, *gay*/homem, "passivo/ativo") e uma atitude pouco politizada.

Ao lançarmos questões sobre suas orientações sexuais, eles demoravam segundos para responder, muitos ficavam pensativos e somente após alguns segundos conseguiam verbalizar como entendiam suas sexualidades e como identificavam suas orientações sexuais.

Esse tempo que levavam para responder à pergunta não significava uma dúvida, até porque quando respondiam eram categóricos em suas afirmações.

O silêncio provavelmente vinha revelar a dificuldade que a sociedade tem para compreender a sexualidade humana e suas tentativas de enquadramento, engessamento e disciplinarização de como devemos ser ou não sexualmente.

Essas relações sociais permeadas pela disciplinarização dos corpos, ocorrem sempre numa lógica do sexo como fins de reprodução e retira daqueles que contrariam essa lógica o direito à fala e o direito de manifestar-se (FOUCAULT, 1988).

O dito e o não dito não deve ser interpretado como uma divisão binária, ser *gay* ou não ser *gay*, simplesmente existem várias formas de se falar sobre o que se pensa ou aquilo que está incomodando, assim como também existem inúmeras formas de não falar em virtude de suas posições sociais.

Os discursos de nossos informantes revelam que eles reconhecem que estão em uma situação de inferioridade social por estarem inseridos no mercado sexual erótico e, em específico, por estarem fazendo programas, ato que consuma a prostituição.

PERLONGHER (1987) faz uma reflexão profunda ao discutir se o garoto de programa é homossexual, traz o debate para as implicações sociais ao longo do tempo onde discute a afirmação da identidade homossexual e também considera as hierarquias sexuais hegemônicas presentes nesses contextos, nos quais os garotos de programa também estão inseridos.

RUBIN (1989) apresenta uma pirâmide social que simboliza as hierarquias sexuais em virtude das vivências comportamentais das pessoas. De um lado, criou um grupo onde reuniu pessoas que apresentam uma sexualidade considerada natural, normal, e do outro lado, pessoas cujas sexualidades seriam anormais.

A prostituição e a homossexualidade encontram-se na pirâmide da hierarquia sexual em situação inferiorizada, de acordo com as ideologias religiosa, psiquiátrica e pelo senso comum.

Considerando a pirâmide da hierarquia sexual proposta por RUBIN (1989), as práticas dos garotos de programa são classificadas como uma sexualidade anormal, pecaminosa, má, antinatural e maldita.

Conforme RUBIN (1989), suas classificações como em situação de inferioridade, justifica-se pelo fato de que eles fazem sexo por dinheiro, a sexualidade não está voltada para reprodução, praticam sexo em locais públicos (rua, becos),com objetos manufaturados, são promíscuos, etc.

Nesse sentido, o silêncio desses garotos quanto a suas sexualidades revela que no fundo eles sabem que suas práticas são criticadas, que não correspondem ao aceito socialmente e, por outro lado, também sabem ou sentem que suas experiências significam experiências e que não necessariamente devem ser rotuladas.

Todavia, as experiências de garotos de programa são descritas como oriundas do mundo de perversão no sentido de FOUCAULT (1988), carregadas então, de moralidade e críticas que os incita a manobras para entrarem e saírem desse mundo sem serem tão punidos.

Nesse aspecto, esses movimentos de esquivar-se da identidade homossexual se colocam como de extrema importância para compreendermos suas sexualidades e a forma como lidam com o masculino.

Estamos constantemente diante do dilema heteronormativo de classificarmos as vivências das pessoas e enquadrá-las em uma identidade sexual tendo como referências suas práticas sexuais.

Em um determinado momento da pesquisa, Ricardo afirmou que, às vezes, conseguia sentir prazer na relação sexual desde que o cliente tivesse um jeito bem afeminado e a “bundinha lisinha”. Mesmo assim não se identificava como *gay*, se reconhecia como homem, heterossexual, “ativo” e de certa forma demonstrava um incômodo quando colegas classificavam como *gays* aqueles “homens” que “transam” com *gays.*

> C - Mas você acha que se você falasse para seus pais ou para seus irmãos sobre essa sua atividade, eles iriam achar que você é *gay*?
> R - Com certeza, é porque a sociedade entende de outro jeito, o cara que pega homem é *gay*, entendeu? O cara que pega homem é *gay*, tanto que os meus colegas quando tá jogando bola zoa, rola umas piadinhas, homem que pega homem é *gay.* Eu fico quieto né, meu? Fico na encolha ali, só escutando.
> C - Não fala nada?
> R – Ah! Eu vou na ideia dos caras. Vou, é lógico, eu vou contrariar os caras? Eu fico quieto.
> C - Você fica sozinho ali?
> R - Se eu for contrariar os caras eu fico sozinho, né? (Entrevista com Ricardo)

Geralmente desconsideramos seus desejos, seus afetos, suas ideias em virtude da ação que tenham tido por meio de uma experiência sexual, acabamos então, normatizando que pessoas que se identificam heterossexuais não sentem prazer numa relação sexual com pessoa do mesmo sexo.

Posicionamentos como esses revelam discursos normativos entre garotos de programa que sempre negam a possibilidade de sentirem prazer numa relação com seus clientes por serem *gays*, sendo que na realidade não necessariamente o prazer não esteja presente na sua prática.

Sexualmente, somos capazes de vivenciarmos de inúmeras formas nossos sentimentos, desejos, relações sociais e práticas sexuais, porém, diante do controle social sobre os corpos, somos direcionados a adestrarmos nossa sexualidade. Estando, portanto, em zonas de estigmas, de exclusão, de clandestinidade aqueles que vivenciam suas sexualidades para além das referências heteronormativas.

No caso de garotos que fazem programas, eles ousam, experimentam, mas não necessariamente ficam confortáveis com a possibilidade de serem intitulados *gays*. Com exceção dos que admitem uma orientação sexual homossexual, não podemos identificá-los como *gays*, não

podemos ficar analisando subjetivamente o que está por trás de seus desejos, afirmando que eles são homossexuais reprimidos, etc.

Alguns autores discutem a diferença entre identidade sexual e desejo; entendem que o desejo pelo mesmo sexo ou desejo em ter relação sexual com pessoas do mesmo sexo não são condições "*sine qua non*" para uma identificação como homossexual.

Seus discursos já revelam que não são *gays*, que não se identificam dessa forma, até porque a identidade sexual automaticamente insere a pessoa em algum grupo e, no caso de HSH e de alguns garotos de programa, é justamente conforme ANTUNES (2005) aponta o não reconhecimento de pertencimento a um grupo que lhes faz esquivar-se dessa identificação.

Assim, alguns garotos de programa não se identificam como *gays* e muito menos querem estar na situação do pertencimento a esse grupo social, cujos estigmas e marcas sociais, como lembram PRADO e MACHADO (2008), colocam-nos em situações de inferioridade dentro das hierarquias sexuais.

Sabem que *gays* são criticados, satirizados e desqualificados socialmente. Assim, as afirmações do masculino e da heterossexualidade, por meio da prática sexual ativa, da negação do prazer na relação com outros homens e a justificativa da relação homossexual em virtude da necessidade financeira, servem como garantia para não serem identificados como *gays*.

Quando eu e Thiago estávamos conversando, próximo de encerrar a entrevista, dialogamos sobre a violência verbal e até mesmo física que eles sofriam quando estavam atuando na rua, pelo fato de garotos de programa serem identificados como *gays* pela sociedade.

Essas violências geralmente partiam de grupos de *skinhead*s, grupo de "noias" que iam assaltá-los, de policiais e até mesmo de pessoas que iam em grupos dentro de carros e os "xingavam" de *gays*.

Diante dessas violências, eclodem sentimentos de ordem do social, como podemos ver:

> C - Você falou uma coisa interessante, os *skinheads* são homofóbicos e terminam te agredindo por estar ali, é por que estão te classificando como (interrompida por Thiago que imediatamente completou)
> T - Como *gay*, só que nisso eles não sabem o que acontece na vida da gente.
> C – Mas, como que é essa sensação de ser identificado ou classificado como *gay* sem ser *gay*?
> T – Tá, assim, agora eu vou te fazer uma pergunta. Olha pra mim fora daquilo (referindo-se ao espaço da Marechal e sua atuação como garoto de programa), se você me encontrasse num bar, vamos supor, resumindo em tudo, dentro de um supermercado fazendo compra, você (gesticula apontando para si mesmo) pra mim, ia falar esse cara é *gay*?
> C - Não, eu ia te paquerar, ia dar uma olhada, pois você é bonito, jamais diria, não eu jamais diria. (Tento descontrair a situação que havia ficado tensa).
> T – Entendeu?
> C - Mas assim, a gente está falando de um fato social (novamente interrompida).
> T - Eu sei, eu fiz uma suposição.
> C - No dia a dia ninguém vai dizer, só vai dizer se te encontrar numa rua (eu ia completar dizendo numa rua trabalhando e novamente Thiago interrompeu).
> T - Aí vem a sua pergunta o que que eu acharia que passasse pela cabeça deles?
> C - O que passa pela tua por alguns instantes da vida ser identificado como *gay* por esse grupo, por exemplo?
> T – Pô! Se eles passarem e ficarem zoando tenho vergonha, vergonha que eu tenho, vergonha muita vergonha (nesse momento respondeu com a cabeça inclinada para baixo como se estivesse expressando o sentimento de vergonha por ser "confundido" ou identificado como *gay*).
> C - Acontece de uns passarem e falarem?
> T – É, eu tenho vergonha, tenho vergonha, vergonha, mas se me agredirem sempre perto de mim tem um pedaço de pau, pedra porque se eu levar eu debato até o último minuto. Não, não sei o que, é assim assado e tal não sei o quê ... (Entrevista com Thiago)

Não somente se protegem para não serem identificados como *gays*, como costumam reproduzir discursos preconceituosos e ações discriminatórias para com aqueles cujos comportamentos evidenciam mais rapidamente sua orientação sexual, em virtude de serem mais afeminados.

A sexualidade como dimensão política atenta nossas ações e atitudes na manutenção do discurso heteronormativo presente nas microinstituições de poder, presentes nas famílias, nas escolas, nos ambientes de trabalho, nas instituições de saúde, nos programas sociais e entre garotos de programa.

Para (RUBIN, 1989), a sexualidade como produto da atividade humana também tem suas desigualdades, o sexo seria então uma dimensão política, sendo que em determinados períodos históricos a sexualidade e tudo o que gira em seu redor passam por uma maior repressão.

Em outros, em virtude de mudanças sociais, políticas e até econômicas, a sexualidade alcança melhor visibilidade social, sendo menos conflitante a sua vivência e refletindo-se em situações mais politizadas.

Se não houvesse um controle exacerbado sobre nossas sexualidades por meio da tentativa de classificações das orientações sexuais em virtude de práticas sexuais, encontraríamos menos situações e discursos de busca de afirmação do masculino e da heterossexualidade entre esses garotos.

Com isso não estamos querendo afirmar que eles admitiriam uma identidade homossexual, estamos colocando apenas que encontraríamos menos manobras para esquivarem-se do rótulo "*gay*" e também encontraríamos com maior frequência garotos admitindo socialmente suas práticas como pessoas que fazem programas.

Para alguns a negação da homossexualidade, a afirmação da heterossexualidade, o discurso do masculino "ativo" permeado pela defesa de estarem se submetendo a relações sexuais com homens em virtude da família, da necessidade de criarem seus filhos, protege-os também das violências físicas provocadas por homofóbicos.

Assim, entendemos que não se trata somente de esquivarem-se de serem rotulados como *gays*, mas também de se protegerem fisicamente, corporeamente de violências concretas que ocorrem no espaço da rua.

Por último vale lembrar que, mesmo aqueles que se identificam como *gays* ou bissexuais, também fogem do rótulo de serem identificados como profissionais do sexo, até porque estamos falando de um trabalho não

reconhecido moralmente, cujas vivências são identificadas como das fronteiras sociais, passíveis de exclusões, punições, etc.

A sexualidade, as práticas e prazeres associados ao comportamento sexual são objetos de uma preocupação moral da sociedade, sendo as violações dessa moral tratada como falta grave (FOUCAULT, 1984).

Em detrimento do bom comportamento, aqueles que se encontram no topo da pirâmide da hierarquia sexual, geralmente os heterossexuais, são recompensados socialmente, como por exemplo, por meio de acessos a direitos sociais (RUBIN, 1989).

Em contrapartida, naqueles que se encontram inferiormente na base da pirâmide, identificamos estigmas e constrangimentos sociais como formas de punições em virtude de suas péssimas condutas.

Conforme FOUCAULT (1988), compreendemos que se trata, então, de uma relação de poder-prazer vivenciada por esses garotos, presente de formas múltiplas, o prazer de exercer o poder, o controle sobre o comportamento dos outros garotos, ao mesmo tempo o prazer de escapar do poder que a sociedade exerce sobre si, são as múltiplas formas do prazer.

Como afirma,

> Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou trasvesti-lo. Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, escandalizar ou de resistir. (FOUCAULT, 1988:45).

Assim, esses garotos diante do prazer disciplinado, posto à prova a forma como devemos ou não senti-lo, conseguem em determinados momentos de suas vidas violarem essas regras, se permitem vivenciar o prazer, seus desejos e fantasias de inúmeras formas e, para não pagarem o preço pela transgressão, buscam o anonimato, o silêncio e a omissão para serem preservados socialmente, simplesmente dobrando a esquina.

6.9 AS PRÁTICAS DE GAROTOS QUE FAZEM PROGRAMA E QUESTÕES PERTINENTES AO CAMPO DA SAÚDE PÚBLICA

Inicialmente gostaria de retomar a forma como podemos identificar esses garotos, de certa forma, eles se apresentaram como garotos de programa talvez para facilitar a compreensão sobre o que faziam naquele espaço.

Pode parecer um trocadilho o que vamos propor, mas acreditamos que devemos tratá-los como garotos que fazem programa, porque aos identificá-los como garotos de programa, estamos muito próximos de rotulá-los e enquadrá-los em perfis epidemiológicos, de olhá-los como vulneráveis socialmente e classificá-los em determinados planos de enfrentamento da epidemia da AIDS.

Eles mesmos rejeitam termos que possam rotulá-los e padronizá-los, inclusive, muitos não se identificam como garotos de programa, principalmente aqueles que encontramos e descreveram suas idas à “Marechal” como esporádicas e ocasionais.

No capítulo 2, quando problematizamos as dificuldades desses garotos se identificarem nos serviços de saúde como garotos de programa, apontamos que é como se o serviço de saúde estivesse lidando com outra pessoa.

E de fato, grande parte desses garotos é outra pessoa, pois eles não se identificam como garotos de programa, não se veem como homens que fazem sexo com homens e tampouco se consideram inseridos na prostituição.

Somente na “Marechal” é que eles se identificam como pessoas que fazem programa, ou melhor, pessoas que fazem o negócio do “prazer remunerado”.

É por isso que determinados serviços de saúde não os alcançam, porque eles estão “empacotados” e direcionados para aqueles que se identificam como michês, *loverboys*, profissionais do sexo e garotos de programa.

Nesse aspecto, os serviços de saúde restringem suas atuações em ações de prevenção, distribuição de insumos de prevenção e realização de campanhas visando o diagnóstico precoce, principalmente do HIV.

Nesse momento é importante esclarecer que não estamos negando que esses garotos precisem de melhores acessos a insumos como preservativos e gel lubrificante. Esses serviços devem continuar, entretanto, é necessário pensarmos sobre como e para quem esses insumos estão sendo distribuídos.

Também se faz imprescindível lembrar que, mesmo diversificando, ampliando serviços de distribuição de insumos e facilitando o acesso à assistência de saúde, suas necessidades não se restringem a esses serviços.

O princípio da integralidade do Sistema Único de Saúde – SUS não tem servido como diretriz para a política de saúde direcionada para pessoas que fazem o negócio do “prazer remunerado”.

Em seus discursos, desvelamos a denúncia da burocracia institucional presente nos serviços públicos de saúde. Geralmente nesses serviços, as pessoas são induzidas a falar sobre suas vidas, sobre suas práticas sexuais, sobre inúmeras questões que fazem parte do privado.

Encontramos, nesse sentido, situações de confissões por meio do controle disciplinar dos corpos, que muitas vezes é exercido pela Medicina. Situações como essa FOUCAULT (1988) denominou como “sociedade de confissões”.

Para evitarem possíveis exposições nessas unidades de saúde, alguns garotos abrem mão do acesso público da distribuição de preservativos e preferem comprá-los, até porque, serviços públicos de saúde, em vários momentos, ainda comportam-se como parte de uma

sociedade de confissões e é devido a essas confissões que alguns evitam acessá-los.

As situações de violências sofridas por esses garotos, por exemplo, apontam para a necessidade do fortalecimento de uma política de saúde que seja mais integral.

A restrição de suas necessidades como demandas de riscos às DSTs e HIV, não possibilita que evidenciem outras necessidades tão fundamentais para o ser humano.

Ao debatermos sobre as violências, destacamos o sentimento de humilhação social vivenciado por esses garotos, principalmente quando ela é promovida pela polícia.

A premissa da importância de usar preservativos em toda forma de relação sexual postulada por programas de saúde pública, não se adequam as situações nas quais garotos de programa, diante da violência de policiais, são obrigados a fazer sexo oral no outro, apenas para que as autoridades se divirtam.

Esses garotos, em tais situações, não usam preservativos e caso venham a ser infectados, serão responsabilizados como uma atitude de negligência, e não interpretada como fruto de uma violência social.

Nesse sentido, pensar sobre política de saúde voltada para prevenção deve envolver reflexões sobre essas práticas de violências promovidas por policiais.

Se a violência física promovida por *skinheads* ou grupos de “noias” deixa marcas ou sequelas no corpo, as violências verbais e sociais são registradas na memória, emergindo como sintomas de depressão, sentimentos de vergonha, agressividade, uso abusivo de drogas e outras situações que se caracterizam como sofrimento psíquico.

Esses sofrimentos psíquicos, se remetidos aos serviços de saúde mental, provavelmente serão assistidos considerando-os como questões psíquicas da ordem do individual. Assistir seus sofrimentos psíquicos considerando como algo individual é um erro, pois seus sofrimentos são construídos socialmente no confronto entre a vivência de suas

masculinidades e sexualidades e o controle social por meio da heteronormatividade.

Outra situação que se desvelou como importante para ser apontada nessas reflexões, refere-se as relações sexuais entre garotos que fazem programa e seus clientes. As suas relações com os clientes não estão fundamentadas exclusivamente na normatização de como ocorrem as infecções sexuais, elas baseiam em relações de confiança entre clientes e garotos de programa. Temos esquecido que muito mais do que envolver trocas financeiras e afirmação do masculino, seus discursos trazem, em vários momentos, a afetividade em suas relações.

De um modo geral, acreditamos que essas sejam as principais contribuições da pesquisa para a Saúde Pública, afinal, evidencia-se uma nova categoria de homens que fazem programa e as políticas de saúde não se deram conta disso.

7 DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS AOS DESAFIOS PARA A SAÚDE PÚBLICA

Nenhuma pesquisa traz informações e reflexões suficientes para representar um determinado grupo social. Peculiarmente, trazemos contribuições sobre o fazer pesquisa de campo como psicóloga, coordenadora municipal de programa de DST/HIV/AIDS, mulher transexual e academicamente envolta pelas contribuições da etnografia.

Dessa forma, ponderando as informações e reflexões trazidas ao longo do desenvolvimento deste estudo, sintetizamos algumas considerações direcionando-as para as três dimensões sociais que na introdução apontamos como interseccionadas no campo da saúde pública, que seriam: a academia, a política de saúde voltada para prevenção às DST/HIV/AIDS e, por último, a militância LGBT.

Essas considerações abrangem todas essas dimensões, contudo, por questões didáticas, procuraremos em determinados momentos focá-las com mais ênfase, ora para um segmento ora para outro.

Nossas considerações direcionam-se em primeiro lugar para as políticas de saúde, especificamente falando para os programas de DST/HIV/AIDS. Nesse aspecto, lembramos dos preservativos usados e jogados pelo chão da Avenida Marechal, eles representam a materialização das práticas de prevenção ao HIV e DSTs.

Revelam que eles têm acesso as informações relacionadas às possíveis infecções por via sexual. A grande maioria sabe como se prevenir contra as DSTs e o HIV, como também sabem como acessar os serviços públicos e que esses serviços são *lócus* de moralismo e fomentação de preconceitos.

Assim, por meio de técnicas corporais aprendidas, esquivam-se de estigmas quando acessam tais serviços de saúde, de preferência não revelando suas práticas como garotos que fazem programa.

Ainda refletindo sobre esses preservativos, eles também desvelam que usar ou não usar preservativo não é uma questão de vulnerabilidade social, significa que estamos diante de pessoas que buscam autonomia em seus corpos e nas suas formas de sentir prazer.

Por outro lado, esses preservativos jogados pelas calçadas não revelam as violências sofridas por esses garotos que fazem programa. Esses homens ou garotos que se identificam como pessoas que fazem o negócio do “prazer remunerado” sabem que atuando como garotos que fazem programa não estão correspondendo à expectativa da nossa sociedade disciplinar.

Ao praticarem o negócio do “prazer remunerado”, de certa forma, eles têm consciência de que suas vivências estão em oposição à expectativa social que seria uma sexualidade politicamente conservadora e economicamente funcional.

Eles demandam políticas que se preocupem com a formação humana, com o respeito a diversidade sexual e que compreendam que a sexualidade humana pode ser vivenciada de inúmeras maneiras. Inclusive, a sexualidade pode ser vivenciada como fazendo sexo por dinheiro, por “vício”, por “caça”.

Assim, vivem constantemente paradoxos na busca de realização de seus desejos e garantia do prazer. Esses paradoxos precisam ser pesquisados, desvelados e melhor compreendidos.

Nesse aspecto, retomamos a importância da academia na promoção de pesquisas acadêmicas como diretrizes para o fomento de políticas públicas.

Reforçamos nesse momento a importância de pesquisas que ampliem e contribuam para a compreensão da sexualidade como sendo dinâmica, social, histórica e infinita enquanto expressão humana.

Entretanto, a academia precisa rever suas diretrizes no que tange aos procedimentos éticos de pesquisa, para facilitar o desenvolvimento de trabalhos que possam realmente se aproximar das realidades e subjetividades de seus protagonistas sociais.

Mesmo sendo realizado em um determinado espaço, com determinadas pessoas, este trabalho contribui para a academia atentar-se às mudanças sociais e históricas que acontecem constantemente no universo de garotos que fazem programa.

Pensando ainda sobre o papel da academia, acreditamos que ela ainda tem sido responsável pela universalização e homogeneização na compreensão sobre garotos que fazem programa, afinal são poucas as pesquisas que abordam suas subjetividades.

Permanecendo ainda um grande número de investigações de cunho epidemiológico que restringem suas vivências ao contato com DSTs e HIV e reforçam suas demandas às suas vulnerabilidades sociais a essas infecções.

Passa longe dessas pesquisas as violências vivenciadas constantemente por esses garotos, como passa despercebido também o papel que lhe cabe nesse debate.

Esses garotos sofrem violências verbais, físicas e sociais por meio de humilhações públicas. As violências procedem no meio familiar, na rua, nos grupos em que convivem, etc.

A cisão entre corpo e mente contribui para que as pesquisas ainda fiquem restritas a vírus e bactérias que colocam em risco o corpo biológico.

Estamos falando da pessoa humana que é violentada constantemente, cujas experiências sexuais são moralmente criticadas, em que as formas de trabalhar ou conseguir dinheiro são considerados imorais.

Por serem biologicamente do sexo masculino, seus imaginários sobre masculinidades não lhes permitem denunciar e posicionar-se sobre as violências sofridas, afinal, sofrer violência é característico da mulher e do feminino, considerados socialmente como fracos e inferiores segundo a hierarquia sexual.

O principal recado para a academia é que haja maior investimento nas pesquisas voltadas para as subjetividades e, no caso de garotos que fazem programa, que o olhar acadêmico possa estar atento a violência da qual são vítimas, afinal os números a respeito de quantos garotos de programa foram infectados por HIV, gonorreia ou sífilis revelam apenas números, eles não descrevem sentimentos, desejos, códigos, redes sociais, relações de poder em que vivem e convivem esses garotos.

Quanto à militância LGBT, nossas considerações são no sentido de lembrar que a compreensão sobre o "militar", lutar e reivindicar por direitos sociais e por serviços públicos que melhor atendam suas demandas remete incondicionalmente a identificação com a causa colocada em questão.

No desenvolvimento, apresentamos alguns garotos que se identificavam como homossexuais, contudo grande parte dos garotos que fazem programa deixaram nítido um distanciamento com a identidade homossexual.

Na busca por querer incorporar mais adeptos e fortalecer o movimento LGBT, esbarramos em situações em que ativistas trazem falas que representam o engessamento social que tanto nos opomos na busca pela diversidade sexual.

Assim, postular que esses garotos são *gay*s enrustidos porque não assumem o desejo por homens ou concordar com que eles sejam inseridos em programas voltados para HSH, são formas de aceitarmos o engessamento social ratificado por rótulos e homogeneização de comportamentos.

Acreditamos que a militância deveria estar atenta a essas manobras políticas e posicionar-se mais veemente contrária a quaisquer diretrizes políticas e serviços de saúde que busquem "enquadrar" esses garotos como *gays* e posicionar-se mais criticamente e não deixar-se iludir quando ao moldarem parte desses garotos como HSH estaríamos conseguindo fazer valer direitos sociais e serviços públicos próximos de suas necessidades.

Classificados nos planos de enfrentamento da epidemia da AIDS como HSH, configuramos um pseudocenário de reconhecimento de direitos

sociais. Nesse sentido, alguns desses garotos serão assistidos por serviços públicos especializados para pessoas que fazem programa.

Entretanto, suas humilhações sociais não são visualizadas nessas assistências, configurando-se como uma situação antagônica à integralidade de seus direitos.

De um modo geral, fazemos valer também a crítica colocada à academia e enfatizamos novamente a atenção para a violência vivida por esses garotos, que tanto para a academia, para a militância e para os programas de saúde pública, torna-se uma situação de invisibilidade quanto as suas vivências como garotos que fazem programa.

Demandando também a importância da construção de uma rede social voltada para as demandas de garotos que praticam o "prazer remunerado", nesse sentido, enfatizamos a necessidade da articulação entre Estado, Academia e Movimento Social.

Colocada as considerações para essas três dimensões sociais que se interseccionam no campo da Saúde Pública e voltando o olhar para o processo de pesquisa e construção de tese, consideramos que conseguimos atingir o objetivo geral proposto pelo nosso estudo e as hipóteses norteadoras da pesquisa corresponderam à problematização a respeito das situações de visibilidades e invisibilidades vivenciadas pelos garotos que fazem programa, como questão significativa a ser estudada no campo da Saúde Pública.

Por último, gostaríamos de trazer reflexões mais próximas de minhas vivências pessoais, afinal, nessa minha aproximação com o campo que foi ocorrendo de forma paulatina, não posso esquecer que eu não atuei de forma isenta na questão do engessamento social da AIDS direcionado para a prevenção e vulnerabilidade social.

Além de pesquisadora, trabalho com prevenção ao HIV/DSTs e essas questões sempre estiveram presentes no meu olhar quando estava no campo, inclusive lembro que no início de minha pesquisa com uma de nossas fontes, Olhos Sedutores, falei que havia trazido "camisinha" e gel

lubrificante para ele e que havia deixado no carro, como ele fora embora não consegui entregar-lhe.

Posteriormente, entreguei gel lubrificante para Camaleão, preservativos para Ricardo e fiquei de retornar e levar gel e preservativos para Thiago.

Procurei ficar atenta a essas interferências das práticas de saúde que muitas vezes atendem aos dispositivos da sexualidade e normatizam comportamentos.

Se a minha história como profissional da saúde podia em alguns momentos interferir de forma negativa, por outro lado, apresentar-me como estudante da USP e trabalhadora na Secretaria de Saúde, atuando com AIDS, fez com que eles me vissem com maior credibilidade e se prontificassem a dialogar comigo.

Por um bom tempo fiquei com medo de aventurar-me no trecho que era considerado proibido e perigoso e também em determinadas situações não me senti segura para entrevistar alguns garotos que estavam na rua.

Essa insegurança se deu pelo comportamento que estavam apresentando na rua, que evidenciava já terem consumido algum tipo de droga de forma exacerbada e também pelo fato da rua estar deserta, tendo a presença somente daquele determinado garoto que transmitia um sentimento de perigo para mim.

Essa insegurança também aumentava devido à ausência de um nativo que me acompanhasse, a alta rotatividade dos garotos, a frequência não assídua e a instabilidade no número de garotos na rua; tinha dias que havia somente um ou dois garotos trabalhando e ficavam bem distantes um do outro.

Aos poucos fui superando meus medos e aprendendo a interagir naquele território envolto por códigos específicos e técnicas corporais com as quais fui me familiarizando.

O campo tem seus enigmas que somente desvela-se para quem de fato nele adentrar, conviver e sentir seu cheiro, decodificar seus ruídos, contornar seus medos, para enfim descobrir parte de seus mistérios.

Contudo, como em toda pesquisa, não conseguimos nos aprofundar em todo material. Quando já havia terminado a pesquisa de campo e estava realizando as entrevistas em profundidade, deparei-me com justificativas para atuarem como garotos de programa muito diferentes daquelas que a maioria dos pesquisadores já havia apresentado.

Uma das informações obtidas no final de minha investigação, é que atuar como garoto de programa para alguns tinha o sentido de resgatá-los de uma situação social considerada por eles muito mais grave, que seria o tráfico ou o crime.

Sebastião foi sutil e não associou diretamente o programa como uma forma de não trabalhar no “crime”, mas Ricardo foi bem explícito ao revelar que já havia se envolvido com “coisas piores” e trabalhar como garoto que faz programa era uma forma de esquivar-se dessas atividades que o colocava em grande perigo e que eram vistas como ações marginais.

Já Thiago revelou que trabalhar como garoto que faz programa era uma forma de proteger-se de atuar com “coisas piores”, dentre elas, de não se envolver com o crime, assaltos e tráfico.

Ficou uma porta aberta para próximas pesquisas que estejam voltadas para o universo de garotos que fazem programa, sendo a relação entre fazer programa e esquivar-se do tráfico um recorte a ser considerado na busca de informações.

Quero fazer ainda algumas considerações. Além de ser psicóloga e trabalhar com HIV, eu trouxe também o olhar para minha identidade de gênero, afinal eu sabia que minha transexualidade também estaria presente no campo.

Nesse sentido, em vários momentos fiquei em dúvida se eu trazia essa informação para a tese ou se a deixaria apenas como uma experiência individual, afinal como a maioria das transexuais eu também desejo a invisibilidade e pouca exposição de minha sexualidade.

Por outro lado, o sentido de fazer pesquisa e refletir sobre a visibilidade e invisibilidade desses garotos envolveu-me e me fez perceber

que, da mesma forma que eles, eu estava vivenciando momentos de visibilidade e invisibilidade a respeito da minha sexualidade.

Diria que como eles transitavam entre o dia e a noite, entre a heterossexualidade e a homossexualidade, eu também transitava por aquele espaço, afinal para alguns foi importante que eu revelasse minha identidade de gênero, para outros esta questão sequer tornou-se visível.

Posso afirmar ainda que aqueles que ficaram em dúvida quanto a minha sexualidade e questionaram se eu era mulher, travesti ou transexual, foi no sentido de buscarem uma identificação com a minha pessoa por meio do mapeamento que estavam fazendo.

Nós estávamos nas fronteiras, estigmas, preconceitos e estratificações sexuais pairavam no ar, no diálogo, nas relações e nos movimentos dos corpos, logo, a minha identificação como transexual para alguns promovia uma maior aproximação, porque em suas percepções eu também estava nas fronteiras, assim como eles.

Contudo, isso não determinou nossas relações no sentido de dificuldades e empecilhos, apenas fiquei atenta porque em determinados momentos os assédios aconteciam com maior objetividade. Eu sabia também que a minha característica como representante do feminino estaria interagindo com as respostas sobre suas masculinidades.

Afirmo categoricamente que o fato de ser uma mulher transexual não se configurou de forma tão significativa ao longo da pesquisa de campo, diferentemente do meio acadêmico e mesmo em alguns momentos como profissional da Psicologia, nos quais os preconceitos de doutores da própria Universidade e profissionais da saúde emergem por meio de olhares, comentários sutis, estranhamentos diante de minha pessoa e, principalmente, pela fatídica situação em que constantemente se referiam a mim pelo pronome ele ou por meio de adjetivos masculinos.

Nunca tive a pretensão de levantar bandeira específica LGBT, porque primeiramente me identifico como um ser humano, uma pessoa, uma cidadã, como profissional da psicologia e, por último, apresento a minha situação como mulher transexual.

Contudo, não imaginava que ao sair da invisibilidade que a maioria das transexuais vivencia em seus cotidianos e trazer essa visibilidade para o meio acadêmico me proporcionaria muito mais incômodos do que transitar pelo espaço no qual atuam os garotos que fazem programa.

Quero lembrar a resposta de Foucault quando questionado sobre qual deveria ser o papel do intelectual militante. Ele afirmou que ao intelectual não compete posicionar-se como o sábio social dando conselhos, dizendo quais os caminhos e formas para intervirmos na sociedade para melhorá-la. Para ele, seu papel é especificamente subsidiar, por meio de instrumentos, a análise.

Cumpro aqui meu papel como pessoa acadêmica e também ativista LGBT trazendo informações e reflexões que, por meio das vivências desses garotos, podemos repensar como entendemos as relações de poder, as vivências das sexualidades e como o corpo pode reproduzir, interagir e rebelar-se socialmente.

Para finalizar, trabalhar com esses garotos envolveu perigos, medos, descobertas e a principal experiência que eu posso transmitir como um conhecimento significativo para o campo da saúde pública e para as demais áreas que se propõem a estudar o ser humano e fomentar políticas públicas, é que todos nós lidamos com questões visíveis e invisíveis em nossas vidas.

Nesse sentido, não somente esses garotos que fazem programa, mas todos nós, em algum aspecto de nossas vidas, acreditamos que dobrando a esquina aquele mundo não existe mais.

REFERÊNCIAS

ADORNO, R. C. F., ALVARENGA, A. T., VASCONCELLOS, M. P.C. **Jovens, gênero e sexualidade:** relações em questão para o campo da saúde pública. In **Jovens, trajetórias, masculinidades e direitos.** Adorno, R., Alvarenga A., Vasconcellos, M. P. C. (Orgs.).São Paulo: Fapesp:Edusp, 2005. (15-29).

_____, SILVA JR, G. P. Visibilidade e invisibilidade do trabalho de garotos de programa. In DAYRELL, J., MOREIRA, M. I. C., STENGEL, M. (Orgs.). **Juventudes contemporâneas:** um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011. (163-180).

ALMEIDA, M. V. **A chave do armário.** Homossexualidade, casamento, família. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2010. 225p.

ANDRADE, L. F. Uma relação diferente entre homens e mulheres na prostituição feminina. In ARILHA, M, UNBEHAUM, S. G., MEDRADO, B. (Orgs.). **Homens e Masculinidades.** São Paulo: Ed. 34, 2001. (pg. 271-284).

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar.** Campinas: Papirus, 1995. (Série Prática Pedagógica).

ANTUNES, M.C. **Territórios de vulnerabilidade ao HIV:** homossexualidades masculinas em São Paulo. São Paulo: s.n., 2005. 152p. Tese de doutorado apresentada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho.

ARENT, M. **Gênero e Erotismo:** Etnografia de um clube de mulheres. 2007. 1v. 193p. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

ARILHA, M. Homens: entre a “zoeira” e a responsabilidade. In ARILHA, M, UNBEHAUM, S. G., MEDRADO, B. (Orgs.). **Homens e Masculinidades.** São Paulo: Ed. 34, 2001. (51-78).

ÁVILA, M. B., GOUVEIA, T. Notas sobre direitos reprodutivos e direitos sexuais. In PARKER, R. e BARBOSA, R. M. (Orgs.). **Sexualidades brasileiras.** Rio de Janeiro: Relume Dumará:ABIA:IMS/UERJ, 1996.

ÁVILA, M.B. Sexualidades e “política” na perspectiva feminista. In PARKER, R., CORRÊA, S. (Orgs.). **Sexualidade e Política na América Latina.** Rio de Janeiro: ABIA, 2003. (25-28).

BARKER, G. Homens e Igualdade de Gênero. In PARKER, R., CORRÊA, S. (Orgs.). **Sexualidade e Política na América Latina.** Rio de Janeiro: ABIA, 2003. (71-76).

BENEDETTI, M. R. **Toda feita:** o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, B.A.M. Da transexualidade oficial às transexualidades. In PISCITELLI, A., GREGORI, M.F., CARRARA, S. **Sexualidade e Saberes:** convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. (143-172).

BORGES, V. R. **Histórias Românticas na Corte Imperial:** O romance Urbano de José Alencar (Rio de Janeiro - 1840-1870). 2004. 1v. 432p. Tese (Doutorado em História)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. **Plano nacional de enfrentamento da epidemia de Aids e das DST entre gays HSH e travestis.** Secretaria de Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST e Aids. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

BUGLIONE, S. Direitos sexuais, direitos civis e Direitos Humanos – convergências, divergência e humanidades. In In RIOS, L. F. et all. **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde.** Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

DALMOLIN, B. M., LOPES, S. M. B., VASCONCELLOS, M. P.. **A construção metodológica do campo:** Etnografia, criatividade e sensibilidade na investigação. Saúde e Sociedade, 2002,11(2) (19-34).

DALMOLIN, B. M., VASCONCELLOS, M. P. **Etnografia de sujeitos em sofrimento psíquico.** Revista Saúde Pública, 2008, 42 (1). (49-54).

DARDE, V. W. S. **A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia brasileira.** Em Questão, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 223 - 234, jul./dez. 2008. http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/3109/4731 Acesso em 31/01/2012.

DUARTE, L. F. D. O Império dos Sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna. **Sexualidade:** O Olhar das CiênciasSociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

FAJARDO, G. A. G. **Erotismo masculino no imaginário de Rubem Fonseca e José Donoso.** 2006. 1v. 267p. Tese (Doutorado em Letras) Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006.

FERNANDEZ, O.F.R.L. **Coca-light?** Usos do corpo, rituais de consumo e carreiras de “cheiradores” de cocaína em São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

FERREIRA, L. R., MADEIRA, P. I. **A prostituição em hotéis executivos de Porto Alegre.** V Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo. Belo Horizonte – MG, agosto 2008.

FERREIRA, R. S. **Travestis em perigo ou perigo da Travestis?** Notas sobre a insegurança nos territórios prostitucionais dos Transgêneros em Belém (PA). Enfoques – Revista eletrônica dos alunos do PPGSA – ISSN 1678-1813, 2002.

FRANÇA, I. L. **"Cada macaco no seu galho?"** Poder, identidade, segmentação de mercado no movimento homossexual. Revista Brasileira de Ciências Sociais, fevereiro, año/vol. 21, No. 060. São Paulo, 2006.

FONSECA, C. A morte de um gigolô: fronteiras da transgressão e sexualidade nos dias atuais. In **Sexualidade e saberes:** convenções e fronteiras.Rio de Janeiro: Garamond, 2004. (257-281).

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. Trad. Lígia M. Pondé Vassallo.Petrópolis: Vozes, 1977. (280p).

_____ **Microfísica do Poder.** Org. e Trad. Roberto Machado. 11ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. (295p.),

_____**História da Sexualidade II**: O uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; Revisão Técnica: J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. 12ª ed.

_____ **Sexo, poder e a política da identidade.** Entrevista com B. Gallagher e A. Wilson, Toronto, junho de 1982; *The Advocate*, n. 400, 7 de agosto de 1984, pp. 26-30 e 58. Esta entrevista estava destinada à revista canadense Body Politic. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Pdf espaço Michel Foucault – www.filoesco.unb.br/foucault Acesso em 30/11/11.

_____ **História da Sexualidade III**: O cuidado de si. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; Revisão Técnica: J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. 9ª ed.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. 12ª ed.

_____ **O nascimento da clínica.** Trad. Roberto Machado. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994. (260p.)

_____ O Sujeito e o Poder. In DREYFYS, H. L.; RABINOW, P. Michel Foucault. **Uma trajetória Filosófica.** Rio de Janeiro: Forense,1995.

GASPAR, M. D. **Garotas de Programa** – Prostituição em Copacabana e Identidade Social. 3ª. edição, Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1994.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Guanabara Koogan: Rio de Janeiro,n 1989.

GOFFMAN, E. **Estigma:** Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOMES, R. **Sexualidade Masculina, Gênero e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008 (184).

GUIMARÃES, C. D. **O homossexual visto por entendidos.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004. (63-102)

GUIMARÃES, K., MERCHÁN-HAMANN, E. **Comercializando fantasias:** a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. Ver. Est. Fem., vol. 13, nº 3, Florianópolis, Set/Dez, 2005.

HEILBORN, M. L. Construção de si, gênero e sexualidade. In HEILBORN, M. L. (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.

_____**Entre as tramas da sexualidade.** Estudos Feministas, Florianópolis, 14(1): 336, janeiro-abril/2006.

JARDIM, D. F. Performance, produção e reprodução dos corpos masculinos. In LEAL, O.F. Org. **Corpo e Significado.** 2ª Ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.(189-201).

JIMENEZ, L. **Corpos profanos e transformados:** prostituição e prevenção em tempos de AIDS. São Paulo, 2008. 1v. 272 pgs. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2008.

_____., ADORNO, R.C.F. **O sexo sem lei, o poder sem rei.** Sexualidade, gênero e identidade no cotidiano travesti. Cadernos Pagu (33), julho-dezembro, 2009:343367.

KESSLER, F. e col. **Psicodinâmica do adolescente envolvido com drogas.** Rev. Psiquiatr., vol. 25, supl. 1, Porto Alegre, Abril, 2003.

KIMMEL, M. S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, outubro, 1998.

KULICK, D. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

LOURO, G. L. Nas redes do conceito de gênero. In LOPES, M. J, MEYER, D. E., WALDOW, V. R. (Orgs.). **Gênero & Saúde.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. (Org). Pegagogias da Sexualidade. In **O corpo educado** - Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2ª. Ed. Belo Horizonte: 2000. IBSN 85-86583-33-2 (07-34) http://groups-beta.google.com/group/digitalsource Acesso em 28/10/10.

LOYOLA, M.A. 1999. A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas, pp. 31-39. In ML Heilborn (org.). **Sexualidade:** O olhar das ciências sociais. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.

MAGNANI, J.G.C. Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole. In MAGNANI, J.G.C., TORRES, L. L. (Orgs.). **Na Metrópole:** textos de antropologia urbana. São Paulo: EDUSP; Fapesp, 1996. (12-53).

MÁRQUES, F. T. **No Cais do Corpo:** um estudo etnográfico da prostituição viril na região portuária santista. 2002. 1v. 252p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita. Araraquara, 2002.

MATTHEWS-GRIECO, S. F. Cuerpo y sexualidade em la Europa Del Antiguo Régimen. In CORBIN, A. et al. **Historia Del Cuerpo.** Madrid: Taurus Historia, 2005 Vol. II. (167-221).

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**, com uma introdução à obra de Marcel Mauss, de Claude Lévi-Strauss; tradução de Lamberto Puccinelli. São Paulo, EPU, 1974. Vol. II.

MENEZES, A. B. N. T. Foucault e as novas tecnologias educacionais: espaços e dispositivos de normalização na sociedade de controle. In: ALBUQUERQUE JR, D. M. e Orgs. **Cartografias de Foucault.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008 – Coleção Estudos Foucaultianos. (27-40).

NETO, E. N. S. **Quem come é quem engole:** a subjetividade na construção das performances de gênero entre boys de programa de Recife. Fazendo Gênero 9 – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 2326 de agosto, 2010.

OKSALA, J. **Como ler Foucault.** Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rev. Técnica: Alfredo Veiga-Neto e Karla Saraiva. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

OLIVEIRA, C. Os homens também mudam. In PARKER, R., CORRÊA, S. Orgs. **Sexualidade e Política na América Latina.** Rio de Janeiro: ABIA, 2003. (65-70).

OLIVEIRA, L. Diversidade sexual e trocas no mercado erótico: gênero, interação e subjetividade em uma boate na periferia do Rio de Janeiro. In DÍAZ-BENÍTEZ, M. E., FÍGARI, C. E. (Orgs.). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. (119-145).

PARKER, R. Enpoderamento erótico e cidadania sexual para Homens que fazem sexo com Homens e Tribos Afins. In RIOS, L. F. et all. **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde.** Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

PASINI, E. **Os homens da vila:** um estudo sobre relações de gênero num universo de prostituição feminina. 2005. 1v. 280p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

_____Sexo com prostitutas: uma discussão sobre modelos de masculinos. In DÍAZ-BENÍTEZ, M. E. e FÍGARI, C. E. (Orgs.). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. (237-262).

PASSADOR, L.H. O campo da antropologia: constituição de uma ciência do homem. In GUERRIERO, S. (Org.). **Antropos e Psique** – O outro e sua subjetividade. São Paulo: Ed. Olho d'Água, 8ª Ed. 2008. (29-49).

PELÚCIO, L. Gozos ilegítimos: tesão, erotismo e culpa na relação sexual entre clientes e travestis que se prostituem. In DÍAZ-BENÍTEZ, M. E., FÍGARI, C. E. (Orgs.). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. (71-91).

PERLONGHER, N. O. **O negócio do michê** – prostituição viril em são Paulo. Brasiliense: São Paulo, 1987.

PINEL, H. **Educadores de rua, michês e a prevenção contra as DST/AIDS**: uma compreensão Frankliana do ofício no sentido da vida. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. 436p. v.1.

PINHO, P. A. **Itinerários terapêuticos em construção.** Aids, Biomedicina e Religião. 2010. 1v. 164 Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2010.

PINTO, V. M. Abordagem sindrômica como estratégia de controle das doenças sexualmente transmissíveis. In PAULA, I. A. e GUIUBU, I. A. (Orgs.). **DST/aids e rede básica: uma integração necessária.** São Paulo: Secretaria da Saúde, 2007.

PISCITELI, A. Apresentação: gênero no mercado do sexo. **Cad.Pagu no 25** Campinas, Jul/Dez. 2005. ISSN 0104-8333

PRADO, M. A. M., MACHADO, F. V. **Preconceito contra homossexualidades.** A hierarquia da invisibilidade. São Paulo: Cortez, 2008.

PRATA, M.R. (Org.) **Sexualidades.** Rio de Janeira: Contra Capa Livraria, 2010.

RIOS, L. F. O cavalgar sem sela: desafios na promoção da saúde sexual entre homens jovens com práticas homossexuais. In **Jovens, trajetórias, masculinidades e direitos.** Adorno, R., Alvarenga A., Vasconcellos, M. P. C. (Orgs.).São Paulo: Fapesp:Edusp, 2005. (163-198).

RUBIN, G. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. En: Vance, Carole S. (Comp.) **Placer y peligro. Explorando la sexualidad femenina.** , Ed. Revolución, Madrid, 1989. pp. 113-190. *www.cholonautas.edu.pe / Biblioteca Virtual de Ciencias Sociales* Acesso em 30/10/11.

RUSSO, J.A. Do desvio ao transtorno: a medicalização da sexualidade na nosografia psiquiátrica contemporânea. In PISCITELLI, A., GREGORI, M.F., CARRARA, S. **Sexualidade e Saberes:** convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. (95-109).

SEFFNER, F. Aids, estigma e corpo. In LEAL, O. F. **Corpo e Significado** – Ensaios de Antropologia Social. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 2001.. (385-407).

SILVA, J. M. **Cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade**. Geo UERJ. Ano 10 - nº 18 - Vol. 1 - 1º semestre de 2008, ISSN: 1981-9021 http://www.e- publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/geouerj/article/view/1343/1132 acesso em 31/01/2012.

SILVA, R. A. **Identidades em contexto: um estudo da prostituição em Goiânia.** Trabalho apresentado no Congresso Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008.

SIMÕES, J. A. **O negócio do desejo.** Cad. Pagu, nº 31. Campinas, Julho/Dezembro, 2008. (1-6). ISSN 0104-8333

_____Homossexualidade masculina e curso de vida: pensando idades e identidades sexuais. In PISCITELLI, A., GREGORI, M.F. e CARRARA, S. **Sexualidade e Saberes:** convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. (414-447).

SIMÕES, J. A. ; FRANÇA, Isadora Lins . Do gueto ao mercado. In: James N. Green; Ronaldo Trindade. (Org.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos.** São Paulo: Editora Unesp, 2005, v. (309-333).

SÍVORI, H. F. Resenha sobre o livro de Vale, Alexandre Fleming Câmaro, 2008. **No Escurinho do Cinema: Cenas de um público implícito.** Mana, Vol. 7 no. 02, Scielo Brasil. Rio de Janeiro: 2001.

SÍVORI, H. F. **Ativistas e Peritos no Movimento GLTTB-AIDS ARGENTINO:** ciência e política da identidade sexual. Rio de Janeiro: 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. 242p.

SOHN, Anne-Marie. El cuerpo sexuado. In CORBIN, A. et al. **Historia Del Cuerpo.** Madrid: Taurus Historia, 2005 Vol. III.(101-133).

VANCE, C. **A antropologia redescobre a sexualidade.** Physis, 5 (1995): 7-32.

VASCONCELLOS, E. G. **Garotos de Programa.** [Entrevista a Denise Gustavsen]. Estado de São Paulo, Zap São Paulo. pg. 1, 02 de junho de 1994.

VIANA, N. J. Q. **"É tudo psicológico! Dinheiro... PRUUU! Fica logo duro":** Desejo, excitaão e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife. Fazendo Gênero 9 – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 2326 de agosto, 2010.

VILELA, W. "Homem que é homem também pega Aids?" In ARILHA, M, UNBEHAUM, S. G. e MEDRADO, B. (orgs) **Homens e Masculinidades.** São Paulo: Ed. 34, 2001. (129-142).

VILLALOBOS, J. U. G. **Geografia e Sexo:** Os discursos e práticas no território Brasileiro. Scripta Nova Revista Eletrônica de Geografia e Ciências Sociales. Barcelona – Espanha, 1999.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In **O corpo educado** - Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2ª. Ed. Belo Horizonte: 2000. IBSN 85-86583-33-2 (35-82) http://groups-beta.google.com/group/digitalsource Acesso em: 20/06/11.

WEILLER, L.G. Homossexualidades e fases da vida. In RIOS, L. F. et all. **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde.** Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

ANEXOS

CURRÍCULO LATTES

Autor:Geraldo Pereira da Silva Júnior Última atualização em: 04/11/2010

Meu nome social é Clara Cavalcante. Psicóloga, Mestra em políticas Sociais e Doutoranda em Saúde Pública pela USP-SP; Especialização em psicologia junguiana e pós-graduação em administração escolar. Experiência nas áreas: Psicologia clínica e educação, como: formação de professores para o ensino fundamental - 1a. a 4a. série, capacitação de professores ensino fundamental e médio sobre diversas temáticas, dentre elas: inclusão, sexualidade e alfabetização/aprendizagem; atuação na saúde mental (atendimento individual/grupo, diagnósticos e projetos de intervenção) e aconselhamento/prevenção às DSTs/HIV. Os temas de pesquisas acadêmicas e atuação profissional resumem-se em: juventude, promoção de saúde, prevenção sexual, políticas de proteção integral a crianças e adolescentes e prostituição.

(Texto informado pelo autor).

Nome	Geraldo Pereira da Silva Júnior
Nome em citações bibliográficas	SILVA JÚNIOR, G. P.
Sexo	Masculino
Endereço profissional	Prefeitura do Município de Jandira- SP. Rua João Balhesteiro, s/no. Centro

06600-000 - Jandira, SP - Brasil
Telefone: (11) 46199433 Ramal: 220

Orientador: Rubens de Camargo Ferreira Adorno

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (1977), Mestrado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (1992) e Doutorado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (1992). Atualmente é professor Associado da Universidade de São Paulo, e pesquisador do LIESP (Laboratório Interdisciplinar de Estudos Sociais em Saúde Pública) , atuando na linha de pesquisa "Saúde Pública, Ciências Sociais e Sociedade Contemporânea" que procura trazer a contribuição da Pesquisa Social para o campo da Saúde, através do referencial das Ciências humanas e Sociais , buscando construir um tratamento teórico para as "vulnerabilidades contemporâneas" que possam se expressar a partir dos contextos que se constituem no capitalismo tardio e articulam os contextos globais, nacionais e locais, dos marcadores sociais, do cotidiano e das mudanças que ocorrem na vida das populações. **(Texto informado pelo autor)**

Última atualização do currículo em 09/09/2011

Endereço para acessar este CV: http://lattes.cnpq.br/7427719296567082

Nome	Rubens de Camargo Ferreira Adorno
Nome em citações bibliográficas	ADORNO, R. C. F.
Sexo	Masculino
Endereço profissional	Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, Departamento de Saúde Materno-Infantil. AV. DR. ARNALDO Nº 715 CERQUEIRA CÉSAR 01246-904 - Sao Paulo, SP - Brasil Telefone: (11) 30617971 Fax: (11) 30850240